



Altrás da Máscara

Jamais revele seu nome
Jamais se apaixone
Jamais remova a máscara

Perséfone



Jamais revele seu nome.
Jamais se apaixone.
Jamais remova a máscara.

Atrás da máscara você pode ser quem quiser e realizar todas as suas fantasias mais sensuais. Atrás da máscara, o prazer é infinito.

Danielle acabou de sair de mais um relacionamento fracassado e não poderia se sentir pior. Deprimida, ela acredita que jamais se sentirá desejada novamente. É quando encontra um livro provocante e uma máscara, com um enigma e um endereço. Se for capaz de resolver o mistério, poderá fazer parte da Sociedade Mascarada, um clube restrito, onde todos se escondem atrás de máscaras e realizam seus desejos mais íntimos.

Mas Danielle vai descobrir também que há muito mais além de prazer atrás da máscara.

Atrás da máscara, você é livre.

Capítulo Um – O livro provocante

Os olhos de Danielle estavam vermelhos.

Ela lavou o rosto novamente, mas parecia que o ato só contribuía para acentuar aquela horrível marca da sua tristeza e solidão. Sentindo um começo de enjoo que a acompanhou por todo aquele final de semana horroroso, ela vasculhou o espelhinho da pia, procurando a base, a fim de tentar amenizar as evidências das lágrimas que foram sua única companhia naqueles dias.

Ainda precisava trabalhar, afinal, e não aguentaria as perguntas se notassem que ela andara chorando daquela maneira.

Não queria relembrar, não queria recontar aquela história. Fazê-lo só a tornaria ainda mais real.

Ela mesma nem conseguia acreditar que tivesse acontecido...

Não, não podia pensar mais nisso, pelo menos não agora, quando precisava sair para o trabalho. Com sorte, teria muita coisa para fazer e nem pensaria no assunto. Danielle quase riu, miseravelmente, do pensamento tolo. Era impossível não pensar, não sentir o peso daquela dor.

Aplicou mais um pouco de base e olhou-se novamente no espelho. Agora apenas parecia uma sonâmbula que dormira muito mal durante aqueles dias, não uma deprimida que chorara rios de lágrimas ao invés de descansar. O inchaço e a vermelhidão estavam amenizados e apenas pareciam uma olheira sob os olhos cor de jabuticaba. Talvez assim pensassem que ela ficara acordada o final de semana inteiro, transando loucamente, isso se ela colocasse no rosto uma boa expressão satisfeita e esgotada. Seria difícil.

Penteou novamente o cabelo, que parecia não querer ficar no lugar naquela manhã, passou um batom rosa claro e deixou o banheiro, decidida a não olhar. Simplesmente não olharia *para lá*. O banheiro ficava bem ao lado do quarto, então era algo bem difícil. Seus olhos, é óbvio, teimaram em se fixar na cama vazia. Ainda estava desarrumada, com os lençóis desalinhados. Ela nem tivera coragem de arrumá-la. Céus, ela nem tivera coragem de *dormir* ali depois daquilo. Passara as duas noites seguintes no sofá. Sentia-se patética, mas não conseguia evitar... Só de olhar para aquela cama... Doía demais.

Forçou-se a desviar os olhos, teria um longo dia pela frente e não poderia se dar ao luxo de ficar em casa, chorando. Apanhou a bolsa no sofá – ainda desalinhado, com um lençol embolado e um travesseiro amassado, manchado de lágrimas – e saiu, trancando o apartamento. Era a primeira vez que saía dali depois do que acontecera.

Seria difícil voltar.

*

Ela checou o celular quando estava no metrô. Repetiu a si mesma que era só para distrair a cabeça, afinal tinha um longo trajeto pela frente e seria pior ficar sem fazer nada, só pensando.

Mas a primeira coisa que Danielle fez, como era de se esperar, foi checar suas mensagens.

Nada. Nenhuma mensagem nova. Nem no SMS, nem no Facebook, nem no e-mail, nem em lugar algum.

O arrependimento bateu novamente em seu peito, atormentando-a como um estranho silencioso. Será que Guilherme já a esquecera? Assim tão rápido? Só se passaram dois dias...

Imediatamente a imagem do rosto dele veio à sua memória. Os olhos amendoados, os braços musculosos, tão definidos pela academia... A tatuagem no peito. Ela imaginou suas mãos passando pelo tórax dele, descendo. Imaginou aquela última noite, quando mais uma vez ela subiu pelas paredes...

Danielle teve um ímpeto de ligar para Guilherme, talvez enviar um torpedo... Chegou a digitar o número no teclado do celular. Não deveria tê-lo expulsado do apartamento daquele jeito. Talvez... Talvez fosse possível perdoá-lo, não?

Ela se arrependera no mesmo instante em que ele deixara a porta.

Será que era possível voltar atrás? *Será que era isso mesmo que ela queria?*

Danielle se imaginou contando o que tinha acontecido a alguém. A primeira imagem que veio à sua cabeça foi a de Sofia, sua melhor amiga, mas logo descartou a ideia; Sofia era cabeça-dura demais. Ela sabia muito bem o que a amiga diria: “Perdoar uma traição, Danielle? Você ficou maluca? Jamais!”.

Não. Sofia não poderia saber. Ela só dizia essas coisas porque estava toda feliz em seu casamento perfeito (e sem graça). Ela não entenderia Danielle.

E Samuel?

Samuel era um bom amigo, era o cara que sempre estava lá quando Danielle precisava. Ok, ela admitia que eles andavam um pouco distantes. A vida fazia essas coisas com as pessoas. Desde que ela se envolvera com Guilherme, afastara-se um pouco dos amigos. Era natural, não? Samuel entenderia... Ele provavelmente lhe daria um bom conselho, como sempre fazia. Ele a consolaria. No final, ele sempre se compadecia de Danielle, mesmo que ficassem afastados, mesmo que não concordasse com ela.

Antes que perdesse a coragem, ela mandou uma mensagem para Samuel. Apenas um “oi” meio tímido. Esperou. Estava quase desistindo, pensando mil coisas – inclusive em mandar um torpedo para Guilherme – quando Samuel a salvou.

“oi” ele disse de volta.

“Bora tomar um café depois do trabalho?”

Mais um minuto de espera e então finalmente o alerta do celular.

“hmm. que aconteceu?”

Ela não poderia falar aquilo por mensagem. Pensou um pouco no que dizer, observando as pessoas no metrô. Havia um casal conversando próximo à porta, a garota acariciando o rosto com a barba por fazer do namorado, uma carícia cheia de intimidade. Danielle sentiu a falta sufocante de Guilherme aplacá-la.

“tá viva?”

“Só quero tomar um café com você. Decide logo, daqui a pouco é a minha estação.”

“hmmmmmmmm. ok. 7 hrs tá bom? no shops da Paulista?”

“Beleza.”

Tentando se sentir melhor sobre o restante do dia, Danielle se levantou e logo desembarcou em sua estação.

*

Samuel não fora tão compreensivo quanto Danielle esperava. Ou desejava.

Ela não queria fazer isso, mas chorou compulsivamente enquanto contava toda a história para o amigo. Estava arrasada, ainda mais porque durante o dia espiara o perfil de Guilherme no Facebook e descobrira que ele já alterara o relacionamento para “solteiro”. Fazia só dois dias. Dois dias! Danielle acabou contando tudo ao amigo.

Ela e Guilherme estavam na cama, juntos, após uma ótima noite de

amor – era assim que ela queria pensar naquela noite, mas Samuel logo disse “pra esse cara deve ser só sexo, tá na cara que ele não tá nem aí pra você, Dani” – quando ela resolveu levantar para tomar um copo d’água. O celular dele, largado em cima do aparador da sala junto com a carteira e as chaves do carro, estava piscando. Danielle não era dessas que ficava olhando o celular do namorado e por isso mesmo se sentiu dez vezes pior quando uma curiosidade mórbida a instigou a se aproximar do aparelho. Ela agora desejava não tê-lo feito: tudo estaria bem se ela não tivesse feito essa besteira. Mas Danielle, enfim, destravara a tela do celular e lera a mensagem.

Era de outra mulher.

Uma tal de Bibi – um apelido bem estúpido e sem graça, na opinião de Danielle. Na mensagem ela perguntava quando Gui – sim, ela o chamara pelo mesmo apelido que Danielle – voltaria a vê-la. Dizia que estava com saudades. E também dizia algumas outras coisas, coisas picantes, mensagens de casal que Danielle e Guilherme também trocavam. Aquilo fora o que mais doera.

A primeira coisa que Danille imaginara fora uma cena horrível na qual Guilherme estava na cama fazendo amor com outra mulher, apenas um vulto indistinto, sem rosto, mas que provavelmente era muito mais bonita do que ela. Danielle sentira o coração rachar em dois. Ela se sentiu tonta e viu tudo em vermelho. As próximas cenas foram um borrão que ela queria apagar da memória: os gritos, o tapa estalado no rosto de Guilherme, o momento em que ele dissera que a outra era muito melhor na cama que Danielle, as lágrimas embaçando seus olhos quando a porta batera com firmeza, seca, e ela se viu sozinha no apartamento vazio.

- Nunca... nunca dá certo, Sam. Eu vou morrer sozinha.

- Não fala assim, Dani. Esse cara não te merece. – Samuel respondeu, a voz suave por um instante, mas ela se tornou mais firme e dura na próxima frase. – Ele é um canalha.

- Não... – Danielle se ouviu dizendo em meio às lágrimas. – Eu... eu o amo.

- Pára com isso, Dani, vocês não estão juntos nem há um ano.

- Foi o suficiente.

- Ele te traiu!

- Mas... mas... e se ele puder explicar, Sam?

Samuel revirou os olhos, inconformado. Ele virou o último gole do café de uma vez, parecendo irritado de verdade.

- Você não vai se arrastar de volta pra ele, vai, Dani? Não faça isso,

você pode sair por cima dessa.

- Não quero sair por cima, só quero ser feliz. – declarou Danielle.

Samuel revirou os olhos.

- Só quer ser feliz e olha só como você está. Parece que ele está te fazendo tremendamente feliz. Absurdamente feliz.

- Para, você tá falando que nem a Sofia.

- Ela diria isso mesmo. – Samuel ponderou. – Exceto que ela estaria gritando com você, mas ela diria mais ou menos o que estou dizendo.

Foi nesse momento que Danielle se levantou, quase dramaticamente. Agora, a caminho de casa no metrô quase vazio, ela se arrependia. No fundo, Samuel só estava tentando ajudá-la. Não era o que ela desejava, ela não queria ouvir palavras duras, mas ainda assim ele só estava tentando ajudá-la.

E, no entanto, o que Danielle disse a Samuel fora exatamente o contrário.

- Chega, Samuel, você não está me ajudando dizendo essas coisas.

A partir daí, o resto da noite foi um desastre total. Eles pagaram a conta e se despediram com frieza. Geralmente, quando saíam assim, Samuel a acompanhava até o metrô e esperava que ela embarcasse; eles moravam em direções contrárias na linha azul. Daquela vez, porém, Samuel anunciara friamente que iria a pé para casa – para esfriar a cabeça, ele sempre fazia isso quando queria esfriar a cabeça – e que ela deveria ir embora sozinha.

E era assim que Danielle se sentia agora: terrivelmente sozinha.

Conseguira a façanha de afastar ainda mais um dos seus pouquíssimos amigos – talvez o único naquele momento. E ela não tinha mais Guilherme. Ele estava novamente “solteiro”. Ela se lembrou das palavras de Samuel: “e ele é tão canalha que ainda se diz solteiro mesmo estando com outra!”. Danielle balançou a cabeça de um lado para o outro, tentando afastar a voz de Samuel. Ela só queria não ter lido aquela mensagem. Tudo estaria bem se não tivesse feito isso.

Sua cama não estaria vazia. Ela não estaria com aquela lembrança doce e amarga da noite de amor entre ela e Guilherme – provavelmente a última.

Danielle se abraçou, encolhendo-se no assento. Sentia-se pequena e vazia, como um antigo vaso de flores: frágil, quebrado, esquecido num canto do armário porque não serve mais, porque é imperfeito. A cidade enorme parecia esmagadora ao seu redor. Novamente a imagem de Guilherme veio à sua mente: o seu corpo bem definido brilhante de suor, a

sua expressão de satisfação quando a encharcava com seu prazer. Danielle fechou os olhos, tentando se lembrar do *seu* próprio prazer, mas parecia impossível: só havia dor onde antes existia tamanha felicidade. Como as coisas poderiam mudar tão rápido, tão bruscamente?

Ela abriu os olhos e observou o metrô. A luz acima da porta indicava que ainda faltavam três estações para sua casa. Ela não queria voltar e encontrar sua cama desarrumada e desocupada, sem a enorme presença confortadora de Guilherme. O vagão estava praticamente vazio, exceto por um velhinho sonolento e uma mulher com um livro nas mãos, que parecia mais jovem que ela e, ao mesmo tempo, mais experiente. Não, ela não era mais jovem; era mais velha, mas emitia uma aura de confiança e sensualidade que a tornava mais bela, mais jovial. E também tinha aquele ar de madura e detentora de mil segredos. Era uma mulata de ar sensual; vestia-se de maneira provocante, com sapatos vermelhos altos e um vestido preto-e-branco *vintage* curtíssimo e maquiagem para noite. As pernas eram lisinhas e torneadas, quase perfeitas. Os cabelos eram encaracolados, arrumados em penteado orgulhosamente afro. Era o tipo de mulher que chamava atenção onde quer que fosse.

Provavelmente estava a caminho de alguma balada ou um barzinho. Provavelmente encontraria um namorado ou algum estranho interessante. Provavelmente seria beijada. Provavelmente sentiria prazer ao final da noite e voltaria para casa, feliz e satisfeita consigo mesma.

Totalmente o oposto de Danielle.

Ela jamais se sentira tão miserável. Não poderia ajudar o fato de que a estranha, naquele mesmo instante, cruzara o olhar com Danielle e agora a encarava de maneira curiosa, talvez até mesmo interessada. De repente o livro que segurava não parecia mais atraente: o que realmente a intrigava era Danielle, a vários bancos de distância no vagão. Danielle, por sua vez, remexeu-se incomodada no assento. Será que a mulher era lésbica ou algo assim? Bem, se fosse, era apenas dizer que não estava interessada, certo?

A estranha agora sorria misteriosamente, ainda encarando Danielle sem dizer uma única palavra. Fechara o livro que segurava. Tinha unhas longas pintadas de preto e branco – uma unha de cada cor. Danielle desviou o olhar, meio sem jeito. Por que ela ficava lhe encarando? De repente, a estranha se levantou e não mais olhava para Danielle. Tentando não dar bandeira, ela observou a mulher pelo canto dos olhos, enquanto o metrô deslizava lentamente até parar na próxima estação. Antes de sair do vagão, porém, a mulher lhe lançara um olhar quase provocador por cima dos ombros; Danielle poderia jurar que ela tinha lhe enviado uma piscadela

cúmplice.

Foi só quando as portas já estavam se fechando que Danielle notou que a estranha havia deixado o livro que estava lendo sobre o banco onde estava sentada. Tomada por uma urgência súbita, Danielle se levantou, correu até o banco e apanhou-o, virando-se para a porta mais próxima, mas ela já estava fechada. A estranha, porém, estava exatamente do outro lado da porta, sorrindo para Danielle.

A mulher acenou enquanto o trem deslizava rumo aos túneis escuros.

Danielle abaixou os olhos para o livro que segurava. Era antigo e gasto, com as bordas puídas, uma edição antiga que certamente saíra de uma estante de colecionador ou de um sebo. No entanto, não fora isso que chamara sua atenção: a imagem da capa fez Danielle sentir um arrepio na espinha e, inexplicavelmente, um ardor abaixo do ventre.

Era o desenho de uma mulher, nua, de costas, com os pulsos acorrentados.

O título do livro era “A História de O”.

Capítulo Dois – A máscara

Danielle nunca fora uma leitora ávida.

De vez em quando, lia um livro aqui e outro ali. Geralmente obras leves de romance ou então alguns dramas de encher de lágrimas os cantos dos olhos. Mas não costumava ler muito, ainda mais quando estava ocupada trabalhando ou, principalmente, namorando. Quando estava com Guilherme não se lembrava de ter lido livro algum, primeiro porque todos os seus minutos de lazer eram destinados a *estar com ele* e segundo porque ele não gostava de ler.

Enquanto esperava chegar sua estação, Danielle sentou-se no mesmo banco onde estava a misteriosa mulher. O assento ainda estava quente. Olhou para os lados, ansiosa, antes de abrir o livro, como se aquilo fosse algo proibido. Não havia ninguém no vagão agora, exceto o velhinho dorminhoco.

Ela leu a contracapa e a orelha do livro. Ali dizia que a obra era um clássico do gênero erótico, cujo maior tema era o sadomasoquismo. Danielle inspirou longamente o ar e continuou a ler. A história falava sobre uma jovem chamada “O”, uma fotógrafa parisiense que era vendada, acorrentada, chicoteada, enfim, todas essas coisas com as quais Danielle sequer sonhava conhecer. Dizia que “O” estava sempre disponível para o sexo, qualquer que fosse ele.

Danielle fechou o livro com força, sentindo-se confusa. Não sabia o que pensar sobre aquilo. Por que aquela mulher deixara o livro ali? Pela atitude dela, encarando Danielle, acenando para ela na estação, a mulher parecia *querer* que Danielle ficasse com o livro. Ela o tinha deixado ali de *propósito*. Mas por quê? Por que uma estranha deixaria um livro com esse conteúdo para Danielle, uma completa desconhecida para ela?

Pensar naquilo ao mesmo tempo enchia-a de dúvidas, mas também de um estranho excitação. Era como estar perto de algo misterioso, talvez perigoso, mas ainda assim querer descobrir do que se trata, aquela sensação de antecipação e ansiedade que nos dá quando estamos curiosos sobre algo. Claramente o livro era *para ela*, Danielle. O que deveria fazer com ele?

A resposta óbvia era lê-lo, claro. Mas ela se sentia constrangida só de olhar para a capa, imagine *lê-lo*; resolvera guardá-lo na bolsa antes de se

levantar para deixar o trem, mas ao segurá-la, sentia como se algo pesado estivesse lá dentro, o que era ridículo, pois o livro era muito leve. Mas sim, dava a sensação de estar carregando algo pesado, um segredo proibido.

Danielle deixou o trem, que seguiu silencioso pelos túneis. Olhou em volta para a estação. Havia pouquíssimas pessoas ali, já era bem tarde. Teria que se apressar para chegar em casa, não gostava de andar sozinha nas ruas àquela hora; era algo que precisava se acostumar, pois saía tarde do trabalho várias vezes.

Ela agarrou a bolsa contra o corpo como se estivesse carregando uma bomba prestes a explodir. Era ridículo, mas quando encontrava alguém perambulando pela estação sentia-se nua, como se as os outros pudessem enxergar, através da bolsa, o que ela estava carregando. Disse a si mesma que estava sendo tola, estúpida, mas não conseguia deixar de pensar nisso. A imagem da sua mãe ia e voltava da sua mente: ela era uma senhora de certa idade, carola ao extremo, e ensinara a Danielle que sexo era algo próximo ao pecado. É claro que ela não levava isso a sério: era um pensamento antigo e ultrapassado, e Danielle já tivera namorados, obviamente, e fizera algumas coisas. No entanto, transara apenas com Guilherme.

Sua mãe não sabia disso, mas Danielle achava que ela desconfiava, já que não gostava de Guilherme de maneira alguma e tornara-se um pouco fria com a filha desde que os dois começaram a namorar. Se sua mãe botasse os olhos naquele livro, surtaria.

Graças aos céus sua mãe estava do outro lado da cidade, enquanto Danielle morava sozinha há mais de dois anos agora. Seu apartamento estaria vazio e silencioso e ninguém poderia julgá-la por estar com aquele livro. Que, aliás, ela nem sabia se iria ler.

Quando abriu a porta de casa tentou não pensar no vazio que abateu seu peito. O apartamento estava realmente silencioso. Danielle não acendeu as luzes, queria imaginar – tolice, ela sabia – que Guilherme ainda estava ali. Se as acendesse, toda sua dor se tornaria mais clara, mais real.

Danielle nem tomou banho, estava terrivelmente cansada. Apenas trocou a roupa pelo pijama, preparou um copo de chocolate quente e sentou-se no sofá, tentando relaxar. Ligou a televisão e zapeou pelos canais. Puxou o lençol; um vento frio se esgueirava pelas frestas da janela. Tomou mais um gole de leite, tentando se concentrar na televisão, mas tudo que conseguia pensar era em Guilherme.

O celular estava na mesa de centro, calado. Guilherme não movera um dedo para falar com ela. Ele a traía, ela se forçou a lembrar. Ele

provavelmente não estava pensando nela, talvez estivesse com a tal de Bibi naquele exato instante.

Ela sentia tanta falta dele...

Droga, precisava se distrair. Não podia ficar pensando nele o tempo inteiro ou enlouqueceria. Tentou se concentrar novamente na televisão, mas as imagens fluíam sem sentido por seus olhos. Bufou e virou o rosto. Foi quando viu a bolsa jogada sobre o aparador, meio aberta: dava para ver um pedaço da orelha do tal livro, como se ele estivesse ansioso para sair dali.

Por alguns minutos, Danielle apenas encarou-o, sentindo a caneca esfriar entre os dedos. Ela não estava curiosa para ler o livro, não. Apenas gostaria de entender porque aquela estranha mulher o deixara para ela. Era só isso. Quem sabe o livro tivesse algumas respostas. Não poderia haver nada de perigoso nele. Era só um livro, afinal. Que mal poderia fazer? Ninguém precisava saber que ela estava lendo. Ninguém descobriria.

Danielle depositou a caneca na mesinha de centro e se levantou. Dirigiu-se lentamente até o aparador, quase com cautela, como se o livro fosse algo vivo e pudesse antecipar seus planos. Sentindo-se tola, arrancou-o de uma vez de dentro da bolsa. Olhou por alguns instantes a imagem da capa novamente: ali estava a mulher, completamente nua e acorrentada. Era um desenho, na verdade, não uma foto, mas para Danielle isso não o tornava menos chocante. Havia algo cru e explícito ali, algo que a fazia se agitar de curiosidade e medo.

Voltou ao sofá, sentando-se o mais confortável que conseguira. Pensou em sua cama lá no quarto, mas simplesmente ainda não conseguia se forçar a dormir nela. Não sem o corpo dele ao seu lado. Aconchegou-se da melhor maneira que pôde, desligou a televisão e, finalmente, abriu o livro, folheando-o primeiramente com cuidado e, em seguida, começou a lê-lo.

As primeiras cenas mostravam a jovem da sinopse e do título, “O”, chegando a um castelo acompanhada por seu noivo. “O” foi recebida e banhada por mulheres que usavam longos vestidos que deixavam os seios completamente à mostra. E, depois de um longo ritual de preparo, “O” fora amarrada e vendada e levada para uma sala, repleta de homens, onde...

Danielle se ajeitou no sofá, tomando fôlego. Sentia novamente aquela estranha ardência abaixo do ventre. O livro era extremamente cru, mas também muito visual. Ela conseguia imaginar perfeitamente todas as cenas e, não queria admitir nem para si mesma, elas a excitavam. Algo borbulhava abaixo do seu ventre. Olhou para o relógio, já era quase uma da

manhã. Lera várias e várias páginas do livro sem perceber. Precisava dormir, tinha que trabalhar no dia seguinte. Olhou para o livro novamente. *Só mais algumas páginas*, pensou. Só até passar aquela cena.

“O” fora acariciada por vários homens ao mesmo tempo, ainda amarrada daquela maneira, outros homens além de seu noivo, desconhecidos. Danielle leu e leu, até que sentiu aquela ardência se tornar insuportável. Nem percebera que tinha aberto ligeiramente as pernas e que estas agora tremiam. Suspirava. Leu mais algumas páginas. “O” fora tomada de várias formas, tocada em vários sentidos: dedos entrando e saindo, seios acariciados por várias mãos, lábios entre suas pernas...

Sem perceber, Danielle sentiu seus próprios dedos aproximando-se de sua virilha, tocando a área ao redor. Ardia, incomodava, ela precisava dar um jeito naquilo. Não conseguia mais se concentrar na leitura. Os dedos percorreram para cima e para baixo entre suas pernas, como se tivessem vida própria. Até que...

Até que se tocou. Lentamente, carinhosamente. Estava molhada, intensamente molhada. Suspirava, trêmula. Todo seu corpo tinha espasmos, sentia-se quente, quase febril. O primeiro dedo, tímido, roçou de leve seus lábios quentes e molhados, até que entrou, com facilidade, e então tocou seu ponto especial. Danielle inclinou a cabeça para trás, nem percebia que tinha se deitado, as pernas abertas, os seios empinados e pontudos por baixo do pijama. Inclinou o ventre e penetrou ainda mais o dedo, seguido de outro, sentindo-se deliciosamente molhada, sentindo os espasmos tomarem conta de seu corpo.

Gemeu. A antecipação era quase insuportável. Estava quente, muito quente. Tremia intensamente. Gemeu de novo, dessa vez mais alto, sem se importar se alguém a escutaria. Foi então que algo quente a inundou. Sorriu ao perceber que era seu próprio prazer. Os dedos deslizaram, encharcados. Ela os removeu, lentamente, ainda sentindo aquela ardência após o gozo. Sentia-se estranhamente amortecida e exausta. Inspirava e expirava rápido, como se tivesse realmente acabado de transar.

Olhou para a própria mão, para seus dedos, molhados por seu prazer. Levou-os à boca, acariciando lentamente os lábios, provando de seu próprio sabor. Era doce.

Inesperamente, sentia-se preenchida e feliz.

*

Danielle acordou disposta no dia seguinte, apesar de ter ido dormir

bem tarde. Tomou um longo banho de manhã cedo, sorrindo ao observar a si mesma, nua, debaixo da água quente. Teve vontade de se tocar de novo, porém, agora que a noite já tinha passado, aquilo parecia estranho e até mesmo absurdo. Ela ainda sorria ao se lembrar das sensações, mas logo depois engolia em seco, sentindo-se estranhamente envergonhada consigo mesma.

Quando estava prestes a sair, lembrou-se do livro. Já estava quase na metade dele. Fitou-o: ele estava jogado de qualquer jeito sobre o lençol do sofá. Parecia chamá-la. Ela queria tanto lê-lo... Mas não podia, estava atrasada. Deu as costas, mas sentiu-o novamente, algo vivo e pulsante, então se deu por vencida e resolveu fazer uma concessão. Foi até o sofá, segurou-o entre os dedos: alisou a capa, mordendo os lábios, nervosa. E então, finalmente, colocou-o dentro da bolsa. Não sabia se conseguiria lê-lo durante o dia, mas daria um jeito. Não conseguia se separar dele.

O dia passou lentamente num borrão. O trabalho estava um tédio e ela não via a hora de ir para casa. Tentou dar uma escapadinha para ler o livro na hora do almoço, mas a equipe se juntou para almoçarem todos juntos em um restaurante japonês e ela não pôde dizer não. No entanto, não apreciou em nada a comida. Só ficava pensando no livro dentro da bolsa e imaginando as cenas que estavam ali guardadas dentro daquelas páginas, ao mesmo tempo em que se sentia constrangida ao imaginar se alguém poderia saber o que ela tinha feito e o que estava carregando. Olhou nos rostos de cada um na mesa, tentando descobrir se alguém sabia seu segredo. Depois, ficou imaginando o que aquelas pessoas fariam sozinhas, entre quatro paredes, o que será que elas pensavam, será que aquela sua colega de equipe que era tão certinha poderia se tocar sozinha à noite, como ela mesma tinha feito na noite anterior?

Durante a volta para casa, no metrô, ela se viu pensando mais e mais no livro, mas não teve coragem de tirá-lo da bolsa, no entanto. Havia muita gente no metrô, o que iriam pensar dela? Abraçou-se à bolsa como se ali carregasse um tesouro. Era o seu segredo, ninguém poderia descobrir. Ela temia o que poderiam dizer, mas também temia outra coisa: que se alguém descobrisse, de repente aquilo perdesse o brilho. Pois o fato de ser algo *proibido* tornava-o mais emocionante.

Sentia-se tola, é claro, ao pensar friamente em tudo aquilo. Não era proibido de verdade. Era uma bobagem. Ela podia fazer o que quisesse, era adulta, independente, morava sozinha. Quantas mulheres não deveriam se tocar quando estavam sozinhas? E os homens, então, eles viviam se masturbando. Ela mesma já surpreendera Guilherme uma vez, e fora uma

oportunidade para que eles fizessem algumas coisinhas juntos nesse dia.

Guilherme...

Danielle se surpreendeu ao notar que aquela era a primeira vez que pensara no namorado... ou melhor, *ex-namorado*, desde a noite anterior.

O que estava acontecendo com ela?

Ela desceu na sua estação e quase correu para casa. Ao entrar no elevador, deu de cara com uma senhorinha, vizinha ao seu apartamento, que adorava conversar. Era uma velhinha enrugadinha e simpática, e Danielle imediatamente sentiu o rosto corar, enquanto apertava inconscientemente a bolsa junto ao corpo.

- Boa noite, Dona Lourdes. – disse, apertando o botão do seu andar. Não conseguiu olhar para o rosto da velhinha; tinha a impressão de que ela poderia descobrir seu segredo apenas olhando em seus olhos. Será que ela teria ouvido alguma coisa na noite anterior? Seus gemidos?

- Boa noite, lindinha. – ela sempre chamava Danielle dessa maneira. – Você parece bem hoje, está bonita, até mesmo corada.

- É-é mesmo?

- Aquele moço bonitão está lhe fazendo bem, não? – ela lhe deu uma piscadela cúmplice. Danielle murchou.

- Nós... nós terminamos nesse final de semana. – ela se viu confessando. Algo pesado e escuro se arrastou novamente para seu peito. A expressão da idosa era compadecida.

- Oh, sinto muito, meu bem. Mas não fique triste, quem sabe vocês voltam, não? Ou quem sabe logo, logo você encontre um novo amor?

O elevador parou no andar delas. Danielle segurou a porta pesada de madeira para que Dona Lourdes passasse, ao que a velhinha agradeceu, sorrindo, e dirigiu-se ao seu apartamento. Quando Danielle finalmente trancou a porta de casa atrás de si, suspirou aliviada.

Mas um pouco de seu entusiasmo se perdera ao se lembrar de Guilherme.

A noite anterior fora a primeira vez que ela sentira prazer daquela maneira sem ele. Todas as outras vezes foram com ele, quando estavam fazendo amor ou quando Gui a tocava. Aquilo não poderia estar certo.

A voz sarcástica de Samuel veio inesperadamente à sua cabeça:

“Parece que ele está te fazendo tremendamente feliz. Absurdamente feliz.”

Danielle abriu a bolsa e tirou de lá o livro. Só de olhar para a capa ela já sentia um leve tremor. Como aquilo poderia mexer tanto com ela? Era só uma figura, era só uma história. Não era real. Aquilo até poderia existir,

mas não daquela maneira... Não em um castelo, não daquele jeito tão teatral...

Caminhou até seu quarto, lentamente. Fazia quase quatro dias que ela não olhava direito para o ambiente, apenas entrava ali correndo para pegar suas roupas. Quase quatro dias que não dormia na própria cama. Dormiria novamente no sofá aquela noite?

Os lençóis ainda estavam desalinhados. Ela se aproximou deles, lentamente. Poderia ser só imaginação, mas ainda sentia o cheiro de Guilherme impregnado ali. Olhou para o livro em suas mãos e em seguida para a cama. E tomou uma decisão.

Arrancou os lençóis, as fronhas, tudo. Arrancou-os febrilmente, enlouquecida. Em algum momento pensou ter gritado ou até rosnado. Durante todo aquele ritual, lembrou-se da mensagem no celular, dos gritos, do tapa, das palavras de Guilherme. A porta se batendo. O silêncio vazio e aterrorizante. A solidão.

Juntou tudo em um bolinho e enfiou dentro de uma enorme sacola. Depois, jogou a sacola no fundo do armário, onde ficavam as coisas que não usava há muito tempo. Fechou a porta e finalmente soltou o ar. Parecia que estava prendendo-o desde o início daquilo, desde o momento que Guilherme a deixara. De alguma maneira estranha, parecia que agora realmente conseguia respirar como se deve. O ar parecia mais limpo.

Abriu outro armário e apanhou lençóis limpos. É claro que se parasse para pensar aqueles também tinham lembranças, mas ao menos estavam só com o cheiro do amaciante agora. Precisava se lembrar de comprar novas roupas de cama. Arrumou-os sobre o colchão, alisando-os com cuidado. Quando terminou, a cama parecia outra.

Abriu sua gaveta de calcinhas e em seguida fechou-a: não havia nada novo ali, nada que não tivesse usado com Guilherme. Bufou, angustiada. Mas então se lembrou de que há umas duas semanas tinha feito compras no shopping. Procurou a sacola e encontrou-a jogada em uma prateleira. Abriu-a e encontrou uma camisola preta e sensual, ainda com a etiqueta, com uma calcinha mínima adicionando-se ao conjunto. Tinha comprado para usar com Guilherme, mas da última vez o sexo fora tão selvagem que ela nem teve tempo de colocá-la. Talvez fosse um sinal.

Tomou um longo banho quente. Debaixo do chuveiro, quase se tocou, mas preferiu esperar, sentindo novamente aquele início de ardência entre as pernas, aquela deliciosa antecipação. Ela teria seu momento. Única e exclusivamente seu.

Enxugou-se com cuidado, passou hidratante de rosas por todo o

corpo. Sua pele estava sensível e sedosa. Olhou-se no espelho, observando os seios, tocando-os. Estavam belos e firmes, redondos, ansiosos. Ela imaginou um homem sem rosto tocando-os, beijando-os. Suspirou, sentindo um tremor. Vestiu a camisola e a calcinha. Algo quente molhou-a entre as pernas ao sentir a renda da calcinha roçando-a, enfiando-se na bunda.

Quando entrou no quarto, encarou a cama por apenas alguns instantes. Era só uma cama. Era a sua cama, aliás, sempre fora sua, antes dele. Sua.

Ela seria dona do seu próprio prazer naquela noite, mais uma vez.

Sentou-se na cama, encostando-se confortavelmente em alguns travesseiros, e então abriu o livro. Lá estava “O” em novas situações sensuais. Danielle admitia que algumas coisas eram demais para ela, mas não se atinha a elas, concentrava-se apenas nas partes picantes que a faziam sentir-se excitada. Descobriu que, toda vez que imaginava “O” amarrada, vendada, sentia-se mais e mais quente, e então imaginava a si mesma em algumas daquelas situações, sendo tocada e experimentada de várias maneiras por um homem desconhecido. Era então que Danielle abria novamente as pernas e se tocava.

Aquela noite fora ainda mais intensa. Ela tomara consciência de que estava sozinha e, afinal, era independente para fazer o que desejasse. Aquilo não era nada demais. Tocou-se e sentiu novamente os dedos se encherem com seu próprio prazer, o corpo quente tremer em deliciosos espasmos até relaxar, com aquela sensação indescritível do clímax, quando seus olhos se arregalavam e sua boca se abria para soltar um leve gemido de prazer.

Danielle perdera a noção do tempo. Quando se deu conta, estava chegando ao final do livro. Fora surpreendente e, de certa maneira, perturbador, mas ela entendia a personagem. Em nenhum momento “O” fora coagida a fazer aquelas coisas. Ela permitiu que os outros a dominassem. Ela gostava daquilo. Não era errado, apenas era uma nova maneira de sentir prazer.

No entanto, quando estava prestes a fechar o livro, encontrou algo preso cuidadosamente na última página. Era uma máscara feita de renda, uma espécie de lingerie, negra, extremamente sensual. Estava presa em um plástico colado ao papel. Danielle removeu a máscara da página com cuidado. Era incrível e parecia lhe trazer novas sensações. Havia algo ali, algum segredo perigoso e sexy que a atraía. Examinou a máscara com certa reverência até que viu que, no livro, havia ainda algo mais.

Era um cartão. Simples, negro, com as letras enfeitadas em branco e vermelho.

*Se esse livro lhe excitou, se você se identificou... Junte-se a nós e descubra
novos prazeres.
Use a máscara.*

Havia ainda três frases mais abaixo, em uma letra diferente.

*Jamais revele seu nome.
Jamais se apaixone.
Jamais remova a máscara.*

Não havia mais nada exceto um endereço.

A máscara agora parecia estranhamente pesada nas mãos de Danielle.

Capítulo Três – Liberdade

Aquela noite, Danielle amarrou a máscara ao redor dos olhos e encarou-se no espelho. Ainda vestia a lingerie negra e estava corada e molhada de prazer e suor, então a visão que teve no espelho foi surpreendentemente *sexy*. Ela sentiu uma excitação nova e incomum ao ver a si mesma daquela maneira. A máscara de renda cobria de maneira sensual seus olhos escuros, mas também escondia boa parte do seu rosto, deixando visível apenas um pedaço do nariz e os lábios avermelhados. Era surpreendente e perturbador; de repente, ela parecia *outra* pessoa. Alguém que ela não reconhecia.

E se ela não reconhecia a si mesma... imagine os outros?

Sentiu novamente uma excitação que veio acompanhada de prazer e perigo. O medo borbulhou em suas veias, surpreendentemente excitando-a. Quem seriam aquelas pessoas? Por que logo ela, Danielle? Por que aquela mulher no metrô a tinha escolhido? E o que seria isso? Um clube? Uma sociedade secreta? Era ridículo só de pensar. Ela nunca pensou que esse tipo de coisa existisse. Era algo para os filmes, os livros... ficção. Danielle tirou a máscara e sentou-se na beirada da cama, completamente desperta e confusa.

Seria como o castelo de "O"? Um lugar onde as mulheres se entregariam e passariam por todas aquelas experiências sexuais? Danielle tremeu. Não sabia se era porque tinha medo ou... porque talvez quisesse aquilo.

Até agora, lendo o livro, era tudo só uma brincadeira. Ela estava sozinha em seu quarto, segura entre as quatro paredes do seu apartamento. Começaram a passar por sua cabeça todas as cenas, todas as coisas às quais aquela personagem se submeteu. Será que ela queria tudo aquilo?

Ela imaginou toda a dor e sentiu-se arrepiada. O que era aquilo? Medo? Ansiedade? Excitação? *O que ela estava pensando?* Ela não estava seriamente cogitando a possibilidade de... ir àquele lugar, estava? Parecia loucura, mas...

- Chega! – ela disse para o quarto vazio, completamente frustrada. Juntou o livro, o cartão e a máscara. Seu primeiro impulso foi colocá-los em um saco e livrar-se deles no dia seguinte, mas ao olhar novamente para

aquilo, o livro que tinha lhe dado experiências fantásticas e aquela peça tão misteriosa, a máscara de renda... tão bela... Não teve coragem, então apenas jogou tudo dentro do armário e voltou a se sentar na cama. Bateu os pés no chão, inquieta.

Deitou-se, levando as mãos à cabeça. Imediatamente teve o pensamento tolo (ou seria lascivo?) delas acima de si, amarradas à cama. O que estava pensando? Fechou os olhos, tentando pensar em outra coisa, mas as imagens pareciam se sobrepor umas às outras em sua mente, torturando-a. Sentia novamente aquela ardência abaixo do ventre consumindo-a, exigindo que ela fizesse algo.

Levantou-se, dirigiu-se ao banheiro, lavou o rosto com água fria. Olhou-se no espelho. A máscara não estava ali e, olhando-se assim, de cara limpa, de repente sentiu-se estranhamente vazia. Aquela era Danielle, a solitária Danielle, que acabara de perder o namorado e se masturbava sozinha em seu apartamento porque não tinha ninguém.

Ninguém.

Há poucos minutos estava vibrante, cheia de ansiedade para dar prazer a si mesma. Como agora estava pensando daquele jeito? Aquele livro... a máscara... o cartão. Era como se eles pulsassem dentro do armário, cheios de vida e... *emoção*. Olhou-se novamente no espelho: a imagem refletia uma Danielle sem graça. Era isso, sua vida era sem graça. Mesmo com Guilherme. Faltava algo. Aventura.

Mas fazer aquilo já era demais, não? Ir de encontro a um endereço qualquer impresso em um papel misterioso, que veio junto a um livro erótico e uma máscara sensual? Era loucura, não? Era mais que isso, era perigoso.

Mesmo assim, Danielle correu até o armário. Pegou as três coisas, jogou-as sobre a cama. Buscava o cartão; pegou-o e, em seguida, fez o que toda pessoa com o mínimo de noção faz em pleno século XXI.

Consultou a internet.

Ligou o notebook e sentou-se com ele na cama, os objetos ainda jogados sobre o lençol. Abriu o navegador e acessou o Google. Mas... o quê procurar? Não havia um nome, apenas o endereço e aquelas frases...

Resolveu primeiro buscar o endereço. Era a única coisa realmente concreta naquilo tudo. Acessou o Google Maps e digitou-o. O que apareceu foi um ponto no mapa no coração do bairro da Liberdade, talvez um pouco próximo à Sé. Tudo o que ela sabia sobre o bairro era que ele era um reduto de japoneses. Mesmo morando em São Paulo fora até lá apenas uma ou duas vezes e só caminhara pelas imediações do metrô, procurando artigos

japoneses. Que lugar era aquele? Que lugar ali poderia abrigar um grupo erótico secreto – ou o que quer que aquela loucura significasse?

Mudou a visualização do mapa para o modo Street View, observando as fotografias da rua. Elas mostravam um lugar completamente normal, talvez apenas velho, como era a maioria das ruas do centro da cidade. O número indicado no endereço correspondia a um prédio enorme e antigo, que parecia abandonado. O que era aquilo, algum tipo de brincadeira de mau gosto?

Danielle quase fechou o notebook num impulso, mas havia ainda as palavras do cartão. Digitou na busca: “Jamais revele seu nome. / Jamais se apaixone. / Jamais remova a máscara.” e apertou ENTER. O resultado foram links aleatórios que não tinham nada a ver com sua pesquisa. Ela passou por páginas e mais páginas até desistir.

Era aquilo. O endereço era sua única pista.

A curiosidade a inundava. O que fazer? Ela não iria àquele lugar, iria?

Deitou-se com aquela dúvida na cabeça. Quando já estava exausta de tanto pensar, sem conseguir pregar o olho, tomou uma decisão. Iria até lá, durante o dia. Era o mínimo que poderia fazer.

Só depois de tomar essa decisão foi que conseguiu dormir.

Passou todo o resto da semana ansiosa. Foi só na sexta-feira que conseguiu dar uma escapadinha na hora do almoço para sua perigosa brincadeira de detetive, como ela andava chamando aquela maluquice em sua cabeça. Durante todos aqueles dias – ou melhor, noites – tentou esquecer o assunto, guardá-lo no canto da memória assim como tinha guardado aquelas coisas no canto do armário. Porém, elas sempre voltavam, e na noite anterior ela se vira vestindo novamente a máscara e encarando-se no espelho, apenas de calcinha e sutiã. Tocara-se ali mesmo, encarando-a si mesma, ou melhor, aquela estranha mascarada. Era surpreendentemente emocionante. Depois daquilo, guardou novamente tudo no armário, prometendo a si mesma que resolveria aquele assunto o quanto antes.

Dispensara Samuel, que propôs almoçarem juntos no shopping e deixou de almoçar para pegar o metrô em direção à Liberdade. Ela não trabalhava muito longe, o que foi um alívio, pois não queria dar na cara do que estava fazendo aos colegas de trabalho. Era uma bobagem, sabia,

ninguém tinha como descobrir o verdadeiro motivo daquela escapadinha, ela poderia dizer que foi comprar um presente ou que quis almoçar em um lugar diferente. Mas ela sabia também que suas mãos suariam e tremiam à mera possibilidade de alguém lhe perguntar onde estava.

Quando deixou a estação, viu-se no meio de uma multidão. Havia gente de todo tipo, não apenas orientais, como ela imaginara. Havia também muitos vendedores ambulantes, jovens em roupas extravagantes, transeuntes andando para lá e para cá com sacolas de compras. Passou por uma barraquinha de comida e pegou um cachorro quente, só para o seu estômago parar de roncar, e começou a seguir o mapa que tinha imprimido no serviço.

Andou uns bons quinze minutos por ruas sinuosas que ficavam cada vez mais vazias à medida que caminhava. Quando finalmente chegou ao endereço, sentia o coração aos pulos. Não deveria ter engolido tão depressa o sanduíche, pois agora seu estômago conversava com ele, movido à ansiedade. Parou bem em frente ao prédio, do outro lado da rua. Observou-o por alguns minutos. Afinal, ele não parecia tão abandonado de perto. As imagens do site deveriam estar desatualizadas. Tampouco era moderno, apenas estava conservado. Havia luzes nas janelas e um entra e sai ocasional da portaria. Enchendo-se de coragem com uma inspiração longa de ar, Danielle resolveu entrar.

Havia uma senhora idosa sentada atrás do balcão da portaria. Ela lia uma revista, com os óculos na ponta do nariz. O lugar era pequeno, a despeito da enormidade do edifício. Havia um elevador antigo no final do corredor, um sofá puído e revistas ultrapassadas em um aparador. Um painel com vários nomes montados com letrinhas brancas descascadas estava na parede. Mas havia muitos espaços vazios. Na verdade, parecia um edifício comercial em decadência.

- Boa... boa tarde. – Danielle cumprimentou, hesitante.

A idosa ergueu os olhos da revista e forçou os olhos para encarar Danielle.

- Boa tarde, mocinha. – disse ela com uma voz surpreendentemente firme. – Vai para onde? Qual andar?

A boca de Danielle estava seca. Ela não tinha planejado aquilo, não tinha inventado o que dizer. O que faria? Sentiu o cartão no bolso traseiro da calça jeans queimando como se estivesse em brasa. Não poderia mostrá-lo, ainda mais a uma velhinha como aquela. E se ela percebesse do que se tratava? E se fosse esperta o suficiente para sacar que era algo... algo erótico? Sexual? O que pensaria dela? Ela tinha idade para ser mãe de

Danielle. Na verdade, ela até *parecia* a mãe dela, exceto que seus olhos eram azuis e ela tinha uma postura ereta e firme. Sua mãe andava toda curvada, era até mais baixinha por causa disso.

- Eu...

- Não tenho o dia todo, meu bem. – disse a velhinha, voltando os olhos novamente para a revista. Danielle, desesperada, aproximou-se mais do balcão, apoiando nele as mãos trêmulas e suadas. Precisava dizer alguma coisa. Qualquer coisa.

- Eu recebi um cartão com esse endereço. Pediram para que eu viesse aqui... hã, para uma entrevista de emprego. – ela inventou. – Mas... mas a empresa era confidencial e...

A idosa ergueu os olhos, baixando os óculos até a ponta do nariz e encarando Danielle diretamente, como se a analisasse. A jovem sentiu o ar deixando os pulmões. Teve vontade de sair correndo dali. Quase fez isso quando a mulher disse:

- Pode parar, meu bem. Não precisa dizer mais nada. – em contraste ao desespero de Danielle, a mulher sorria, perspicaz. – Não precisa ficar branca como um fantasma, menina. Sei muito bem do que está falando. Mas, vamos, mostre-me esse cartão agora.

A voz dela era dura como uma rocha e soava como uma ordem. Danielle permaneceu ali, paralisada, olhando-a. Será que aquela *velhinha* sabia mesmo do que ela estava falando? Será que ela deveria ir embora correndo sem olhar para trás?

- Vamos logo, meu bem, já disse que não tenho o dia inteiro. Você quer ou não saber do que se trata o cartão negro? – a mulher disse com veemência, estendendo a mão. “Cartão negro”? Como ela sabia que era um cartão preto?

Ainda trêmula, Danielle resolveu entregar o papel. Puxou-o do bolso traseiro da calça e, hesitante, estendeu-o para as mãos gordinhas e enrugadas da velha, que sorriu. Um sorriso misterioso e cúmplice. Ela passou os olhos rapidamente pelo cartão, como se não precisasse lê-lo. Como se o *conhecesse*.

Estendeu-o de volta a Danielle, que o apanhou e rapidamente o escondeu novamente no bolso. A mulher riu.

- Você recebeu a máscara, meu bem?

Danielle assentiu, nervosa. Seu corpo inteiro tremia e ela sentia as penas bambas feito geleia. Não se lembrava de quando tinha se sentido assim, tão ansiosa. Provavelmente fora com Guilherme. Dane-se Guilherme, o que significava aquilo? Era real? Seria possível que fosse?

- E o que achou do livro? – perguntou em seguida a mulher, tirando os óculos e largando-os sobre o balcão, como se fossem desnecessários. Apoiou-se despojadamente ali, encarando Danielle com atenção. – Vamos, diga, menina, perdeu a fala?

- Eu... eu gostei.

- Leu até o final? Não me diga que é uma daquelas ansiosas que pulam páginas e encontrou a máscara e o cartão por acaso.

Danielle negou com a cabeça. Como a mulher a incitava com o olhar, resolveu falar, em uma voz tímida e tremida.

- Não. Eu li tudo.

- Ah, é mesmo? Então me diga, o que “O” faz no final do livro?

Danielle engasgou. Era embaraçador. Ela coçou a cabeça, sentindo-se sem graça de dizer aquelas coisas a uma idosa que se parecia com sua mãe. Era desconcertante.

- Ela... ela se deixou marcar. – Danielle começou, hesitante. – Vestiram-na com... com uma máscara de um pássaro. Todos a tocaram em uma festa.

A velha sorriu.

- Certo, menina, e o que você achou disso tudo?

- Como assim? O que eu achei? – Danielle perguntou, realmente confusa.

- Sim. Diga-me, em uma palavra, o que significou essa cena para você.

- Uma palavra? Só uma? – a mulher confirmou, sorrindo. Como usar apenas uma palavra? A cena significara tantas coisas. Primeiro Danielle a achara degradante, mas havia também um quê libertador e sensual nela. Ela até lera resenhas sobre o livro em blogs na internet, as opiniões eram controversas, mas ela gostava de algumas que diziam que “O”, afinal, fizera tudo aquilo porque realmente *quisera* fazê-lo. Era uma escolha.

Danielle sentou-se no sofá antigo, pensando. Olhou para a velha, que ainda a encarava, o sorriso no canto dos lábios, os olhos perscrutando-a. A jovem olhou para a porta aberta, para a rua. Era um enigma. Mas era tão subjetivo! Uma palavra, somente uma palavra. O que aquela cena significava?

Foi então que a resposta estalou em sua mente, como se estivesse ali o tempo inteiro.

- Liberdade? – perguntou, hesitante.

A velha apenas sorriu largamente. Ela fez um sinal para que Danielle se levantasse e se aproximasse do balcão. Então, num sussurro, disse:

- A sociedade se reúne todos os sábados, às nove da noite. Você tem que estar aqui nesse horário, entendeu? Não pode chegar atrasada. Pode chegar um pouco antes, mas a reunião só começa às nove. Você vai se postar ali – ela indicou uma árvore frondosa que havia na esquina. Danielle olhou-a e imaginou-a à noite. Deveria ser bem ermo ali. – e somente ali. Não fique em nenhum outro lugar, se errar, não vai entrar. Não adianta tentar entrar por essa porta, ela estará trancada. Há várias entradas, cada vez você vai entrar por uma diferente e jamais saberá qual usou.

Danielle assentiu, tentando não se apavorar com todas aquelas informações. Tentando não se apavorar com aquelas palavras insanas, misteriosas e extremamente perigosas. Enquanto a velha falava, ela se imaginava ali, à noite, sem saber o que aconteceria, que lugar era aquele, que pessoas eram aquelas. Ela teria coragem? E se fosse algo horrível? E se a matassem, torturassem, sei lá? Ela sentiu que todas as preocupações que sua mãe tagarelava estavam penetrando em seu cérebro como veneno, mas ao mesmo tempo sentia uma estranha excitação, um fervor nas veias e uma curiosidade insana. Ela ainda tinha mais um dia, um dia e meio, na verdade, para decidir. Ela não precisava vir. Não estava assinando um contrato, não é? Era só uma conversa. Só isso.

- Você está me entendendo? – perguntou a velha de repente. – Você não pode vir *sem* a máscara, ouviu bem?

- Como assim?

A velha suspirou, exasperada. Estalou os dedos na frente dos olhos de Danielle, impaciente.

- Não sei quem a escolheu, mas você precisa estar mais esperta, menina. Isso aqui é sério. E você não vai poder contar a ninguém. Ninguém mesmo. A menos que convoque um novo membro, mas só os experientes o fazem e você é uma iniciante.

- Hã... certo. Eu estou ouvindo.

A mulher bufou, desacreditando.

- Pois bem, você vai vir usando a máscara. Posicione-se debaixo da árvore e espere. Use algo provocante. E lingerie para noite, claro.

- Cer... certo.

Era surreal ouvir aquelas palavras de uma mulher tão idosa, mas ela tinha um trato firme e um olhar duro, que mantinha Danielle presa às suas palavras.

- É claro que você não estará dentro da sociedade até a iniciação. – a mulher completou. – Mas isso sua madrinha irá lhe explicar.

- Eu... – Danielle hesitou, sentindo os lábios horrivelmente secos. –

Eu estou assumindo um compromisso? – ela finalmente perguntou. Sentia-se ao mesmo tempo atemorizada e aliviada por finalmente colocar em palavras a pergunta. Foi nesse momento que, finalmente, o sorriso da mulher se tornou um pouquinho mais brando.

- Não, meu bem. É uma escolha, sempre é. Você pode nunca mais voltar aqui. Você pode vir e depois nunca mais querer voltar. E você pode ficar para sempre. Apenas saiba que, agora que veio, não terá outra chance. Nós não vamos esperar. Ou você vem amanhã ou nunca mais. – ela completou, novamente dura. – Agora ande, vá, que não tenho o dia todo.

Ela, então, como se nada tivesse ocorrido, colocou novamente os óculos e voltou a ler a revista, parecendo transformar-se magicamente em uma velha frágil e encurvada.

Danielle deixou o lugar sentindo o estômago borbulhando de medo e excitação. Não olhou para trás. O que faria?

Tinha apenas um dia para decidir.

Capítulo Quatro – Fênix

Passava das seis horas da tarde e Danielle ainda não tinha a mínima ideia do que fazer.

No dia anterior, voltando daquele lugar misterioso, ela mal prestara atenção ao trabalho. Tudo parecia cinza e sem graça. Tomou várias broncas do seu superior; um homem jovem, de olhar duro e muito, muito exigente. Danielle o detestava; para ele, nada, nunca, estava bom. Mas, naquela tarde, ele tinha um pouco de razão. O problema era que ela sabia que não conseguiria se concentrar em nada, mesmo se tentasse. O fim do expediente chegou como uma onda de alívio, e ela logo correu para a liberdade da rua.

No entanto, não conseguia escapar de seus pensamentos.

Não tinha a mínima ideia do que fazer. Ao mesmo tempo que pensar em ir àquela reunião misteriosa a deixava trêmula da cabeça aos pés – e ela até o momento não sabia se era por curiosidade ou medo –, Danielle sentia um enorme vazio ao imaginar a outra opção: não ir. A velha foi muito clara: aquela era sua única chance. Se não fosse dessa vez, jamais entraria.

Ela poderia ir só uma vez e ver como era, não? Mas... mas e se fosse uma armadilha? *Pare com isso, Danielle, você está assistindo muito CSI.* Mas poderia ser perigoso, não? A cidade estava cheia de perigos, era o que sua mãe sempre dizia. E tudo aquilo era bem suspeito.

Mas toda vez que Danielle pensava no perigo sentia como se suas entranhas estivessem pegando fogo. Enquanto ponderava o que fazer durante aquela noite de sexta-feira, essa sensação avassaladora a perseguiu e a encurralou de tal maneira, que ela só teve uma alternativa para saciar sua onda de desejo. Vestiu-se com uma lingerie sensual, colocou novamente a máscara e encarou a estranha mascarada à sua frente. Sentindo-se livre, ela se tocou frente ao espelho e, novamente, encheu-se de um prazer solitário.

Quando terminou, porém, sentiu-se vazia.

Ela queria mais. Mais do que se masturbar, mais do que aquele gozo solitário. Todas as vezes que se tocava imaginava outros homens, homens sem rosto, sem nome, tocando-a, prendendo-a, inundando-a de prazer...

O dia amanheceu sem uma resposta. Danielle andava inquieta pelo apartamento, de um lado para outro, sem conseguir se concentrar em nada

mais do que aquele pensamento fixo, aquela obsessão. Só conseguia imaginar, de mil maneiras, o que aconteceria se fosse àquela reunião. Até sonhou com ela, um estranho sonho arriscado e sensual; nele, estava deitada em uma cama, os punhos amarrados à sua cabeceira, e um homem que ela não conhecia a lambia como ela nunca sentira. Danielle acordou molhada e quente, trêmula e ofegante. Ela quase sentia o gozo e, quando se tocou por cima da calcinha, ele estava lá, tão vívido como se aquilo não fosse um sonho de verdade, mas tivesse realmente acontecido.

Passou todo o dia tensa, sem conseguir pensar em outra coisa que não aquilo. Quando olhou pela janela e viu o dia escurecer lentamente, sentiu que precisava tomar uma decisão. O peso dela a oprimia como se um milhão de cordas estivessem ao redor do seu corpo. Mas ela era livre para decidir. E sabia que, mesmo que tivesse mais tempo, a dúvida ainda seria a mesma, e tudo seria difícil de qualquer maneira.

Eram quase sete e meia quando ela finalmente se levantou da cama.

Abriu o armário e procurou sua melhor lingerie. Dessa vez, pouco importava se tinha ou não usado com Guilherme. Ela estava tão apreensiva que nem conseguia pensar nisso naquele momento. Encontrou, no fundo da gaveta, um conjunto vermelho com detalhes em preto, cheio de rendas, com algumas franjas no sutiã e na calcinha que ela conhecia a sensação ao tocar a pele. Eles arranhavam delicadamente, excitando-a só de imaginar. Procurou também um vestido e encontrou um bem colado ao corpo, de um tom escuro que variava entre o vinho e o negro. Separou sapatos do mesmo tom. Espalhou tudo em cima da cama, inclusive a máscara. E finalmente se decidiu.

A noite estava fresca. Danielle agradeceu a si mesma pela ideia de trazer um casaco. Na verdade, ela o vestira por pura vergonha de andar com aquele vestido provocante no metrô. Mesmo assim, algumas pessoas, especialmente os homens, olhavam-na com uma atitude lasciva no rosto. Ela se encolheu dentro do casaco, tímida. O que ela estava fazendo? No que estava se metendo?

Sentiu-se ao mesmo tempo aliviada e tensa por deixar a luminosidade do vagão quando chegou à estação da Liberdade. Não conseguia deixar de pensar que estava mais perto, que ainda poderia voltar, fugir... Mas que também apenas alguns metros a separavam da solução daquele mistério. A bolsa pequena ia bem apertada junto ao corpo; ali dentro havia apenas alguns objetos que ela cuidadosamente separou em casa, julgando se deveria ou não levá-los. Chave, celular e documentos, claro, mas além disso o cartão com o endereço, o livro e... a máscara.

Decidiu que só a vestiria quando chegasse à rua. E esse momento, quando vestiria a máscara, seria, de fato, o momento que decidiria tudo.

Ela refez o mesmo caminho que fizera no dia anterior, porém, às oito e meia da noite, as ruas eram vazias e escuras e, à medida que avançava, cada vez mais ermas e silenciosas. Danielle sentia o coração bater descompassado e olhava a todo momento por cima do ombro, apavorada que fosse assaltada ou coisa pior. Ela não tinha esse costume de sair sozinha àquela hora, exceto quando saía com Guilherme, mas aí estava com ele... Ali, estava sozinha. E se alguém aparecesse? E se...?

Deixe de ser tola, disse a si mesma. Ela justamente estava indo para a boca do perigo. Não fazia nenhum sentido ficar assustada daquela maneira, certo? Ou será que ela estava assustada porque estava cada vez mais próxima e, *ah meu Deus, é só virar mais uma esquina e estarei lá...*

E estava. Ali estava o enorme prédio antigo, com a portaria trancada. Nada de velha dessa vez. Mas a árvore que ela apontara estava lá: enorme, suntuosa, com seus enormes galhos que agora pareciam negros de tão escura era a noite.

Era só atravessar a rua. Só mais alguns passos. Nunca fora tão difícil...

Danielle apertou a bolsa contra o corpo.

Era agora ou nunca.

Puxou a máscara negra de renda de dentro dela. Inspirando longamente o ar, como se inspirasse coragem, Danielle vestiu a máscara.

E estranhamente se sentiu uma pessoa diferente.

Mordeu os lábios e colocou um pé à frente do outro. Mais um passo, mais outro. O sapato estalava no concreto. Outro passo. Só mais um. Parou. Girou o corpo, observando a rua vazia. Um ou outro transeunte passava ao longe, na maioria das vezes, com pressa. Olhou o relógio: faltavam dez minutos para as nove.

Danielle arfou. Chegou mais próxima ao tronco da árvore, como se ele fosse capaz de protegê-la. A renda da máscara pinicava em alguns pontos do seu rosto, mas ela não se importou. Isso só a deixava mais ansiosa. Ela ouvia a própria respiração ruidosa. Sentia frio. Sentia medo. Ouviu vozes animadas ao longe e viu, na calçada do outro lado, virando a esquina de outra rua, um grupo de quatro amigos rindo e caminhando. Eram dois casais. Isso a acalmou por um instante. Observou-os enquanto dobravam a esquina e desapareciam na escuridão.

Foi quando a última risada desapareceu na noite que aconteceu.

Danielle sentiu algo em sua boca, impedindo-a de falar, de respirar.

Demorou alguns segundos para perceber que era uma mão: firme, pesada, coberta por uma luva negra. Ao mesmo tempo, sentiu todo o corpo retesado, preso por um braço comprido e poderoso que a abraçava tão forte que era como se fosse feito de ferro.

Ela não conseguia se mexer. Não conseguia emitir um único som.

Foi então que ouviu o sussurro grave em seu ouvido.

- Diga a palavra.

Ela soltou um gemido. Não conseguia falar, ele tapava sua boca, era um homem, com certeza era. Céus, o que estava acontecendo? O que ela fora fazer ali? O que fariam com ela?

- Eu vou soltar seus lábios, mas não a soltarei. – disse a voz. – Se você gritar, tudo estará acabado. Você poderá ir para casa, mas jamais poderá voltar. Entendeu?

Danielle respirava descontroladamente. Seu peito subia e descia em um ritmo alucinado. Mesmo assim, tonta e apavorada, ela ouviu aquelas palavras e estas despertaram algo em sua mente. As palavras da velha: se não aparecer amanhã, jamais poderá voltar... Era sua única chance.

Ela sabia que estava louca. Que aquilo era insano. Mas, mesmo assim, assentiu com a cabeça.

Lentamente, quase de um jeito *sensual*, o homem afrouxou o aperto em sua boca. Danielle voltou a respirar pela boca, ruidosamente, como se tivesse corrido uma maratona, como se jamais tivesse respirado como deveria. Os dedos revestidos pela borracha negra *acariciaram* sua pele, seu rosto, seus lábios. E então desceram até seu pescoço, onde ali pararam, apertando-o suavemente. Ela ainda conseguia respirar, mas estava entregue nas mãos daquele estranho. Completamente vulnerável. Era uma demonstração de poder, de domínio. E ela estava submissa... por completo.

- Diga a palavra. – ele repetiu.

E, miraculosamente, apenas uma palavra flutuava na mente de Danielle:

- Liberdade... – ela sussurrou, rouca, mal reconhecendo a própria voz.

- Muito bem. – disse a voz do estranho. Ela sentia a respiração quente dele em seu ouvido, em seu pescoço. Sentiu quando ele lambeu o lóbulo de sua orelha. Ela não conteve um gemido. O que ele faria agora? – Você vai vir comigo. Nós estamos esperando.

Nesse momento, ela sentiu um tecido suave sobre os olhos. A escuridão tomou conta de seus sentidos.

Estava vendada.

Alguém a sentou em uma cadeira. Danielle ouviu uma porta se fechando e, então, o silêncio. Queria desesperadamente tirar a venda, mas algo a impedia. Talvez fosse medo, talvez fosse curiosidade. O homem que a trouxera até ali dissera para que ela não a removesse, mas apenas a deixara ali, sentada, e depois se fora. Danielle colocou as mãos no colo, arranhando as coxas com as unhas, nervosa, esperando. Ela detestava esperar. Sentia-se agoniada, tensa; parecia que mil formigas caminhavam por seu corpo.

Onde será que estava?

Ela não viu nada durante o caminho, apenas contou dentro da cabeça e achava que tinham andando por, no máximo, uns cinco minutos. O homem a conduziu com firmeza, segurando-a pela cintura, um toque intenso que ela jamais sentira antes. Era como se, naqueles minutos, ela pertencesse a ele, para depois ele sumir como em um sonho. Ela levou as mãos ao rosto, mas deteve-se. Olhou para baixo, por uma fresta da venda. Estava escuro, ela só conseguiu enxergar os próprios seios subindo e descendo sob o vestido, arfantes. Conseguia ouvir a própria respiração ruidosa na sala silenciosa.

Já estava quase desistindo quando ouviu o ruído da porta se abrindo e, então, sapatos batendo contra o piso. Eram femininos, ela tinha certeza. Danielle retesou-se, encostando-se à cadeira, tensa. Imaginou como se pareceria ali, vendada, as mãos no colo, usando aquela roupa. Que olhos estariam lhe observando?

- Você pode tirar a venda agora. – disse a voz.

Era mesmo a voz de uma mulher, Danielle tinha acertado. A jovem rapidamente arrancou o tecido dos seus olhos, sabendo que tinha desarrumado o cabelo ao fazer isso. No entanto, a curiosidade era maior.

Seus olhos encontraram os olhos extremamente escuros da mulata que ela vira no metrô aquela noite, a do livro. Danielle arfou. A mulher ainda tinha o mesmo ar confiante e maduro, o mesmo penteado afro, os cabelos encaracolados apontando para várias direções, ornamentados com um lenço negro, que se confundia com a cor dos fios. Usava um longo vestido preto-e-branco. Parecia um daqueles modelos antigos, que se viam nas novelas de época na tevê, mas o vestido tinha alguns detalhes que o diferenciariam de qualquer modelo de antigamente: o primeiro era que seu decote era ousadíssimo, mostrando partes da pele negra brilhante da mulher até a barriga. O outro detalhe era que a saia só era tecida de um

lado, na frente havia um rasgo enorme, que ia desde acima dos joelhos até os pés, deixando à mostra as pernas torneadas e extremamente sensuais da mulata.

Ela também estava mascarada. Sua máscara, no entanto, era branquíssima e parecia feita de seda. Seus olhos negros se destacavam atrás do tecido.

Mas Danielle a reconheceria de qualquer maneira. Era uma mulher inesquecível.

- Fico feliz que tenha aceitado meu convite. – disse a mulher, puxando uma cadeira e sentando-se de frente a Danielle. A saia caiu ao seu redor como um véu quando fez isso. Ela cruzou as pernas e foi impossível não notar que estava sem calcinha. – Seja bem-vinda.

- Como assim... você me convidou? Você quer dizer... aquele dia, no metrô?

A mulher assentiu.

- Serei sua madrinha daqui para frente, se quiser continuar na sociedade, é claro. Pode me chamar de M.

- M?

- Sim. Aqui nós usamos codinomes. Você não irá revelar seu nome a ninguém, nem a mim. Você pode escolher o que quiser. Uma letra, uma palavra, um apelido. O que quiser. Lembre-se do juramento da sociedade que estava no cartão: “Jamais revele seu nome. Jamais se apaixone. Jamais remova a máscara.”

Danielle se viu sem palavras. Um nome?! Ela jamais imaginara um nome pra ela. Aquilo tudo era quase surreal demais para acreditar. Ela olhou ao redor e viu que estavam em uma sala pequena, sem janelas, nem decoração e duas portas, uma de frente a outra. Estavam sentadas exatamente entre elas, de costas para as saídas.

- Mas... ainda não entendo... você disse que me convidou? O que quer dizer com você ser minha “madrinha”?

M sorriu. Parecia ainda misteriosa, como da outra vez que Danielle a encontrara, mas agora tinha um ar de tranquilidade. Talvez quisesse passar isso para Danielle. Deixá-la calma para... o que quer que viesse depois.

Seu coração saltava no peito. Ela ainda poderia fugir? Ela queria fugir?

- Sei que são muitas perguntas e vou responder ao máximo que puder delas. Sim, eu a convidei e, por esse motivo, serei sua madrinha. O livro era um convite. Você passou no teste, chegou até aqui. Agora resta passar pela iniciação.

Danielle tremeu. A velha também mencionara aquela palavra. O que ela teria que fazer? O que fariam com ela?

- Não se preocupe. – M sorriu. – A iniciação é apenas um evento para apresentá-la aos outros membros.

- Mas... o que eu terei que fazer?

M fez um pausa, como que esperando o momento certo para desferir as palavras.

- É simples. Você terá que se entregar. Libertar-se para o prazer. Essa será a prova que precisamos para saber se você quer realmente ser... livre.

*

M a conduziu por uma sala enorme cheia de vestidos antigos, como o dela. Ela explicou que na sociedade toda a semana eles tinham eventos em que os membros se reuniam e vestiam roupas de acordo com o tema. Naquele sábado, eles se vestiriam com roupas de época. M apenas não comentou que eram roupas de época eróticas, parecia não achar necessário esclarecer aquilo, era muito óbvio. Danielle analisou várias peças e todas tinham algum detalhe picante como o dela. Havia os mais variados estilos. Quando deu por si, percebeu que estava boquiaberta.

- As fantasias são uma maneira de sermos livres para o prazer. – M disse com um tom de reverência. – As fantasias, as máscaras. Aqui você pode ser o que quiser.

Danielle acabou escolhendo um vestido vermelho escuro, com algumas pedrarias. M sorriu ao ver o modelo, como se aprovasse. Danielle perguntou onde poderia se trocar, mas a mulher não se mexeu, apenas ergueu as sobrancelhas.

- Onde posso me trocar? – Danielle repetiu.

- Eu sou sua madrinha. Se não consegue ficar nua na minha frente, como espera ficar nua na frente dos demais?

- Mas eu nem a conheço! – Danielle disse, engasgada. Ela viu os olhos negros de M revirarem-se entediados atrás da máscara.

- Você não conhece ninguém aqui dentro. Todos somos estranhos. – ela fez uma pausa súbita e mordeu o lábio inferior. – Você está pronta para isso? Se não estiver, posso dispensá-la agora mesmo. Você pode ir embora quando quiser. Como eu já disse, está livre... até mesmo para não ser livre.

Danielle abraçou-se ao tecido suave do vestido, sentindo-se confusa. Ela sabia exatamente o que M queria dizer. Ela se entregaria a um estranho.

Possivelmente, ela transaria com alguém aquela noite. Teria prazer com essa pessoa. E jamais saberia seu nome ou conheceria seu rosto.

Mas então se lembrou do rosto de Guilherme e de como, apesar de todo tempo juntos, no final acabou por não conhecê-lo de verdade. Lembrou-se da humilhação que sentira. E lembrou-se das noites solitárias no apartamento, quando se imaginou tocada por estranhos e chegou ao prazer...

Inspirou o ar profundamente e olhou com determinação para M. Não seria covarde. Iria com isso até o fim, nem que fosse apenas por uma noite.

Começou a despir-se. Primeiro o casaco, que M recolheu e pendurou em uma arara vazia. O vestido foi retirado, lentamente, em seguida. O coração de Danielle parecia querer saltar do peito quando olhou para M, só de lingerie. A mulher a analisou de cima a baixo e Danielle se sentiu em um teste; e as suas estrias? E a sua barriguinha, que se tornara maior após o término do namoro, por causa do chocolate? No entanto, a mulher apenas sorriu, sem nada dizer, e pendurou também seu vestido, entregando a peça vermelha para Danielle.

Foi difícil colocá-lo e ela soube que não conseguiria fazê-lo sem a ajuda de M. Era todo rendado. Seus seios estavam cobertos por uma faixa vermelha de seda, porém seus braços, sua barriga, todo o resto era coberto apenas por uma fina camada rendada transparente. Ela teve que tirar o sutiã também, porque o vestido não fora feito para utilizar um. Seus seios saltaram para fora, sendo cobertos apenas por aquela faixa de seda vermelha que na verdade parecia apenas cobrir seus mamilos excitados. M apertou bem o corpete, e Danielle viu seus seios tornarem-se mais eretos, altivos, quase pulando para fora do decote. Ela mal conseguia respirar, mas estranhamente se sentia muito, muito sensual.

A saia era de um tule vermelho escuro, quase transparente. Era longa e arrastava no chão, mas era possível ver toda a extensão de suas pernas. M sugeriu que ela tirasse a calcinha também, mas Danielle não se sentiu preparada. Ainda bem que estava usando uma calcinha da mesma cor e bem sexy, ou se sentiria ridícula. Esperava se sentir ridícula, mas não foi isso que aconteceu quando M a colocou na frente de um espelho. Estranhamente, sentiu-se bonita como jamais se sentira.

- Você já escolheu um nome?

Danielle se olhou no espelho, observando cada detalhe. Exalava vermelho. As mangas bufantes e transparentes caíam graciosas e longas quando abria seus braços. Parecia um pássaro. Sorriu.

- Fênix.

M ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

- Posso me chamar assim? – Danielle a questionou.

- É claro, Fênix. Aqui você pode ser o que quiser.

Capítulo Cinco – A iniciação

M conduziu Danielle a um salão tão grande, que ela mal acreditava que ainda estivessem no mesmo prédio. Era todo decorado para parecer aqueles cenários renascentistas que ela só tinha visto em filmes. Nunca imaginaria que um dia poderia estar em um lugar como esse, com aquelas roupas... Era como ter voltado no tempo. Havia pelo menos umas duzentas pessoas no salão, todas vestidas a caráter: as mulheres com aqueles enormes vestidos, sempre com decotes ousados e fendas cada vez mais provocantes nas saias – quase como uma competição sensual; os homens, por sua vez, usavam um pouco mais de roupa, ternos e trajes de época, cheios de babados e chapéus, mas a maioria deles revelava, por baixo dos tecidos, formas ousadas que certamente não revelariam no século passado ou retrasado.

Todos, sem exceção, usavam máscaras.

Danielle se retesou quando vários olhos a observaram com lascívia quando ela e M entraram – masculinos ou femininos. O que estava fazendo ali?, ela se perguntou pela milésima vez. Sentia um arrepio na espinha que não sabia dizer se era prazeroso ou doloroso. Lembrou-se do livro, aqueles enormes salões, os vestidos, tudo se assemelhava à história do livro. E havia aquela cena, quando O é apresentada aos homens... e tudo que ela tinha passado depois disso. Danielle engoliu em seco. *Ela estava mesmo fazendo aquilo?* Olhou de lado para M, que apenas sorriu enigmaticamente.

- O que eu faço? – sussurrou, sem jeito.

- Apenas se liberte – M aconselhou, mas não fora clara, como sempre. Percebendo o olhar intrigado de Danielle, ela acrescentou, um pouco divertida, um pouco irritada: – Caminhe pelo salão. Converse com as pessoas. Dance. Entregue-se. *Viva*.

E depois de dizer isso evaporou no meio de toda aquela gente para apanhar uma bebida, deixando Danielle sozinha. Ela praguejou baixinho; se M era sua madrinha, não deveria apresentá-la ou algo do tipo? Ou, sei lá, ser mais *presente*, pelo menos? Inspirou fundo, buscando se acalmar. As imagens do livro iam e vinham na sua cabeça, e ela não sabia decidir se gostava do que imaginava ou não. Mas tinha ido até ali, não tinha? Então agora iria até o final. Não poderia voltar à solidão deprimente de seu apartamento. Era agora ou nunca.

E ela não precisava ficar mais de uma noite, não é? Se não gostasse, poderia ir embora, não poderia?

A exemplo de M, Danielle – *Fênix*, precisava se lembrar que agora era esse o seu nome, pelo menos ali – começou a caminhar pelo salão, tentando não se sentir estúpida (ou nua!) com aquela roupa que usava. Era pesada, mas inexplicavelmente a fazia se sentir uma nova pessoa, uma personagem de um livro ou de um filme, talvez. E isso a incentivou a distribuir alguns sorrisos, a permitir que sua mão fosse beijada por alguns homens charmosos, mas fez questão de não se demorar em nenhum. Apanhou uma bebida – *champagne de verdade!* – e continuou a caminhar pelo salão, sentindo o gosto borbulhante de estrelas na língua e nos lábios. Lambeu-os quando percebeu que um homem a observava, e ele ergueu a própria taça para Danielle, como um convite. Ela ignorou, sorrindo por dentro – aquilo até que era divertido!

Algumas pessoas dançavam. Danielle gostava de dançar, fazia aulas quando adolescente, mas depois parou, com toda a correria do trabalho e da vida. Podia não ser uma exímia dançarina, mas ao menos não pisaria em nenhum pé desavisado se tentasse um ou dois passos no salão.

- O que preciso fazer para despertar sua atenção? – perguntou um homem com a voz rouca, segurando-a pelo braço bruscamente. Danielle parou, observando-o entre temerosa, ofendida e curiosa. Era o mesmo homem que oferecera a taça a ela há poucos instantes. A moça encarou a mão dele apertando seu braço esquerdo e, após isso, ele a soltou, mas continuou sorrindo, como se aquilo não o abalasse. – Você me ignorou quando passou por aqui da primeira vez. Nem ao menos permitiu que eu beijasse sua mão.

- Não seja por isso – Danielle a ofereceu, tão ligeira e desinibida que, por um momento, mal acreditou que fosse ela mesma. Não era mais Danielle, afinal. Danielle tinha ficado para trás. – *Fênix*, encantada.

Ela sorriu mentalmente ao se lembrar de séries e filmes antigos. Aquilo pareceria cômico se não fosse por suas roupas e pelo olhar duro e penetrante que o homem mascarado lhe dirigia. Ele usava uma casaca preta elegante, camisa branca engomada e chapéu preto que lhe cobria os cabelos claros. Parecia um anjo malvado.

- Adrian – ele respondeu, beijando longamente sua mão. – Você é uma inicianda, *Fênix*? Nunca a vi por aqui.

Danielle engasgou. *Mantenha a postura.*

- Sim – tentou manter a voz firme.

- De M?

Ele olhou para um canto e, buscando o que ele observava, Danielle finalmente encontrou M; estava recebendo carícias no pescoço de uma bela mulher, que pelo cabelo e pelos olhos atrás da máscara parecia ser oriental.

- Exatamente. – Danielle confirmou, voltando a observar os olhos penetrantes do rapaz. Ele não era muito mais velho que ela, provavelmente estava também na casa dos trinta. Mas os olhos... tão duros, tão brilhantes, tão...

Oh, meu Deus, o que ele está fazendo? Seu coração disparou. Ele se aproximou de Danielle, sua boca a centímetros de seu ouvido, e sussurrou:

- Entregue-se, Fênix. Seja minha.

A voz dele arrepiou toda a sua espinha. Ele exalava um perfume forte, almiscarado, e novamente segurou seu braço com força, forçando seu corpo seminu a encostar no dele. Seu corpo era quente e exalava um cheiro que Danielle associou imediatamente a sexo. Ela se lembrou das palavras de M: *“Você terá que se entregar. Libertar-se para o prazer. Essa será a prova que precisamos para saber se você quer realmente ser... livre.”*

Seria ele? Aquele estranho? *Não seja estúpida, todos são estranhos aqui.* Ele lhe passava uma estranha sensação, que ela não sabia definir. Seria medo? Ele era sensual, com certeza. Bonito, bem apessoado. Sua pegada, sua mão firme em torno do seu braço, seu perfume, sua respiração em seu pescoço...

E aqueles olhos.

Mas era só uma noite, não era? Ela viera ali por isso. Para se libertar. Para viver uma fantasia. Para sentir prazer.

Era só sexo.

Então era isso que faria.

- Sou sua. Por essa noite, Adrian. Só por essa noite.

Ele sorriu maliciosamente.

- É o que vamos descobrir, Fênix.

*

Adrian a levou para a pista de dança, contrariando o primeiro pensamento de Danielle, que pensou que ele a puxaria para algum canto escuro ou algo sujo do tipo. Mas não. Ele a conduziu como uma dama, delicadamente e com elegância, até o meio do salão, onde segurou a mão direita dela com uma suavidade surpreendente. No entanto, sua outra mão se posicionou na cintura de Danielle e parecia pressioná-la com vigor, de um jeito extremamente possessivo e dominador. Ela sentiu quando seu

corpo grudou no dele – ele a puxou de uma maneira que ela se inclinou, talvez por culpa dele, talvez por sua, ela não sabia, mas o fato era que sua bunda parecia mais empinada e seus seios também, roçando na roupa de Adrian. A mão dele em suas costas desceu, tocando-a de leve nas nádegas. Danielle sentiu o corpo inteiro se arrepiar e, inesperadamente os mamilos enrijeceram debaixo do decote.

Ah, o que ele vai fazer?

Adrian sorriu. Seus olhos ainda pareciam duros, até mesmo perversos.

- Relaxe... – ele sussurrou. – Eu a conduzo daqui pra frente.

Ela não conseguiu responder. Ficou sem palavras, sem ar. Nunca, em toda sua vida, um homem a tratou daquela maneira. Como se ela lhe pertencesse. Como se a desejasse por inteiro...

E ele a conduziu. Primeiro pelo salão, rodopiando, fazendo-a girar como uma pluma. Uma música clássica tocava (Mozart? Chopin? Ela não saberia dizer, não entendia nada daquele tipo de música), e a melodia, junto às mãos de Adrian, ao mesmo tempo suaves, ao mesmo tempo fortes, faziam-na sentir o corpo mais leve do que nunca em toda sua vida. Ela se esqueceu do mundo, esqueceu da vida, das pessoas, das tristezas... e apenas dançou... e voou.

Até que parou.

E então se ela se viu com o rosto colado no de Adrian, os olhos presos um no outro, aqueles olhos claros, intensos e frios que pareciam amarrá-la com força.

- Venha comigo.

E, pela segunda vez, ele a conduziu, agora por entre os rostos difusos que os observavam e sussurravam, pelos lábios que estavam colados uns nos outros. Ele a segurava com firmeza pela mão, puxando-a, levando-a por corredores desconhecidos e escuros, escadas e salas, até que...

Adrian abriu uma porta enorme, dupla, toda ornamentada. Ela se sentiu em um castelo. Será que ainda estava naquele edifício? Será que sequer ainda estava em São Paulo, no ano de 2014? Porque bem que poderia estar no passado, em um lugar distante que só aparece nos livros, e ela nem saberia a diferença.

As portas duplas revelaram um quarto enorme, todo em tons de negro e vermelho. Ele tinha móveis antiquados de madeira, um tapete ornamentado e fofíssimo, cortinas que balançavam misteriosamente ao sabor do vento. E uma cama de dossel gigantesca, com lençóis de seda

brilhantes e da cor de rubis. Uma cortina fina, de tule avermelhado e quase transparente a envolvia.

As portas se fecharam com estrondo, quebrando o silêncio. Ela se virou para Adrian, que a observava com malícia e cobiça.

- Você é minha, Fênix?

Danielle respirou fundo, procurando um ar que lhe faltava. Era o vestido apertado ou o olhar penetrante de Adrian que o roubavam? Seu peito subia e descia rapidamente. Adrian não deixou de notar isso e sorriu.

- Essa noite – Danielle respondeu, sentindo o estômago borbulhar mais do que a champanhe cara. Seu coração parecia que poderia saltar do peito. – Só essa noite.

Ele sorriu novamente, um sorriso perigoso e, quando ela menos esperava, arrebatou-a num susto, os braços fortes em torno dela, a boca tomando-a com possessão. Danielle fechou os olhos, sentindo um beijo intenso como jamais sentira; ela inclinou a cabeça para trás à medida que ele puxava mais e mais seu cabelo, enquanto seu outro braço a apertava com força, e seus corpos, colados, uniam-se em antecipação.

Adrian roçou com os dedos sua bunda para, em seguida, apertá-la com força e obrigar Danielle a erguer-se. Ele a levantou e Danielle agarrou-se a ele com ambas as pernas, flutuando no ar – ou pelo menos era essa a sensação. Ela sentiu que ele caminhava, mas o beijo não parou em nenhum instante, cada vez mais sedento, as línguas competindo entre si, mas acabou por penetrar e explorar sua boca por completo, arrancando suspiros inevitáveis de prazer. Ela mal sentia o ar. Era como se não respirasse. Era como se fosse capaz de morrer, dali a pouco, apenas com um beijo.

Ela sentiu a seda fina em suas costas quando ele a jogou na cama. Logo, seu corpo pesado e grande estava sobre ela, impedindo-a de se mover, e o beijo não parava, impedindo-a de respirar. A mão, cheia, aberta, apertou com força e determinação seu seio esquerdo, sem nenhum pedido, sem nenhum pudor. *Era realmente como se ela fosse dele, ali, agora.*

Imediatamente, Danielle sentiu algo molhado e quente abaixo do ventre e a sensação ao mesmo tempo incômoda e prazerosa de algo ardente, que precedia o gozo. Estava irremediavelmente excitada por um homem que ela não conhecia, um estranho misterioso de olhos duros e perigosos.

Adrian parou o beijo, o suficiente para que pudessem respirar, e ela viu seus olhos frios por trás da máscara. Ela quase protestou, mas se deteve. Ainda sentia-se quente por dentro e queria mais, muito mais.

- Feche os olhos.

Por um instante, ela hesitou. O que ele ia fazer com ela?

- O que você...?

- Feche os olhos – seu tom era duro, como uma ordem. Ele lembrou alguma coisa... ou alguém. – Agora. E não diga nada.

Ela assim o fez. E sentiu, logo depois, o peso de Adrian abandonar a cama. Ele estava deixando-a? Ela quase abriu os olhos. Como? Agora? Mas ele não poderia deixá-la ali, daquela maneira! Ela sentia o ventre arder, esperando, antecipando... ela *precisava* de uma conclusão. Suspirou e, antes que pudesse dizer algo, sentiu a mão dele, ligeiramente fria, pressionada sobre seus lábios, calando-a.

- Eu disse para não dizer *nada*.

Ele diminuiu a pressão, soltando-a. Ela sugou o ar, arfante, sentindo o corpo tremer. No entanto, tudo aquilo, estranhamente a deixava ainda mais excitada, ansiando pelo que aconteceria em seguida. Era quase a mesma sensação de aventura, medo, prazer e antecipação que ela sentira algumas horas antes quando esperava para entrar naquela loucura. Mas era mil vezes mais intenso. Era real, assustadora e excitantemente real.

O que ele vai fazer?, ela não parava de se perguntar, em silêncio. *O que ele está fazendo?* E, enquanto pensava, sentia-se apenas mais e mais quente, mais ansiosa, mais próxima do êxtase.

Ela sentiu, pela segunda vez naquele dia, um tecido fino sobre os olhos e soube no mesmo instante que estava sendo novamente vendada. Sentiu também os dedos frios de Adrian tocando-lhe o rosto, brincando com seus lábios entreabertos. Em seguida, sentiu suas mãos fortes acariciando lentamente seus seios, o que a fez suspirar, passando delicadamente por eles, alcançando então as axilas. Ele a fez erguer os braços acima da cabeça e, inesperadamente, juntou seus punhos e as palmas das mãos como se ela estivesse em oração.

A próxima coisa que ela sentiu foi um tecido fino como o do lençol envolvendo seus punhos, atando-os juntos com delicadeza e força ao mesmo tempo. Ela se sentiu excitada e amedrontada, frágil e intensa, tudo junto.

- O quê...?

- Calada – ele sussurrou próximo ao seu ouvido. – Ou será preciso que eu *obrigue* a se calar?

Ela suspirou novamente quando ele deu um nó apertado em seus punhos, agora firmemente atados. Ela tentou puxá-los, mas de alguma maneira ele também deveria tê-los amarrado em alguma parte da cama,

pois ela só conseguia se manter naquela posição, com os braços acima da cabeça. Imaginou-se ali, frágil, deitada na cama com aquelas roupas, vendada e amarrada, e ele acima dela, observando-a. Ela daria tudo para ver aquela cena – e também para não ver. Não enxergar deixava tudo inexplicavelmente ainda mais sedutor e excitante. Sem perceber, ela arqueou os seios, esperando, quase implorando, que ele fizesse algo que aplacasse a dor intensa que agora a consumia, quente, abaixo do ventre.

E ele o fez. Ela sentiu, primeiro, suas mãos novamente acariciando seus seios. No começo, lentamente, por cima do fino tecido que os envolvia, apenas provocando-a, excitando-a ainda mais. Em seguida, com mais determinação, implacável. Ela ouviu o barulho de tecido rasgado e sentiu a brisa fria da janela acariciando seus seios agora nus. Os mamilos estavam incrivelmente duros e empinados, e ela apenas gemeu, num pedido silencioso por mais, pelo toque de Adrian.

Ele os acariciou, então, com a ponta dos dedos ao seu redor e, depois, apertando e tocando seus mamilos, fazendo-a gemer incansavelmente. Danielle se contorcia, precisava urgentemente – imediatamente – de alguma solução, mas ele parecia paciente e satisfeito por torturá-la. Quando Adrian encostou seus lábios quentes e sua língua macia em seus mamilos, chupando com força seus seios, Danielle não aguentou: gritou, gritou muito alto, e então sentiu a outra mão dele cobrindo-lhe a boca, abafando seus gritos, o que só a fez se excitar mais e mais, completamente frágil e dominada por aquele homem misterioso e sedutor.

Após lamber e chupar e deixá-la enlouquecida, Adrian soltou seus lábios lentamente, descendo seus dedos por toda sua pele. Ela sentiu-os em seus lábios, pescoço, seios, barriga, cintura... seus dedos, suas mãos, sua boca. Ele a lambia e se embebedava como se ela fosse a mais inebriante das criaturas. Adrian desceu e desceu até, finalmente, chegar a seu sexo, e então abriu suas pernas e levantou sua saia com extrema agilidade, de um jeito muito possessivo. Ele arrancou sua calcinha fina com um único gesto, e Danielle se arqueou novamente, tentando puxar os braços, ainda presos à cabeceira da cama. Imobilizada, ela apenas se permitiu gemer quando a língua dele penetrou em sua vagina completamente encharcada e quente.

Ele fez movimentos e mais movimentos incríveis, como se soubesse perfeitamente o caminho para seu prazer. E Danielle gemeu, gritou e implorou... *por favor por favor por favor*, o corpo inteiro retesado, a dor misturada ao prazer penetrando-a até os ossos, até que enfim não conseguiu mais se controlar, era tortura demais... e explodiu em prazer,

selvagem, dentro dos lábios gelados de Adrian.

O corpo de Danielle relaxou, finalmente, quando ele se afastou e ela sentiu o gozo abandonando-a languidamente, causando ainda espasmos em seu corpo quase adormecido. *Ah, ah, ah*, ela fez, era impossível se controlar depois de tamanho prazer. E ele nem a tinha penetrado! Ela teve vontade de perguntar isso, mas não conseguiu. Não conseguia falar.

- Adrian... – sussurrou, quando ele tocou seus lábios suavemente, transmitindo para sua boca o próprio sabor de Danielle. – Adrian...

Ele não a calou dessa vez. Apenas continuou beijando-a até que ela sentiu, devagar, os lábios dele se distanciarem.

- Você é minha – ele sussurrou. Ela se contorceu, puxando as mãos, tentando alcançá-lo, e se surpreendeu ao conseguir puxá-las para baixo, apesar das mesmas ainda estarem atadas. No entanto, apenas tateou o vazio. Esperou por ainda mais um tempo, mas nada mais aconteceu. O quarto estava incrivelmente silencioso.

- Adrian? – chamou, mas ele não respondeu.

Danielle se sentou, puxando a venda dos olhos. A seda fina e negra desceu até seu pescoço como um colar. Ela olhou ao redor, finalmente enxergando novamente. O quarto estava à meia luz, soturnamente silencioso.

- Adrian! – ela chamou novamente. – Onde você está?

Ninguém respondeu. Ofegante e ligeiramente assustada, ela olhou ao redor de si agora... *para si mesma*. Pedacos de tecido do vestido estavam espalhados ao seu redor. O decote estava arruinado, a saia espalhada e rasgada ao redor de suas pernas abertas e nuas. Ela imediatamente se juntou, sentindo uma pequena fricção em sua vagina por estar sem calcinha. Aquilo a acendeu mais uma vez e, sem pensar, ela olhou ao redor, mas Adrian não estava mais lá. As mãos ainda estavam atadas com a mesma seda da venda, negra e brilhante. Ela puxou os punhos, tentou afastá-los, chegou a morder o nó, mas ele não se desfez.

- Adrian! – chamou pela terceira vez, com um tom ligeiramente desesperado, talvez quinta ou décima, mas ninguém respondeu novamente.

Ótimo, Danielle, olha no que você se meteu! Sozinha, num quarto que você não sabe onde fica, talvez você nem esteja mais no edifício que achou que estava! Com um homem desaparecido, quase nua e amarrada! Que belo quadro você faz!

Ela precisava pensar. Como poderia sair dali? O que fazer? Olhou novamente para as mãos atadas firmemente. Por que ele a tinha amarrado com tanta força? Ela forçou os punhos novamente, mas só conseguiu deixá-

los machucados e ardidos. Ok, fora bom... *fora ótimo*, mas agora a brincadeira estava perdendo a graça.

Mas ele a soltou da cama. Ele queria que ela fizesse algo. Mas o quê?

Pensou em chamá-lo novamente, mas desistiu. Era óbvio que ele não facilitaria as coisas. Levantou-se, quase tropeçando na própria saia rasgada. Os seios balançaram, livres, com o movimento. O quarto estava um pouco frio. Seus pés descalços tocaram o tapete macio e ela agradeceu por ele estar ali.

Certo, estava no meio de um quarto escuro, de mãos atadas, seminua. Danielle olhou ao redor, procurando alguma coisa, *qualquer coisa*, alguma mísera ideia. A primeira que teve, claro, foi abrir a porta. Girou meio sem jeito a maçaneta (o jeito que as mãos estavam atadas fazia com que uma mão atrapalhasse a outra no movimento). Não funcionou, ela não abriu. Tentou empurrar a porta com o corpo, mas fora inútil.

Estava trancada.

- ADRIAN! – ela gritou dessa vez, sentindo o temor na própria voz. Não era possível, ela não tinha ouvido nenhum barulho da porta. Era uma porta pesada, tinha feito um barulhão quando ele a abriu. Ela ouviria – mesmo no estado entorpecido que estava – se ele a tivesse aberto e ido embora. Mas não, parecia que ele tinha simplesmente evaporado no ar, desaparecido.

Danielle começou a sentir um gosto amargo na boca e um peso no peito que tinham tudo a ver com o desespero que parecia subir do seu coração e engolfá-la na garganta. Girou ao redor de si, procurando algo que fosse minimamente afiado para ajuda-la a se libertar, mas não havia nada sobre as cômodas. Experimentou as gavetas, mas as mesmas estavam trancadas.

- O que eu faço, o que eu faço? – murmurou agitada para si mesma, sentindo o desespero cada vez mais sufocante, quando ouviu uma música.

Era a mesma música que estava tocando quando Adrian a conduziu pelo salão naquela dança incrível e sensual. A música tocava bem baixinho, mas Danielle se concentrou no som, tentando encontrar sua fonte, caminhando na ponta dos pés para não fazer nenhum outro barulho que a atrapalhasse. A música, suave, foi aumentando algumas notas, até que ficou indiscutivelmente mais alta quando ela estava no canto mais distante da porta. Ela sentiu o chão vibrar sob seus pés descalços.

O chão. O tapete!

Danielle começou a chutar a ponta dele, tentando tirá-lo do caminho, até que finalmente conseguiu e revelou um quadrado de madeira

no chão, com uma pequena alavanca.

Ela se agachou, ajoelhando-se no chão frio. Do jeito que pôde, ou seja, totalmente sem jeito, segurou a alavanca e puxou-a com as duas mãos. Era pesada, mas não tanto quanto ela esperava que fosse. Quando terminou, viu que a porta revelava uma escada que descia para um alçapão escuro e fundo. *Um maldito alçapão! Meu Deus, onde eu vim parar?*

Certo, quais eram suas opções? Ficar ali, vestida daquele jeito, amarrada, esperando por alguém que a salvasse. Ridículo. Humilhante. Poderia tentar arrebentar a porta e acabar arrebentando o ombro ao invés disso. Ou poderia descer um maldito alçapão sinistro e escuro e ver no que dava.

- Ok, era uma aventura que você queria, não é? Então é o que vai ter.
- Ela disse a si mesma antes de colocar o pé direito descalço no frio degrau de pedra.

Capítulo Seis – Aventura

Danielle desceu a escada de madeira do alçapão na ponta dos pés, sentindo a cada degrau seu coração bater com mais e mais força. A cada degrau vencido, a música clássica que tocava parecia mais alta e penetrava em seu peito, em batidas fortes e rítmicas. Estava escuro e ela forçou os olhos para tentar enxergar; a única luz – o quadrado luminoso pelo qual entrara, no entanto, estava ficando cada vez mais distante.

Ela sentia a cada minuto que aquilo era loucura, uma imensa insanidade. O que ela estava fazendo? Onde tinha deixado seu juízo? Poderia acontecer qualquer coisa com ela, não? Mordeu os lábios com força, abraçando-se, como para se proteger, as mãos atadas cobrindo os seios nus. Ela não conhecia aquelas pessoas. Ela não conhecia Adrian.

As fantasias são uma maneira de sermos livres para o prazer.

Ela ouviu a voz de M em sua cabeça. Era uma aventura, só isso, não? Mas parecia tão real... ela se lembrou do prazer que acabara de sentir. Ele também fora muito real, assim como o medo que a assolava agora.

Danielle venceu o último degrau e pousou devagar os pés em um chão ainda de madeira gelada. Estava muito escuro, e ela se encolheu cada vez mais. Estalou a língua, sentindo a boca seca e amarga, até que uma luz intensa veio do teto, vinda de holofote. A luz incidiu diretamente nela, e Danielle se retesou, fechando os olhos, desacostumada à claridade.

- Achei que você nunca fosse descer, Fênix – disse uma voz rouca masculina.

- Adrian?

- Eu gosto desses jogos. Você não?

Sim, era ele. Ela sentiu seu perfume almiscarado antes de tudo. A respiração dele esquentou sua nuca e Danielle fechou os olhos por um instante, lembrando-se dos lábios dele lambendo seu gozo há alguns minutos. Os mesmos lábios que agora tocavam e lambiam o lóbulo de sua orelha languidamente, quase preguiçosamente.

- O medo, a ansiedade, o desconhecido... – ele sussurrou. – Tudo isso aumenta o prazer. Hoje você vai sentir um prazer que jamais sentiu antes, minha Fênix.

Ela se arrepiou com sua voz, sua respiração tão próxima. *Oh, meu Deus!* Novamente, ela sentiu sua vagina se contraindo, algo quente e

molhado escorrendo melando suas pernas. Estava excitada... *de novo*. Como era possível? Ela nunca, jamais, teve mais de um orgasmo em uma noite. Muitas vezes não teve nenhum. E agora estava ali, excitada daquela maneira, com um homem desconhecido que dizia que queria *jogar* com ela.

Adrian tocou seus lábios delicadamente. Ela o sentia atrás de si, seu corpo a centímetros do seu, seu calor, mas ele se mantinha distante, apenas para torturá-la. Ele pressionou a ponta de um dos dedos na sua boca e Danielle soube o que fazer; devagar, quase tímida, ela começou a lamber seus dedos, até que despiu finalmente do pudor e começou a chupá-lo, imaginando como seria fazer o mesmo com Adrian. Como ele seria? Ela ainda não o tinha visto nu. Será que agora eles transariam? Ela não imaginava que pudesse ficar tão excitada, tão curiosa, tão ansiosa por isso. Chupou com mais e mais vontade o dedo dele, até que ele o removeu de sua boca e, molhado pela saliva dela, deslizou-o pelo corpo de Danielle, até alcançar seus seios.

Em movimentos circulares e lentos, Adrian tocou um de seus mamilos, já muito rígido. Danielle arqueou o corpo, empinando os seios, suspirando, desejando mais, sempre mais. Ele a segurou, encostando seu corpo contra as costas, segurando-a com a outra mão pelo pescoço, apertando-a suavemente, apenas para que soubesse que lhe pertencia. Ela sentiu em sua bunda o membro rijo dele, e sorriu para si mesma: ele estava muito excitado também. Ela tinha algum poder, afinal. Ele a desejava. Mas queria jogar aquele seu jogo íntimo até o fim.

- Você é minha essa noite – ele repetiu – e vou fazer o que quiser com você. Vou enchê-la de um prazer que jamais vai esquecer, minha cara.

- Sim... sim... – ela ouviu a própria voz suspirante, frágil, quase implorando por mais. – Eu quero.

Dane-se tudo, ela pensou. Ela queria sentir tudo aquilo de novo e não saber o que poderia acontecer, o que ele poderia fazer com ela... era tudo ainda mais emocionante, mais excitante. Ela estava ali para aquela aventura e iria até o fim, não importava o resto, era como se apenas aquela noite existisse. Depois ela pensava, depois se preocupava. Era perigoso? Era. Mas exatamente por isso era ainda mais prazeroso.

Adrian ergueu novamente seus braços acima da cabeça e de repente Danielle sentiu o que ele estava prestes a fazer. Havia algo ali em cima que fez um barulho estridente, mas ela não ousou olhar. Soube o que era e não se importou naquele momento. Com habilidade e experiência, Adrian a prendeu em correntes no teto, que estalavam quando Danielle se mexia. Havia algo em torno de seus pulsos além da seda negra, algo muito frio, que

ela soube que eram as correntes que estalavam. Aos poucos, ela sentiu o chão lhe faltar e agora estava se equilibrando na ponta dos pés.

- Ah, ah, o quê...?

- Shhh... – Adrian disse em seu ouvido, e sem saber como, Danielle se sentiu um pouco mais relaxada, de alguma maneira inexplicável, ela confiou naquele homem. Ainda sentia a adrenalina correndo por suas veias, correndo em direção ao seu ventre e enchendo-a de excitação. Estava completamente molhada e sentia de novo aquele incômodo febril que necessitava urgentemente de um alívio. Quis implorar por isso, mas Adrian novamente pousou o dedo em seus lábios. – Eu prefiro que você não fale, minha querida. É mais excitante assim, você vai ver. Não fale nada...

E então ele subiu a venda que ainda estava no pescoço de Danielle, mas, dessa vez, não para seus olhos, mas sim para seus lábios, amordaçando-a. Ela soltou um gemido assustado, que foi reprimido pela seda, e tentou inutilmente alcançar o chão, e quando já estava se desesperando de terror, sentiu as mãos de Adrian segurando sua bunda e levantando-a sobre si. Ela o via, meio iluminado, meio oculto na escuridão, e então ele se banqueteara de seus seios nus como se aguardasse aquilo há muito, muito tempo.

Os gemidos intensos de Danielle foram abafados, mas ela sentia algo explodir dentro do seu corpo e correr com sofreguidão até seu ventre fervente. Adrian ainda a segurava, as mãos dele apertando com força sua bunda, e ela novamente fechou as pernas em torno da cintura dele, sentindo, então, pela primeira vez, o membro rígido dele encostado em sua vagina. Ele estava finalmente nu, mas ela não conseguiu vê-lo, porque estava enlouquecida demais, perdida demais em seu próprio prazer silencioso para enxergar alguma coisa. Sua cabeça se inclinou para trás, ela fechou os olhos e puxou os braços com força, sentindo as correntes estalarem e forçarem seus pulsos, e então a excitação cresceu por isso, sim, sim, ele tinha razão, e ele estava mordiscando seus mamilos, *ah não não não*, ela estava explodindo, *por favor termine isso, TERMINE*, ela teria gritado se não estivesse amordaçada. Sim, ele também tinha razão nisso, ela não poder gritar também a excitava de uma maneira inimaginável, e ela se sentiu totalmente entregue, *dele*, em seus braços, quando Adrian finalmente, milagrosamente, penetrou-a.

Ela o sentiu por completo, até o fim, e mesmo que sentisse o látex da camisinha que ele usava, ela estava tão incrivelmente molhada, como jamais esteve, que o vai e vem foi natural, intenso, sublime, nada mais importava. Ela nunca, nunca tinha sentido tamanho prazer, especialmente

ao ser penetrada, era sempre difícil, doloroso, mas agora... isso era incrível, ela não sabia que poderia ser tão bom, tão... ela flutuava, não sentia mais os pés, não sentia mais os braços, tudo estava dormente, e se Adrian não estivesse ali para ampará-la, ela tinha certeza que sucumbiria.

Ele urrou de prazer, sim, ela lhe proporcionava prazer também, e isso era mágico. Ele estocou uma, duas, três, várias vezes, e ela o sentiu chegando, seu próprio gozo, que ela achou ser impossível daquela maneira. Estava perto, tão perto e, ela gemeu e gritou silenciosamente, sentindo-o vir em cheio, e foi só quando ela fez isso, quando ela despejou todo seu prazer dentro dele, foi que ele finalmente se sentou e jorrou sua própria excitação dentro dela também.

*

Já era manhã quando Danielle cambaleou por seu próprio apartamento, trançando as pernas, removendo os sapatos e rindo como se estivesse bêbada, só que aquilo não era efeito de nenhuma bebida, mas sim de puro sexo.

O que ela tinha feito? O que tinha sido aquela noite? O que era aquele homem?

Ela estava exausta, mas incrivelmente leve. Parecia realmente que estava prestes a voar. Caminhou até seu quarto e se colocou na frente do espelho. Já removera a máscara há muito tempo, desde que deixara aquele lugar e seguira pelas ruas da cidade em meio ao amanhecer pálido, alaranjado e frio. Mas o que via refletido não era apenas Danielle, não... não aquela garota assustada e deprimente que ela conhecia. Havia ali, sim, Danielle, uma mulher, uma outra pessoa completamente diferente. Sorriu para si mesma, verdadeiramente. Fazia muito, muito tempo que não sorria daquela maneira.

Ela jogou o casaco de qualquer jeito no chão e pulou na cama, rindo sozinha. Caiu com braços abertos no lençol, olhando para o teto. Estava tão, tão leve!

Olhou para os próprios pulsos, que estavam ligeiramente avermelhados, apenas o suficiente para que se lembrasse. Provavelmente teria que usar blusas de manga comprida no trabalho por uns dois ou três dias até que sumissem. Lembrou-se do que aconteceu depois *daquilo*. Adrian a soltou, delicadamente, de todas as amarras.

- Eu prometi a você, não? – ele perguntou com aquela voz rouca e gelada, mas Danielle não conseguiu responder. Estava tão mole, flutuando,

que ainda demoraria um tempo para falar qualquer coisa. Ele não tomou por mal, apenas riu e a levou para cima, de volta pela escada de madeira e o alçapão.

- O que mais havia lá naquele lugar? – ela se viu perguntando de repente, atrevida. Ele a abraçava, ajudando-a a caminhar e também se apoiando nela. O prazer que ele sentira também fora intenso, e ela sorria por dentro por isso.

- Você pode descobrir o que mais havia lá... se for minha por mais uma noite.

Ela parou de andar e se soltou dele para olhá-lo. Ele era certamente um homem atraente. Ela agora conhecia seu corpo, ou ao menos parte dele – ela ainda acreditava que não se conhecia ninguém por uma única vez – mas sabia que era delicioso. Ele estava nu, de frente a ela, e não se importou de ser observado daquela maneira. Mais uma noite? Será que ela teria coragem?

- Prometo surpreendê-la novamente. Mas vai ter que confiar em mim, como fez hoje – ele convidou.

Danielle sorriu, enchendo-se de seu próprio mistério. Não tornaria as coisas tão fáceis para ele.

- Há muito a se descobrir nessa sociedade ainda, não acha? Quem sabe? Eu vou pensar, mas talvez queira outras descobertas também.

Ele não pareceu muito contente com a resposta, mas não discutiu. Apenas murmurou “justo” e caminhou até o armário, arrancando de lá dois robes de seda – um negro e um vermelho – e entregou a Danielle o vermelho para se cobrir.

Depois disso ela retornou àquela mesma sala em que chegou e conversou com M. Ela não estava lá, mas as roupas de Danielle estavam dobradas em cima da cadeira, com um bilhete:

“Se quiser ser livre novamente, retorne no mesmo horário, no mesmo dia, na próxima semana. A decisão é sua. Você está livre para escolher... até para escolher não ser livre.

M”

O bilhete estava guardado em sua bolsa, junto com... Danielle se esgueirou pela cama, onde tinha jogado mesmo a maldita bolsa? Ah, estava ali, no chão, ao lado da cama. Ela pescou algo de dentro dela e sorriu.

Uma fita de seda negra e brilhante.

Capítulo Sete – Realidade

Danielle recebeu sete broncas do seu chefe naquela quinta-feira. Sim, ela contou. Mas o pior é que ela tinha noção que das sete, ao menos umas cinco foram justificadas: ela realmente estava no mundo da lua.

Mas como não ficar aérea quando a porcaria da semana ficava se arrastando feito uma tartaruga idosa? Como não ficar pensando em coisas mais interessantes quando a droga do seu trabalho parecia um tédio total?

Faltavam ainda longos quinze minutos para o final do expediente. Ok, já tinham faltado muito mais, mas esses pareciam os quinze minutos mais longos da vida de Danielle. As letrinhas fluíam na tela do computador, misturando-se umas às outras, embaralhando-se. Danielle estava, naquele momento, revisando uma matéria que nem era tão chata assim (falava sobre uma exposição do SESC Pinheiros que, com certeza, Samuel gostaria de visitar – ele era assim, todo cultural mesmo), mas naquele dia tudo o que Danielle conseguia fazer era babar no teclado e imaginar quando o sábado chegaria.

No domingo após a “reunião” – se é que se poderia chamar assim – da Sociedade Mascarada, Danielle dividiu o dia entre ficar na cama até às quatro da tarde num imenso torpor, imaginando a noite anterior (e se masturbando enquanto isso; há um limite para o quanto uma mulher pode chegar ao orgasmo? Ela precisava procurar sobre isso, porque parecia impossível o quanto agora isso parecia *natural*), e depois ir tomar um lanche no shopping. Ficou olhando vitrines e tomando um *Frappuccino* da Starbucks (aquilo era uma tentação!, e o mais surpreendente era que ela nem estava se importando com isso naquele dia), até que parou em frente a uma loja de lingerie e sentiu o ar lhe faltar. Havia um conjunto de sutiã e calcinha extremamente sensual exposto na vitrine – e vermelho.

Danielle imediatamente imaginou os dedos de Adrian percorrendo aquela tanga rendada e se espantou ao sentir a própria calcinha molhada. Foi nesse exato momento que alguém cutucou seu ombro:

- Dani! Não acredito que te encontrei!

A seguir, Danielle se viu envolvida em um abraço apertado que lhe era muito familiar, quase saudosos, e algo estilhaçou em seu coração. No entanto, ela intensificou o abraço, sentindo os olhos arderem. Quando finalmente se separaram, ela viu o rosto sorridente de Sofia, sua melhor

amiga.

- Porra, Dani, eu já esqueci quando foi a última vez que te vi!

Essa era Sofia. Por um lado, extremamente careta (“tradicional”, ela dizia). Por outro, extremamente arrojada. Ela era uma contradição, pra falar a verdade. Ao mesmo tempo em que mandava qualquer engraçadinho à merda em dois minutos e praticava *muay thai*, também tinha casado virgem aos 23 e dizia que simplesmente achava que “as coisas eram mais surpreendentes assim”. Dá pra entender?

Mas, no fundo, isso era o que fazia Danielle gostar dela. O único problema foi que, de uns tempos pra cá, a amizade simplesmente desandou. Fora tudo muito confuso e Danielle não entendia muito bem o que tinha acontecido. Na mesma época que Danielle começara a namorar Guilherme (a época mais feliz de sua vida), Sofia tinha perdido o irmão gêmeo em um acidente de moto. Danielle esteve lá pela amiga, fora no velório e tudo mais, mas... alguma coisa se quebrou nessa época. Elas não estavam sintonizadas. Enquanto Sofia sempre queria falar sobre o irmão, Danielle sentia vontade de contar sua alegria à amiga, mas não encontrava espaço em meio a toda sua tristeza. Até hoje Danielle se sentia péssima ao se lembrar disso, uma verdadeira insensível, mas aos poucos foi deixando de contar coisas da sua vida à Sofia, e a amiga foi também fazendo a mesma coisa. E isso as tinha separado de um jeito que parecia uma queimadura de sol: ardia e incomodava, mas você simplesmente não tinha percebido que estava queimada até o terrível dia seguinte.

Mas ali estava ela, Sofia, com um sorriso genuíno no rosto que Danielle não conseguia retribuir com toda a sinceridade que queria e um abraço tão apertado quanto os dos bons tempos.

- É... acho que foi em abril? – Danielle arriscou, respondendo à pergunta de Sofia e sentindo-se tola. Ela não lembrava quando tinha sido a última vez que vira a amiga, só sabia que ainda estava namorando Guilherme na época. E que tinha sido desagradável. Sofia não fora com a cara de Guilherme e, quando ela não ia com a cara de alguém...

- Acho que foi janeiro – Sofia retrucou, pensativa, fazendo uma careta. – Tá com aquele cara ainda?

É, ela perguntava as coisas na lata. Mas não ficou só isso. Sofia apontou para a vitrine atrás de Danielle, com um sorriso travesso no rosto.

- Tá vendo algo pra usar com ele é?

Danielle imediatamente ficou quase tão vermelha quanto a tanguinha exposta na loja. Céus, ela não queria nem pensar no que Sofia diria se soubesse o que ela andara fazendo no final de semana –

contradição, sim, ela era arrojada em alguns assuntos, mas justamente o assunto “tradicional” para Sofia era sexo. Bem, talvez fosse tradicional para Danielle há alguns dias também...

- É... bem, na verdade... – era melhor confessar o quê? Como sair daquela enrascada? – A gente terminou.

- O quê?! – Sofia perguntou espantada. – Mas você tava quase babando pelo imbecil!

Danielle bufou. Ok, era por isso que a amizade esfriara? Quando foi que ela tinha gostado do estilo “reto e direto” de Sofia? Ela não precisava falar assim dela... nem de Guilherme.

- Eu não tava “babando por ele”! E ele não é nenhum imbecil! – Danielle retrucou, orgulhosa, sugando com barulho o *Frappuccino* e caminhando para longe da loja de lingerie, todo o momento que tivera antes arruinado. – Por que você diz essas besteiras, Sofia?

- Por que é verdade? O Samuca também diz isso e você não fica puta com ele.

Era verdade. Danielle nunca conseguia ficar “puta” com Samuel por muito tempo. Mas ficava com Sofia. Talvez porque ela fosse ainda mais direta que ele, talvez por que ela parecesse julgá-la? Sei lá por quê.

Era melhor não contar o que tinha acontecido de verdade. Era melhor, não é? Imagina o que Sofia diria se soubesse que Guilherme tinha traído Danielle? Ela ficaria doida. Era capaz de bater na porta de Gui e dar um golpe de *muay thai* no pobre coitado. Ou amarrá-lo num poste e...

Amarrar.

A mente de Danielle se voltou imediatamente para a noite de sábado. Ela sentiu um tremor e deu um longo gole no *Frappuccino*, para esfriar a cabeça.

- Fui que terminei – Danielle disse com toda a dignidade que conseguiu reunir, tentando apagar da cabeça as memórias daquela noite horrível, fingindo que a história era outra na realidade. – Pra você ver como eu não tava “babando”.

- Assim... sem mais nem menos?

- Assim. Assim, Sofia. – Danielle acrescentou, percebendo que a amiga não caíra tão bem quanto ela pensava na mentira. – Que saco! Dá pra gente falar de outras coisas? Cadê seu marido?

Sofia torceu o nariz.

- De plantão.

O marido de Sofia era médico e tinha os horários mais imprevisíveis. Elas caminharam até a praça de alimentação, onde Sofia apanhou um

sorvete do McDonalds e as duas se sentaram em uma mesinha. Houve um silêncio meio desconfortável até que Sofia o quebrou, com uma expressão séria.

- E você tá bem com o rompimento?

Danielle pensou em todas as noites em claro, em todas as lágrimas no travesseiro, em todas as vezes que gritou sozinha em seu apartamento. Sentiu algo escuro no peito, que a fez desviar o olhar da amiga. Mas então se lembrou da noite de sábado, e da próxima semana, que ainda estava por vir. Ela não sabia se deveria ou não voltar lá... a noite com Adrian tinha sido... selvagem, no mínimo. O que mais, ou melhor, *quem mais*, ela poderia encontrar naquele lugar? Mas... a alternativa seria voltar à mesma vida de antes...? E aí?

- Sofia – Danielle começou devagar, girando o canudo do *Frappuccino* vazio. – Se algo fosse potencialmente perigoso... não, quer dizer, meio maluco, acho, mas te fizesse muito bem... você seguiria em frente?

- Ai meu Deus você tá usando drogas, Dani?!

- NÃO! – Danielle praticamente gritou, e Sofia recuou na cadeira, os olhos arregalados. – Não, Sofia, o que você pensa de mim?!

- Sei lá, Dani, às vezes parece que não te conheço mais.

Aquilo doeu. Danielle suspirou e pensou em tudo que vira no sábado. Será que ela tinha virado outra pessoa? Mas então Sofia continuou, surpreendentemente sem graça (ela nunca ficava sem graça):

- Desde que você começou a sair com esse carinha aí – o Guilherme, ela nunca dizia o nome dele, era birrenta que só – você parece outra pessoa. Parecia que vivia em função dele. Sei lá, Dani, se essa... “coisa” não for nada que te faça mal, que te deprima ou, sei lá, ilegal... bem, acho que se algo faz a gente feliz a gente tem que investir nisso, né?

Agora Danielle estava encarando a tela do computador naquele final de quinta-feira. O comunicador instantâneo da empresa estava aberto (mas ela tinha burlado o sistema e adicionado alguns contatos... na verdade, adicionara Guilherme, que agora sempre aparecia off-line, Samuel, que sempre, sempre lhe dava um bom dia e... Sofia, que ficava lá, com a bolinha verde do online, mas quase sempre em silêncio, pelo menos desde o ano anterior. Danielle passou o mouse sobre o nome da amiga, sentindo uma inesperada onda de ternura. Sem saber, Sofia tinha lhe dado um bom conselho. Ela podia ser bruta na maior parte do tempo, mas acreditava em sonhos e em ser feliz. E queria seu bem.

O que será que ela diria se Danielle contasse tudo? Era gostoso

guardar aquele segredo... mas ao mesmo tempo era inquietante. Mas era também uma sociedade secreta, não? Ela não podia contar o que andava fazendo, podia? Tinha que perguntar a M. Isso significava que voltaria lá no sábado?

Sim, voltaria.

Mas quando acabara de decidir isso, a bolinha cinza ao lado de “Guilherme” se tornou verde. E uma janelinha pulou na sua tela.

“Oi, Dani. A gente pode se encontrar?”

Capítulo Oito – Tudo

Danielle se encarou no espelho.

Estava nua. Completamente nua.

Era o mesmíssimo espelho que tantas vezes presenciou suas noites de amor com Guilherme naquele quarto, mas, apesar disso, ele parecia de alguma maneira diferente. Como se, ao invés das velhas mentiras, contasse novas histórias, acompanhadas de algumas verdades desconcertantes.

“Never mind, I’ll find someone like you...”

Danielle suspirou longamente. Caminhou até iPod que estava jogado sobre a cama, pensou em trocar de música, mas ao invés disso apenas aumentou o volume. Não conseguia trocar de faixa quando era Adele que estava cantando. Largou o aparelho no criado-mudo quando esbarrou em duas coisas que estavam jogadas ali desde o sábado anterior.

Uma fita de seda negra brilhante e uma máscara.

Sem pensar, Daniele acariciou os pulsos, sentindo emergirem de suas profundezas mais íntimas todos aqueles sentimentos que ela guardara dentro de si por aqueles dias.

- É hoje... – murmurou para si mesma, escolhendo, entre os dois objetos, a máscara rendada e negra.

Caminhou de volta até o velho espelho, com a máscara pesando nas mãos. Ali estava Danielle, encarando-a de volta, com todos os seus medos e frustrações, pensando no que faria dali a pouco. Tinha marcado um encontro com Guilherme às seis da tarde daquele sábado. Não era nada demais, apenas um café. *Só um café, só isso*, repetiu para si mesma, sentindo uma mão escura apertando seu coração.

Ela ergueu a máscara, tão leve, mas que parecia tão pesada, cheia de significados, e colocou-a sobre os olhos, amarrando-a atrás da cabeça. E ali estava, encarando-a do espelho, não mais Danielle, mas outra mulher.

Ela tinha os olhos cheios de segredos e desejos. Parecia mais bonita. Acariciava as próprias curvas, os próprios seios, com mais emoção e prazer do que aquela mulher triste e solitária que existia sem a máscara. Suas mãos passearam delicadamente por seu próprio sexo como se aquele fosse um templo sagrado, cheio de surpresas e descobertas.

Fênix.

Era sábado novamente. E ela tinha uma escolha a fazer.

Danielle cruzou as pernas debaixo da mesinha do café e sentiu os lábios se esbarrarem, quentes, causando-lhe um arrepio debaixo da saia.

Sorriu por dentro, sozinha, por sua pequena traquinagem. Estava sem calcinha. Usava apenas uma saia de forro vermelho, coberta por flores de renda da mesma cor, e uma blusinha branca apertada de alças. Cobrindo o encosto da cadeira estava o mesmo casaco da semana passada. Estava uma tarde excepcionalmente morna, um solzinho gostoso do fim do dia, o tempo tipicamente irracional da cidade de São Paulo.

Ela bebericou o chá gelado de frutas vermelhas que pedira enquanto esperava. Certas coisas nunca mudavam. Guilherme estava atrasado, para variar. Ele sempre a fizera esperar. Agora ela estava ali, pensando se por todo aquele tempo não fora mesmo uma estúpida como Samuel dizia que era; Guilherme era bem capaz de fazê-la esperar de propósito, apesar de ela ter achado por todo aquele tempo que era só distração, esquecimento.

Danielle cruzou as pernas para o outro lado, ligeiramente impaciente. Olhou o relógio: seis e quinze. Ergueu o olhar e deu de cara com o olhar fixo de um rapaz sentado em uma mesa a alguns metros. Era mais novo que ela, dava para perceber no jeito de olhar, mas certamente deveria ter mais de vinte anos. Estava com roupa social, o que pode parecer estranho, mas não era tão incomum assim naquela região da Paulista; quantas pessoas não viravam os finais de semana trabalhando, em plantões malucos de suas empresas? A própria Danielle já tivera que fazer isso. O rapaz tinha um notebook à frente, mas os dedos estavam parados sobre o teclado, como se o mundo estivesse em pausa e ele só conseguisse olhar para a garota tomando chá na outra mesa. Danielle sorriu largamente, sem se conter, algo que não era muito acostumada a fazer.

- Oi, Dani.

Ela tomou um susto e quase derrubou chá na blusa.

- Merda! – exclamou, largando o chá na mesa e olhando para cima. Era Guilherme. Claro. O feitiço tinha se quebrado. Ela olhou por cima do ombro dele para o bonitinho de camisa social, mas ele já tinha voltando sua atenção novamente para o notebook, parecendo desapontado.

- Nossa, tudo isso é alegria por me ver? – Guilherme perguntou cheio de ironia, o sarcasmo na ponta da língua, como costumava ser.

- Oi, Guilherme – Danielle retrucou, sentindo a voz mais irritada do que esperava.

Não era assim que ela tinha imaginado a cena na sua mente. Aliás, ela nem sabia mais como tinha imaginado. Imaginou-a por tempo demais.

- E aí, linda, como você tá? – e sem esperar por uma resposta, continuou: - Foi mal o atraso, mas sabe como é... – e não se explicou. – Ando bem ocupado esses dias, trabalho, academia, tudo mais, mas andei pensando em você, sabe, saudades das nossas conversas e... de outras coisas também.

Ele deu um sorrisinho que dizia tudo. Danielle sentiu um arrepio na espinha, mas que não tinha nada a ver com isso; era mais com o “linda” que ele utilizara lá no começo da sentença, o jeito como ele costumava chamá-la. Ela não entendia, mas isso a incomodara agora. Acabou não dizendo nada, o que gerou um silêncio incômodo entre os dois. Danielle bebericou mais um gole do chá e desviou o olhar para o trânsito na Alameda Santos. Quantas vezes ela tinha ido até aquele café com Guilherme? Era o preferido deles. Mas o sentimento parecia diferente das outras vezes. O chá não estava tão doce.

- É... acho que vou lá dentro buscar um café pra mim, já que você já pegou sua bebida, Dani. – Guilherme ensaiou reiniciar a conversa, parecendo sem graça e pela primeira vez em milênios. – Você quer alguma coisa? Eu pago pra você. Um *muffin*, um pão de queijo?

Ela só negou com a cabeça, meio que dando de ombros sem olhar para ele. Ouviu seus passos se afastando, enquanto, perdida em pensamentos, questionava-se: o que diabos estava acontecendo com ela? O que tanto mudara?

Fora só uma noite. Só uma noite naquela sociedade, clube, o que seja. Uma transa com um homem que ela sequer conhecia. Guilherme era o homem que ela amara por todo aquele tempo, pelo qual ela chorara de todo seu coração. E agora ele estava ali, aparentemente querendo *alguma coisa*, e ela não sabia como retribuir.

Antes de sair de casa aquela tarde ela se vestira daquela maneira, encarando-se no espelho o tempo todo. Ela não gostava muito do espelho antes, pensaram uma época até em removê-lo, mas, agora...

Danielle, quem é você?

Ela não se reconhecia mais. Estava confusa. Como isso poderia ser certo, ela se afastar tanto de quem era?

Ela se esqueceu de pensar em Guilherme enquanto se vestia. Ao invés disso, pensou em Adrian, pensou em todas aquelas sensações, pensou no êxtase a que fora capaz de chegar (mais de uma vez) e encharcou a calcinha. Acabou tirando-a e jogando-a do outro lado do quarto. Foda-se,

não precisava da maldita calcinha. Então olhou para o criado-mudo e não resistiu: apanhou a máscara, o cartão, o livro, tudo de novo. Inclusive a fita de seda negra.

Estava agora tudo dentro de sua bolsa, como um grande segredo.

Ela olhou novamente para a mesa onde estava o rapaz do notebook, mas ele já tinha ido embora, evaporado no ar. Danielle se sentiu frustrada e um pensamento louco passou por sua cabeça. E se ela o conhecesse? E se fosse alguém da Sociedade? E se fosse Adrian?

Era estranho imaginar que todas aquelas pessoas, mascaradas, tinham uma vida ali fora. Como ela. Era até capaz que ela conhecesse alguém. O mundo é tão pequeno às vezes.

Ela cruzou as pernas de novo, sentindo os lábios ligeiramente úmidos se esbarrando novamente. Seu coração batia depressa. Ela não podia faltar, não podia. A curiosidade, a excitação... eram maiores que qualquer medo, qualquer hesitação. Apertou com força a bolsa entre os dedos. Ela precisava saber mais. Precisava... *sentir*. Tudo de novo. Mais uma vez.

- Você tá bonita, Dani.

Ela se virou para encarar Guilherme. Lá estava ele, encarando-a, dividido entre a confusão e a cobiça, segurando um copo de café com leite *tall*, seu preferido. Danielle deixou as palavras pairarem entre os dois. Sentiu-se, pela primeira vez na frente de Guilherme, poderosa. Tudo dependia do que ela iria dizer agora e ela soube, pelo olhar de Guilherme, que naquele momento poderia dizer qualquer coisa. Ele estava esperando. Por ela.

- Por que você me chamou aqui, Guilherme?

- Me chama de Gui.

- Por quê, Guilherme?

Ele balançou o copo de café, brincando com ele, distraidamente.

- Senti sua falta, não é o bastante?

- Você me traiu – as palavras saíram sem que ela ensaiasse ou quisesse. Apenas... saíram.

Ele ergueu os olhos, duros.

- É, mas você vivia me ligando e mandando mensagem depois disso, Danielle. Esqueceu, foi?

Ela se sentiu inesperadamente envergonhada. *Toma vergonha na cara!*, dizia Samuel. *Mas você tava quase babando pelo imbecil!*, dizia Sofia. Que merda. Era tudo verdade.

- Não esqueci – ela respondeu honestamente, bebericando o último

gole do chá amargo.

- O que mudou, então, Dani? Por que a gente não pode sair de novo? Se curtir?

O que mudou? O que mudou?

Tudo.

Danielle se levantou tão apressada que esbarrou os joelhos na mesa e o café de Guilherme tombou, derramando em sua camisa. Ela ficou paralisada por alguns instantes, enquanto ele xingava, tentando se limpar.

- Onde você vai? – Guilherme perguntou, quando Danielle arrancou o casaco da cadeira.

- Viver. – Danielle respondeu, dando as costas a ele, deixando-o sozinho para lidar com o café quente e seus pensamentos.

Mas não era Danielle que o deixava.

Era Fênix.

Capítulo Nove – A Fera

Danielle suspirou, sem ar.

- Esse vestido é apertado.

M sorriu para ela maliciosamente. – Ser apertado não é necessariamente ruim.

Danielle sentiu um leve ardor na face, mas sorriu. Estava começando a se acostumar com aquilo. Ela se olhou novamente no grande espelho à sua frente. Estava se acostumando com espelhos também – e começando até a gostar deles.

Usava um vestido amarelo, longo e cheio, com um decote princesa, que realçava seus ombros. Os cabelos estavam meio presos, meio soltos, caindo em parte sobre os ombros. Ela riu novamente.

- O que é tão engraçado? – perguntou M, sorrindo. Ela já sabia.

- Isso! – Danielle mostrou a si mesma, vestida daquele jeito. – Eu sou a Bela! A *princesa* Bela, da Disney! Era o meu filme predileto quando criança e agora... como vou fazer... *tudo* que vou fazer essa noite vestida desse jeito?

M riu, cruzando os braços; o movimento fez subirem as suas longas mangas presas à capa escura que caía por suas costas, e ela por um segundo pareceu um morcego. Estava vestida de Malévola. Tudo tinha começado quando ela, assim que recepcionou Danielle, perguntou direta: “qual o seu conto de fadas favorito?”. E, sem entender aonde aquilo poderia chegar, ela respondeu: “A Bela e a Fera”. E ali estava ela, experimentando um vestido exatamente igual ao da sua princesa predileta.

Danielle não conseguia parar de pensar em como eles arranjavam todo aquele figurino – e em como, *como*, ela iria transar usando a roupa de uma princesa infantil. Tudo bem, não era exatamente a roupa de uma princesa da Disney: o vestido era amarelo e rodado, mas tinha um decote que definitivamente era bastante adulto. A saia, por sua vez, tinha uma enorme fenda frontal, que fazia com que as coxas de Danielle aparecessem toda vez que ela caminhava. Ela usava por baixo uma meia-calça rendada também amarela e... nenhuma calcinha.

- Vai corromper todas as minhas memórias de criança!

M gargalhou, jogando o pescoço para trás (a cabeça coberta pelos longos chifres da Malévola). Ela realmente parecia uma bruxa rindo

daquele jeito.

- Fênix, você pode ir embora se quiser, mas eu já participei de alguns bailes de contos de fadas por aqui e, pode ter certeza, corromper as memórias infantis às vezes é bem excitante. Se não fosse, não existiriam tantas fantasias por aí de princesas...

Danielle deixou as mãos caírem sobre a saia fofa do vestido amarelo.

- Isso quer dizer que eu devo simplesmente ir até o salão e buscar meu príncipe?

- Seu príncipe não, minha cara – M disse séria. – Vestida desse jeito você está mesmo procurando pela Fera.

Não deu outra. Quando Danielle adentrou o grande salão, já sentindo a familiar palpitação no peito que sempre a acompanhava naquele lugar, naquela noite, ela se deparou com um verdadeiro conto de fadas: havia todo tipo de fantasias (todas sexys e ousadas, nenhuma inocente, M não estava errada) e nenhuma se repetia. Não havia outra Bela como ela, mas havia a Branca de Neve, a Rapunzel (com o cabelão e tudo) e a Cinderela. Havia também vários príncipes, cada um com uma roupa mais extravagante que a outra, e todos mascarados, como as princesas. Também havia bruxas, claro, e além de M de Malévola, ela viu também a Rainha Má e a Rainha de Copas. Era impossível não sorrir (e se espantar) quando Alladin e Jasmine passavam ao seu lado, mas Danielle ainda não entendia como aquilo poderia fazer sentido; ela não estava na Disney e sim... em uma sociedade secreta de sexo!

- Ok, certo, respire – ela sussurrou a si mesma – Entre na fantasia, como M diz. Você pode ser o que quiser.

Ela continuou caminhando pelo salão até o que o viu. E não acreditou.

Enquanto ela caminhava em sua direção, dividida entre a exasperação e a incredulidade, ele apenas sorria, bebericando vinho e encarando-a com malícia. Seu olhar era duro e objetivo, e Danielle se arrepiou toda ao encarar suas mãos e lembrar por onde elas tinham andado na semana passada, o que tinham feito. Ele vestia uma casaca azul marinho, um calça preta e... um maldito lenço branco no pescoço. E, claro, a máscara.

- Você está vestido como a Fera, Adrian – Danielle disparou, enfrentando-o com os olhos. Ela nem sabia porque estava tão irritada, mas havia algo queimando dentro dela. – Isso é uma maldita armação sua e da M!

Ele apenas bebericou o vinho, sem se abalar, até responder, com

aqueles olhos duros e o perfume avassalador almiscarado que permaneceu na pele de Danielle por dias:

- E como você sabe que sou eu, Fênix?

Ela engasgou.

- Eu... sei lá. Seus cabelos!

- Eu não sou o único homem de cabelos claros nesse lugar – ele disparou.

Ela não soube o que responder.

- Talvez você tenha andado pensando na nossa noite esses dias... você sabe – ele segurou o braço dela, coberto pela enorme luva amarela, e puxou-a para si. Seus corpos se tocaram, seus seios que quase pulavam do decote encostaram-se ao lenço branco que ele usava. Ela respirou mais forte e sentiu os joelhos amolecerem. – Tudo o que fizemos...

- Eu não me lembro de dizer que voltaria a ficar com você essa noite – ela retrucou, insolente, se soltando, e sorriu: estava entrando no papel. – Quem sabe eu queira... outras aventuras?

Adrian depositou a taça em uma mesa e encarou-a com desejo. Era quase como se ele a visse por inteiro, nua, e Danielle se arrepiou: ele realmente tinha visto. E... havia tudo aquilo que tinham feito...

- Você não vai me negar ao menos uma dança, não é? Afinal... quer oportunidade melhor? A Bela e a Fera, dançando juntos... isso pode nunca mais acontecer. E é muito mais fácil se arrepender das coisas que não fizemos...

Danielle respirou fundo. Aquilo era uma armadilha, ela sabia, ele e M tinham armado aquilo, era a única explicação possível. E lá estava ela, caindo direitinho. Adrian era perigoso, ela sabia; mas, ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar nele – talvez por isso estivesse tão irritada, afinal. O risco que aquele homem representava a atraía. Fora nele que ela pensara naquela tarde, quando decidiu dar as costas a Guilherme e procurar uma aventura na sociedade. E lá estava ela, na forma de Adrian, estendendo sua mão para Danielle, como um cavalheiro, um príncipe, mas por dentro havia uma fera, um homem cheio de desejos e surpresas excitantes e... aterrorizantes. Ela tinha passado apenas uma noite com ele, o suficiente para que *tudo* mudasse. O que aconteceria se aceitasse aquela mão estendida e se jogasse em mais uma aventura com ele?

- Uma dança – Danielle disse, estendendo a mão e sentindo a voz tremer levemente.

- Uma dança – Adrian respondeu, segurando sua mão com firmeza e, assim que ela sentiu aquele toque, todos seus pelos do corpo se arrepiaram.

Lá estava ele: aquele toque firme, aquela mão gelada que explora partes do seu corpo que ela sequer conhecia.

Adrian a conduziu pela pista de dança como se eles fossem, de verdade, um príncipe e uma princesa. Ela viu Anna e Elsa sorrirem para ela, dando risinhos entre si, como se fossem irmãs de verdade. Céus, todos ali encarnavam seus personagens? Era loucura! E havia também uma Mulan, linda e extremamente sensual, escondendo-se atrás de um leque chinês. Definitivamente sua infância tinha ido para o espaço.

Mas nada disso a fazia se esquecer do toque de Adrian em sua mão, conduzindo-a para o centro do salão. Quando ele finalmente parou, sorriu, travesso, para ela, e segurou-a pela cintura, enquanto erguia sua outra mão. Danielle pousou a mão esquerda em seu ombro largo e encarou-o nos olhos, sentindo a cobiça ardente que emanava deles.

Eles começaram a dançar e, alguns minutos depois, uma nova música começou a tocar. Danielle se espantou, arregalando os olhos e olhando feio para ele.

- Eu falei que era armação!

Adrian deu um risinho e disse, com sua voz rouca e irresistível:

- Você tem razão, minha Fênix... minha Bela. Fiz isso por você. Porque quero que seja minha novamente essa noite.

Aquilo fez Danielle perder o ar. Eles continuaram dançando, encarando-se, enquanto ao seu redor Celine Dion cantava *Beauty and The Beast*. Aquilo era demais. Era covardia.

Meu Deus, meu Deus, o que eu faço?, Danielle perguntou a si mesma, enquanto Adrian a conduzia como se ela fosse uma pluma, só que, por dentro, seu estômago pesava vários quilos e seu coração batia loucamente. Aos poucos, inevitavelmente, a razão foi derretendo. Aquele homem sequer a conhecia e... recriou um conto de fadas para ela. Ela não podia simplesmente ir embora, podia?

E ela não podia negar a si mesma: realmente pensara nele todos aqueles dias.

- E então? – Adrian perguntou, usando novamente aquela voz rouca, para a qual não havia defesa possível.

- Eu serei sua – Danielle respondeu sem ar. – por mais essa noite.

Adrian sorriu, e aquele sorriso fez Danielle tremer.

Não havia mais volta agora. Ela se entregara, mais uma vez, a ele.

Capítulo Dez – Acorrentada

O estômago de Danielle parecia feito de gelo.

Ela olhou para o lado, para Adrian, que a conduzia novamente por aqueles corredores vazios e mal iluminados do edifício, como a estivesse conduzindo por um castelo. Ele a amparava pelo braço com delicadeza, como se, de verdade, eles estivessem em um conto de fadas.

- Foi você que planejou esse tema, Adrian? Quem é você, afinal? – ela fez as perguntas que martelavam em sua mente desde o final da dança romântica e sensual do salão.

- Que graça teria se eu contasse tudo isso pra você, Fênix? – ele retrucou, misterioso. – Aqui nós estamos todos atrás da máscara. Tenho certeza que essa foi sua primeira lição quando entrou aqui. Nós podemos ser quem quisermos.

- Sim, M me disse isso. Vocês são amigos?

- Perguntas, perguntas demais. – Ele parou no meio do corredor e, segurando sua mão direita delicadamente, fez uma reverência, como nos filmes. Danielle corou.

- Ah, pare com isso!

- Pare você com isso, Fênix, e viva a fantasia.

Ela suspirou, novamente sem fôlego, quando ele beijou sua mão enluvada, sem jamais tirar os olhos de cima dela, olhos que não mascaravam toda aquela gentileza: eram frios e predadores, cheios de cobiça.

- Você é minha essa noite. Confia em mim?

Ela respirou fundo antes de responder, simplesmente: - Sim.

- Então feche os olhos. Agora.

Lá estava, o tom de ordem. Danielle fechou os olhos, sentindo os pelinhos da nuca se eriçando e um tremor subir por sua espinha. Era como da outra vez, mas, mesmo após aquela primeira experiência, ela não sabia o que esperar. O que ele faria dessa vez? *O que ele faria com ela?*

Foi quando ela sentiu a respiração dele em sua nuca, o que a arrepiou ainda mais. Suas pernas bambearam, especialmente quando ele a beijou atrás da orelha, lambendo-a bem de leve. Ela se manteve de pé, mas tinha plena noção da ardência que se iniciava debaixo da cintura e irradiava por todo o corpo.

- Você foi má, princesa – ele disse de repente, agarrando sua coxa direita com força e brincando ali com os dedos, subindo por dentro da fenda do vestido até roçar sua virilha. Danielle gemeu, sentindo-se queimar por dentro. – Foi rebelde.

Ela deitou a cabeça nos ombros dele, ainda de olhos fechados, empinando os seios, ansiando pelo toque de Adrian.

- O que eu devo fazer com você depois disso, hein? – ele perguntou e recebeu um gemido como resposta. Com a outra mão, ele puxou o pulso esquerdo de Danielle e prendeu-o atrás dela com violência, apertando sua bunda. Ele subiu ainda mais a outra mão, mas apenas roçou, de leve, os lábios de Danielle, incitando-a ainda mais, levando-a à loucura por aquela doce e angustiante espera. – Isso não pode ficar assim, pode?

Novamente, bruscamente, ele puxou a outra mão de Danielle às suas costas, unindo-as. Ela arfou.

- O que você...?

- Shhh...

- Adrian...

- Não fale – ele disse em seus ouvidos, e ela sentiu quando seus dedos passearam por sua boca, até apertá-la e cobri-la, silenciando-a. Ele ainda a segurava por trás. – Apenas sinta. Confie em mim. Mantenha os olhos fechados.

Danielle sentia o coração pulando dentro do peito. Trêmula e vacilante, ela permaneceu quieta, com mil sensações borbulhando em sua pele. Ela só conseguia pensar no que ele faria a seguir, o que aconteceria? Era uma montanha russa de emoções e ela não tinha a mínima ideia do que esperar na próxima descida. Mas mal podia esperar por ela.

Ela sentiu quando ele envolveu, como na outra noite, seus pulsos com uma fita macia, que ela supôs ser a mesma que ela trazia consigo agora para onde fosse. Seu coração deu mais um salto. Ela jamais esperava que fosse gostar tanto daquilo, mas a verdade era que era excitante demais, perigoso demais. Ela se sentia completamente vulnerável e isso abria todas as suas portas, descia todas as suas barreiras para um prazer inesperado e totalmente entregue.

Foi nesse momento, quando ela sentia todo seu corpo ardendo, que ele a ergueu em seus braços, e Danielle soltou um arquejo de surpresa e imediatamente abriu os olhos. Ela estava no colo de Adrian, o rosto colado em seu peito, sentindo seus batimentos fortes e implacáveis. Ele não olhava para ela, apenas seguia em frente, segurando-a com firmeza em seus braços. Ela os sentia, atrás das costas e atrás da coxa, as mãos ainda atadas

às costas. Era desconfortável, mas também incrível. Isso nunca tinha acontecido. Nunca!

- Feche os olhos, ou terei que vendá-la – Adrian disse, imperativo. – E, depois... puni-la. Você é minha essa noite.

Danielle pensou em várias respostas, mas as engoliu. Estava ansiosa, palpitante e... com medo. Mas era um medo inesperado e excitante, que só a fazia querer continuar com o jogo e ansiar por mais e mais. Era loucura, completamente, mas ela fechou os olhos, aninhando-se no peito de Adrian, sentindo seu calor e o leve movimento de seu caminhar.

Sentiu-o empurrar uma porta e, em seguida, o chão frio de pedra sob seu corpo quando ele a depositou ali, delicadamente. Não ousou abrir os olhos, apenas ficou ouvindo os sons, tentando identificá-los. Havia uma porta pesada, que ele tinha fechado. O som de... trancas, metal? Ela se remexeu, virando-se de lado, desconfortável com os braços para trás, mas ainda atenta. Achava que seu coração poderia explodir somente pela espera.

Foi quando sentiu novamente a respiração dele em sua nuca. Ele estava atrás dela, desamarrando-a.

- Não... – ela se viu pedindo, e então engoliu as palavras que pularam de seus lábios, sentindo a boca seca. Ouviu um risinho de Adrian e, logo em seguida, sua voz rouca:

- Você vai ver.

Ela abriu os olhos, mas estava muito escuro, e demorou para se acostumar à escuridão. Parecia um porão... ou...

Um calabouço?

- Que lugar é esse?

- Você não queria descobrir mais coisas sobre o que havia debaixo do alçapão?

Ele a soltou, somente para abrir seus braços e prender cada pulso acima de sua cabeça, separadamente, em correntes que estalavam, o que a fez se ajoelhar sobre o vestido, que caía ao seu redor. Ela tentou se virar para olhá-lo, mas a posição das correntes tornava o movimento impossível, e ele parecia se divertir escondendo-se atrás dela, respirando em sua nuca, mordiscando seus ombros nus.

- Adrian...

- Você está fazendo muitas perguntas. Já percebi que vou precisar silenciá-la essa noite.

Então ele usou a mesma fita para amordaça-la. A primeira reação de Danielle foi de medo, e ela se debateu por alguns instantes, gemendo por

trás do pano, mas então sentiu as mãos de Adrian abraçando-a, abarcando seus seios cobertos pelo vestido, e então novamente uma torrente de sensações cruzou seu corpo. Ela se jogou para trás novamente quando ele desceu com facilidade seu decote, revelando os seios nus para o ar frio. Os mamilos, enrijecidos, deliraram em êxtase quando ele os tocou, acariciando-os com delicadeza e fúria, tudo junto, fazendo Danielle gemer atrás da mordaca. A incapacidade de gritar a fez sentir ainda mais tesão, e ela se sentiu queimar abaixo da cintura. Os joelhos arranhavam e doíam por causa daquela posição, mas ela pouco estava se importando, porque Adrian massageava seus seios com destreza, enquanto mordiscava seu pescoço.

Ele manteve uma das mãos em seus seios, enquanto a outra desceu até a virilha, e Danielle tentou gritar quando, finalmente, ele tocou seus lábios ardentes com a ponta dos dedos. O que saiu foi um urro sufocado, ao mesmo tempo em que seu corpo se entregava e caía nos braços de Adrian, os seios empinados, as pernas abertas, apenas sentindo aquele toque febril e tão aguardado. Ela puxou os braços, sentindo as correntes apertando os pulsos, e então segurou-se nelas, certa de que cairia se não estivessem ali para ampará-la.

Ah, ah, ela quis suspirar, quando ele colocou o dedo dentro dela, subindo e descendo, em um movimento furioso e constante, que acontecia fácil, de tão encharcada que ela estava. Ele colocou mais um dedo, fazendo todo o corpo de Danielle enrijecer, subindo e subindo na montanha russa, subindo muito alto. Doía, doía esperar, doía de um jeito doce, em todos seus poros, em todas as suas células. Ele estocou os dedos mais uma vez, apertando seu seio direito com força, juntando-os com apenas uma mão, e Danielle urrou quase em silêncio, puxando as correntes, sentindo todos os poros se preencherem com aquele prazer. Seu corpo tremeu por inteiro por alguns longos instantes, em que ela se perdeu de si mesma, sem saber mais onde estava nem como, até que, após alguns pequenos espasmos, ela relaxou, largando o corpo, presa apenas pelas correntes que a impediam de cair.

Danielle olhava para o chão quando sentiu as mãos de Adrian segurando seu rosto, erguendo-o para olhá-lo. Lentamente, com até mesmo delicadeza, ele baixou a mordaca, e ela finalmente soltou o suspiro que lhe vinha do fundo da alma. A respiração estava difícil, como se não houvesse ar, e ela mantinha os lábios abertos, enquanto os dois se encaravam no escuro.

Foi quando Adrian a beijou, demoradamente, ainda segurando seu

rosto como se fosse algo precioso. Era um beijo diferente, havia desejo, sim, mas havia outra coisa.

Adoração.

E isso assustou Danielle.

Capítulo Onze – Medo

Eles se observaram no escuro. Olhos nos olhos. O corpo suado de Danielle tremia, e ela não sabia dizer se era devido ao orgasmo intenso que acabara de ter ou se...

Por medo.

O jeito que Adrian a olhava a assustava, muito mais do que as correntes em que ele a prendia. *Uma adoração*. Algo vivo, profundo, que Danielle não sabia se poderia corresponder. Ou melhor, não sabia se *queria* corresponder.

Quem era aquele homem atrás da máscara?

Porém, ao mesmo tempo, aquilo também a excitava. Como ela podia se sentir excitada e com tanto medo? Parecia que um sentimento alimentava o outro. Ela jamais imaginara que algo assim seria possível. Ela queria correr e queria ficar. Queria gritar e queria sentir.

Mas seu medo falou mais alto daquela vez.

- Me solte, Adrian – pediu, tentando imprimir firmeza à voz, mas o que saiu por seus lábios foi um sussurro rouco e frágil, e ela se odiou por isso, porque Adrian sorriu, sabendo que a tinha em suas mãos.

Suas mãos grandes e habilidosas. Que poderiam fazer o que desejassem com Danielle aquela noite. Ela tinha permitido isso. Ela disse que lhe pertencia.

Mas ela queria o controle de volta agora. E não saber se o conseguiria a deixava ainda mais amedrontada e... cheia de tesão.

- Adrian...

Ele pousou o dedo sobre os lábios entreabertos de Danielle, silenciando-a. “*Shhh*”, ele disse. – Nós ainda vamos jogar mais um pouco.

Algo se contraiu dentro de Danielle, fazendo seu corpo voltar a tremer. Ela puxou as correntes, enquanto Adrian se levantava e, inesperadamente, soltava-as. Os pulsos de Danielle ardiam e a primeira coisa que ela fez foi tocá-los junto ao corpo, protegendo-se, enquanto se levantava, trôpega, e recuava no escuro.

Onde estava a saída daquele lugar?

- Adrian, por hoje chega.

- Por quê? – ele perguntou, e havia decepção e mágoa em sua voz. – Você não gostou?

Ela quase riu. Não, não era isso.

- Gostei, mas...

- Então, Fênix... – ele sussurrou, aproximando-se, e Danielle se assustou quando sentiu seu toque em seus ombros, apesar do mesmo ser o mais delicado possível. – Pare de aprisionar em si mesma – ele ficou em silêncio por alguns segundos, como se hesitasse. Uma hesitação mínima, mas estava ali, Danielle sentia. – Entregue-se, Fênix. Liberte-se.

Danielle abriu os lábios, quase disse, queria confessar que estava com medo. Mas não sabia se podia, se deveria. Talvez aquilo o alimentasse ainda mais. Ela teve momentos íntimos com aquele homem, mas sequer o conhecia. Isso não fugia à razão? Se isso não era loucura, o que era?

- Viva – Adrian disse de repente. – Pare de se esconder e viva.

Ela ergueu os olhos para observá-lo. Conseguia vê-los, ver os seus olhos, que agora não estavam tão frios como antes, mas cheios de emoção. Era aquela mesma que ela tinha visto antes e a assustara. Os olhos de Adrian brilhavam no escuro. *Viva*. Era como se ele soubesse quem ela era, era como se enxergasse atrás da máscara.

Quem era ele? Ela o conhecia?

Adrian tocou seus braços, um toque suave, gentil, até segurar sua mão. Inesperadamente, seu toque lhe passou uma espécie de segurança. – Venha comigo.

Danielle se retraiu. O que iria acontecer agora? O que ele iria fazer com ela?

- Por favor – Adrian pediu. – Não vou forçá-la a nada que não quiser fazer.

Danielle sentiu seu corpo relaxar e apertou a mão de Adrian, permitindo que ele a conduzisse. Para ela, eles pareciam caminhar na escuridão densa e fria, mas para Adrian o caminho fazia algum sentido, porque ele não hesitava em seus passos.

- Cuidado com o degrau – ele disse, e Danielle ergueu os pés, um a um, percebendo para onde ele a estava levando.

Quando Adrian ergueu a tampa do alçapão, ela soube que estavam de volta ao quarto da noite do sábado anterior, onde tinham transado pela primeira vez. A luz a cegou momentaneamente. Assim que se acostumou a ela, os olhos de Danielle foram atraídos imediatamente para a cama larga, coberta por lençóis de seda vermelhos. Ela logo se lembrou de todas as sensações que sentira naquele lugar, e tudo isso se combinou ao orgasmo que acabara de ter. Uma ardência tomou conta dela e logo ela se sentiu molhada. Adrian pareceu perceber, porque sorriu e disse:

- Ainda não. Não aqui. Não essa noite. Venha.

Ele caminhou até a parede oposta, que estava coberta por um cortina de veludo cor de vinho tinto. Adrian correu as cortinas e revelou um espelho enorme, do tamanho de uma pessoa de pé. Danielle se por inteiro, ao lado de Adrian. Os dois de máscara, o vestido amarelo e ousado que ela usava, os cabelos caindo em cascata em seus ombros, a nítida aura de sexo e suor que ela emanava. Era estranho vê-la refletida ao lado de Adrian, que parecia imponente e tão bonito naquela roupa de Fera. A Bela e a Fera, exceto que Danielle não se sentia tão bela assim. Uma coisa era se encarar na frente do espelho, sozinha. Outra era se encarar ali, ao lado de Adrian, tão seguro de si.

Ela não percebeu que ele a observava atentamente e, quando o fez, tomou um susto e recuou, tentando soltar sua mão, mas Adrian a segurou com firmeza.

- Você precisa vencer esse medo.

- Que medo?

- Medo de si mesma. Medo do que os outros vão pensar de você. De você e do seu corpo.

- Eu não tenho medo disso.

- Não? Então venha comigo e prove.

- Não preciso provar nada, droga.

- Precisa sim, Fênix, e não é para mim, é para si mesma.

Danielle hesitou. Ela se olhou no espelho. Ele não era um bicho-papão, era? Não. Ela já encarara outras vezes, oras, ela já se tocara na frente do espelho e *gozara*. Mas ela estava sozinha. Adrian estava com ela agora. Ele já a tinha visto nua. Não completamente. Mas já tinha visto algumas coisas. Meu Deus, por que ela estava se sentindo assim?!

Porque ele a olhara daquele jeito. Daquele jeito como se ela fosse o centro de algo. Talvez de si mesmo. E aquilo era assustador.

- Venha – Adrian disse com a voz firme. – Dessa vez você vai ver tudo. Principalmente a si mesma.

E dizendo essas palavras, Adrian empurrou o espelho. Ele girou, revelando uma porta secreta. Danielle não conseguia ver direito o que havia lá dentro. Adrian entrou primeiro, virando-se para ela, segurando sua mão com delicadeza e convidando-a com os olhos a acompanhá-lo.

Danielle respirou fundo.

E entrou.

Capítulo Doze - Espelhos

Danielle sabia que seus olhos estavam arregalados. De espanto, de choque, talvez até de um pavor irracional.

Eles estavam dentro de uma sala redonda, repleta de espelhos. Havia espelhos por todos os lados, refletindo Danielle por todos os ângulos, ao seu redor, no chão e no teto. Ela girou ao redor de si mesma, observando sua expressão de espanto em todos os espelhos. Nunca se sentira tão exposta, tão... nua. Não importava se ela ainda estivesse usando o enorme vestido, ela se sentia completamente nua.

Aquilo era aterrorizante...

...e por outro lado, excitante.

Havia uma cadeira simples de madeira no centro da sala, com algumas fitas negras que ela conhecia muito bem penduradas no encosto. Danielle estremeceu e seu arrepio se intensificou quando Adrian beijou seu ombro, observando-a pelo espelho. Eles estavam entre dois deles, de maneira que Danielle via a si mesma refletida em duas metades que não se encaixavam. A mão direita de Adrian tocou seu ombro, em apenas um dos lados do espelho, e desceu até agarrar seu seio direito, erguendo com resolução.

- Você está vendo? Essa é você. É assim que a vejo.

Danielle gemeu e empinou o corpo, sem nem perceber. Queria fechar os olhos, mas não conseguia desgrudá-los das imagens dos espelhos. Com a outra mão, Adrian foi descendo o vestido, revelando por completo seus seios, e então o rasgou bruscamente. O som de tecido rasgado excitou Danielle, e percebendo isso, Adrian arrancou a roupa por completo, deixando-a inteiramente nua, refletida em todos os espelhos, todas as partes do seu corpo.

- Você é linda, Fênix – ele sussurrou em seu ouvido, mordiscando o lóbulo de sua orelha de maneira sensual, provocando espasmos em todo o corpo de Danielle. – Veja.

Ela via. Via seus reflexos, todos como ela, mas ainda assim, todos diferentes, nenhum se encaixando no outro. Ela olhou para baixo e viu seu sexo refletido nos espelhos do chão ao mesmo tempo em que os dedos de Adrian a tocavam logo ali, e então ela não conseguiu mais olhar, apenas suspirou, arqueando-se, deixando-se pender sobre ele, que a abraçava por

trás, tomando conta de todo seu corpo.

Sem deixar de tocá-la, Adrian a conduziu até a cadeira. Danielle pressentia o que iria acontecer, mas mesmo assim sentiu as pernas ligeiramente trêmulas e uma ardência no ventre que precedia o gozo. Estremeceu quando ele a colocou sentada na cadeira e afastou suas pernas, expondo seu sexo. Adrian sorria maliciosamente.

Ele não fez nada no começo, ou melhor, fez tudo, mas não o que Danielle imaginou. Adrian mergulhou o rosto em seu ventre, lambendo-a com habilidade, alcançando lugares que Danielle sequer imaginava que existiam. Pela primeira vez, ela usou as mãos livres para arranhar as costas largas de Adrian, gemendo e gemendo, puxando seus cabelos, abraçando-o.

E toda vez que ela abria os olhos lá estavam suas imagens refletidas. Metades inteiras dela mesma, em todos os lugares, várias Danielles, como se ela fosse um quebra-cabeças de muitas personalidades.

Adrian subiu, ainda lambendo-a, seus lábios molhados com o gosto de Danielle. Ele beijou sua barriga, seu umbigo e, deliciosamente, seus seios, um por um, mordiscando os mamilos, enquanto erguia seus braços no alto.

- Quando você está com os braços assim seus seios ficam ainda mais gostosos – ele sussurrou no ouvido dela, e então puxou-os para trás, e Danielle perdeu um compasso, mesmo sabendo o que iria acontecer. Ela sabia desde que entrara ali, mas imaginar e viver eram duas palavras muito diferentes.

Adrian uniu os pulsos de Danielle atrás de sua cabeça, atando-os apertado no encosto da cadeira, tanto que a posição era até desconfortável, mas a forçava a manter os seios empinadíssimos. Ela olhou diretamente para um dos seus reflexos e viu os mamilos excitados, firmes e, de alguma maneira surpreendente, ela se sentiu bela.

Adrian se ajoelhou à sua frente e novamente separou as pernas de Danielle, soltando um resmungo de reprovação.

- Falei para ficar com elas assim – rosnou, arranhando suas coxas enquanto as afastava. – Que teimosa.

Foi então que ele atou, separadamente, cada um dos tornozelos de Danielle aos pés da cadeira, mantendo os joelhos bem separados um do outro. Quando terminou, Adrian se ergueu, posicionando-se atrás dela, erguendo ligeiramente seu queixo com as pontas dos dedos.

- Veja, é você. Linda. Perfeita.

Ela via, era impossível não olhar. O queixo erguido, os seios empinados e excitados, as pernas abertas, o sexo exposto e encharcado.

Gemeu só de olhar para si, só de ver aquela imagem que desconhecia.

Adrian usou as mãos e acariciou seus seios, para cima e para baixo, apertando, deslizando a ponta dos dedos sobre os mamilos, torcendo-os... Danielle gemeu, sentindo a excitação derramar, sentindo a cadeira dura sob suas nádegas, a pressão das amarras em seus pulsos e tornozelos, o jorro que subia e descia dentro dela, pronto para explodir exatamente quando Adrian quisesse, ela não tinha controle algum e isso só a excitava cada vez mais.

De repente, Adrian segurou seu pescoço e deu um tapa estalado em um dos seus seios com a outra mão, exatamente no limiar da dor e do prazer, e Danielle arquejou, no limite entre o grito e o gemido.

As mãos de Adrian passearam por todo seu corpo, todos os poros, toda a pele. Ele se inclinou sobre ela, lambendo-a, até que penetrou dois dedos dentro dela, chupando seu mamilo esquerdo, estocando, uma, duas, três, cinco vezes, até liberar o prazer e libertá-la da dor. E, pela segunda vez, Danielle se deixou desmaiar acordada sobre si mesma, languidamente, sentindo todas as células de seu corpo dormentes. Foi quando Adrian sorriu e disse:

- Essa é você... *Danielle*.

Capítulo Treze - Confie

- Quem é você?! QUEM É VOCÊ?

Ele sabia, sabia seu nome. Sabia quem ela era, desde quando, desde o começo? Quem era ele? *Quem?*

Danielle se inclinou, mas as amarras ainda a prendiam na cadeira. De repente ela se sentiu indefesa, com medo, acuada, presa daquele jeito. Que merda era aquela que estava fazendo? Era tudo loucura, loucura! Aquele homem, ela nem o conhecia, *mas ele sim*, e provavelmente estava jogando com ela, quem sabe o que mais estava pensando!

Aquilo a encheu de uma raiva insana e negra. Ela puxou as amarras com toda a força que conseguiu, e sorriu feroz quando ouviu um som inconfundível de tecido rasgando. Eram apenas faixas de tecido, ela poderia se soltar. Puxou e puxou, irritada, quando Adrian disse com toda a calma do mundo, o que só a irritou ainda mais:

- Pare com isso. Você está sendo ridícula.

- Ah, você acha? Pois você vai ser que ridícula vai ficar a sua cara quando eu socá-la!

Danielle puxou com mais força, mas o filho da mãe tinha feito um nó filho da puta na porcaria das fitas. Ela urrou de fúria. Mais um, mais um homem para enganá-la e brincar com ela, justo quando ela estava se sentindo melhor, justo quando estava se sentindo viva...

Era injusto, tão injusto! Ela quis chorar de frustração, ainda puxando os braços com toda força, mas conseguindo apenas machucar os pulsos. Ao mesmo tempo, não queria dar o gostinho de vê-la fragilizada, apesar de saber que já estava, era impossível não parecer frágil amarrada daquele jeito, nua. Toda a excitação tinha ido para a casa do chapéu depois que Adrian disse seu nome. Droga, ela não ia passar por tudo aquilo, de novo! Mais um, mais um idiota em sua vida! E ele sabia quem ela era!

Adrian, por sua vez, estava parado à sua frente, de pé, os braços cruzados, parecendo se dividir entre pena e divertimento. Aquilo só fazia Danielle ficar ainda mais nervosa e ela gritou.

- Ninguém vai escutá-la aqui. E mesmo que escutassem, gritos são um artigo muito comum nesse clube.

- Eu não estou gritando para que me ouçam, eu estou gritando de raiva!

Adrian revirou os olhos por trás da máscara. Ah, como Danielle queria estar livre para arrancar aquela maldita máscara do rosto dele, para tirar aquela expressão de deboche dele!

- Quem é você?! – ela repetiu, finalmente se cansando de puxar as amarras. Tinha ouvido o som do tecido rasgando mais um pouco, mas os pulsos ardiam.

- Você se machucou, não é?

- Foda-se! – ótimo, ela estava bem irritada. Só falava palavrão daquele jeito quando estava muito puta da vida. Sua mãe ficaria horrorizada. Droga, ela não queria pensar na mãe estando nua daquele jeito. Era... era... tosco e imoral.

- Fênix, eu não vou conversar com você enquanto não se acalmar – por que ele tinha que parecer tão calmo, tão controlado? Danielle queria bater nele, com muita, muita força.

- Agora eu sou “Fênix”, é?

- Você sempre será – Adrian sorriu. – Uma vez que alguém entra no clube, algo muda para sempre. Você nunca mais será apenas Danielle.

- Mas que porra, como você sabe meu nome?!

Adrian suspirou.

- Eu a conheço, claro.

- Quem é você? – Danielle sibilou por entre os dentes, tentando se acalmar, mas falhando miseravelmente. Os seios subiam e desciam, a respiração pesada. Ela queria tanto estar vestindo alguma merda de roupa. Opa, mais um palavrão.

- Você não espera mesmo que eu revele isso de mão beijada, certo? Você é uma mulher inteligente, Danielle. Tenho certeza que pode descobrir esse pequeno detalhe sozinha.

Danielle bufou, largando-se na cadeira, frustrada. Piscou os olhos, tentando espantar as lágrimas. Desviou o olhar de Adrian para que ele não a visse. Queria sumir. Queria nunca mais voltar àquele lugar. Queria nunca mais voltar a vê-lo.

Mas, quando estava pensando tudo isso, ele tocou seu rosto com uma delicadeza surpreendente e limpou a lágrima no canto dos olhos de Danielle com o polegar. Seu sorriso era afável, irritantemente sincero, e ele disse com a voz suave:

- Eu quero que você saiba quem eu sou, mas não assim, não quando você está tão nervosa. Tem que ser aos poucos, e você mesma tem que perceber...

- Você está brincando comigo.

- Não estou, Danielle – ele disse e, dessa vez, a voz estava muito firme. – Não estou, nem por um segundo. O que estamos fazendo aqui... foi real. Em algum momento eu fiz algo que lhe trouxe algo que não prazer? Porque, se for assim, a gente termina isso aqui e agora, e eu nunca mais vou tocá-la, juro.

Não... foi o primeiro pensamento de Danielle. Ela sentiu as palavras escorregarem, teimosas, para longe de seus lábios, antes que ela pudesse impedi-las. Adrian sorriu. Ela não conseguia saber se ele sorria com pretensão, se com sinceridade. De repente a máscara que ele usava tinha se tornado pesada e, mesmo que ela conseguisse enxergar seus olhos, não conseguia enxergar suas emoções. Ela ainda estava brava, mas, ao mesmo tempo, também estava excitada, curiosa. Quem era aquele homem? Se ela conhecia, quem era? Ela conhecia várias pessoas... quando a gente pára pra pensar, tantas pessoas passam por nossa vida. Será que ele era alguém distante? Ou seria alguém próximo?

- Por que você está fazendo isso comigo?

- Porque eu quero que você perceba como é especial, Danielle – ele disse de uma vez, num jorro de palavras. – Porque você precisa perceber que é uma mulher bonita, desejada e que pode e deve sentir prazer.

Aquilo atingiu Danielle de um jeito que nem ela conseguia compreender. Quem era aquele homem que queria tudo aquilo para ela? Que a achava importante assim? E por quê, se ele pensava dessa maneira, estava se escondendo? Ela suspirou, tentando virar o rosto, mas Adrian não permitiu. Ele segurou seu rosto com ambas as mãos, forçando-a a olhá-lo.

- Eu pedi para você confiar em mim e você confiou. Vai continuar confiando depois disso?

Danielle demorou algum tempo para responder. Tentava resgatar aquela fúria de cinco minutos antes, mas, por algum motivo, talvez por aquele toque delicado que a arrepiava, talvez por aquelas palavras que ela não sabia se podia acreditar, mas que ainda assim pareciam doces... talvez, por tantos motivos, a fúria estava derretendo dentro dela. Mas ainda havia coisas que ela precisava saber, respostas que ele precisava dar.

- Você planejou tudo isso? M não me encontrou por acaso?

Adrian suspirou profundamente. – Eu não vou responder essas coisas a você, Danielle. É você que precisa encontrar as respostas.

Ela remexeu a cabeça, soltando-se das mãos dele. Adrian recuou, parecendo magoado. Será que era isso mesmo que ele sentia? Maldita máscara, Danielle queria desesperadamente arrancá-la. Ela se largou na cadeira, de repente se sentindo terrivelmente cansada.

- Meus pulsos estão doendo.

- Eu vou soltá-la, mas só se você prometer que não vai arrancar minha máscara quando eu o fizer.

Danielle ergueu os olhos para ele e, por alguns segundos, eles apenas duelaram com o olhar. Ele parecia saber exatamente o que ela estava pensando. Droga, por que ela era tão transparente?

- É um direito meu, já que você sabe quem eu sou – rosnou.

- Se você remover minha máscara, eu vou sumir da sua vida. Dessa vida, Fênix, e da outra, Danielle. E aí você vai descobrir quem eu sou, mas nunca o que poderíamos ter sido.

O silêncio após as palavras de Adrian era perturbador. Danielle engoliu o nó que se formou em sua garganta. Será que ela queria mesmo arriscar isso? Ela não estava apaixonada, mas... aquelas noites foram tão intensas. Ela se sentiu tão... viva. Mas o pior era não ter certeza de quem ele era. Ela estava pronta para arriscar perder alguém na sua vida? E se ele fosse alguém importante?

Adrian se ajoelhou à sua frente, apoiando as mãos em suas coxas. Aquelas mãos... Danielle sentiu um arrepio só de olhá-las. Adrian tinha um olhar firme, duro, aquele olhar gelado que ele tinha. Ela soube, nesse momento, que ele não estava blefando. Se ela arrancasse a máscara, Adrian realmente cumpriria sua palavra. Ele não voltava atrás, era o que diziam aqueles olhos.

Ela arriscaria tudo. Ela o perderia e perderia também quem estava atrás da máscara.

- Ok – ela disse simplesmente. O ar parecia pesado entre os dois e, depois de alguns instantes, ela completou: - Mas eu vou descobrir quem você é. Eu vou.

Adrian sorriu, satisfeito, e então a beijou com intensidade e volúpia. Ela sentiu a língua dele dentro de sua boca, voraz, explorando cada canto, muito mais ávida do que jamais esteve antes. Aquilo a assustava, mas também a excitava; quem era aquele homem disposto a tudo aquilo, por ela?

Ela sentiu as mãos dele puxando seus cabelos na nuca, a outra apalpando seu seio com ardor. Danielle gemeu, sentindo a excitação voltar. Adrian circulou seus mamilos, fazendo-a delirar, sem nunca parar de beijá-la. Foi só quando Danielle puxou os braços, tentando tocá-lo e sentindo as amarras, que se deu conta de que aquilo era errado. Precisava parar. Não podia continuar, não aquela noite, não daquele jeito.

- Pare – ela sussurrou, separando-se do beijo, o ar escasso.

- Por quê?

- Porque eu não consigo essa noite. Porque eu preciso pensar. Porque eu preciso descobrir quem é você.

Adrian se afastou, devagar, sem falar nada. Por um instante, Danielle quis desesperadamente pedir para que ele voltasse, seu corpo ansiando por aquele prazer perdido, mas ela precisava se manter forte. Era muita coisa, não podia simplesmente ignorar aquilo, não seria verdadeiro. Ela sentiu a ausência dele, dolorosa, ao mesmo tempo em que ele a soltava, com mais pressa do que o normal.

Algo teria se partido? Como ela queria ver seus olhos sem aquela máscara. Como ela queria saber o que ele estaria sentindo. Como ela queria entender por que ele fazia tudo aquilo.

Seus pulsos estavam avermelhados, ardendo, mas não estavam muito machucados. Adrian soltou também seus pés e, assim que o fez, encarou-a, quase em desafio. Danielle se levantou, encarando-o também.

- Eu não vou retirar sua máscara – ela disse. – Fiz uma promessa.

Adrian levou a mão ao seu rosto. Quando Danielle percebeu o que ele estava fazendo, segurou seu pulso com força.

- Mas você também não vai retirar a minha – ela disse, feliz por seu tom de voz continuar firme. – Aqui eu sou Fênix.

Adrian recuou, mas seu sorriso e o aceno de sua cabeça confirmaram para Danielle que ela tinha feito o certo. Ele segurou suas mãos e beijou seus pulsos avermelhados.

- Sinto muito.

- Fui eu que fiz isso. Fiquei irada com você. Eu queria... queria arrancar sua máscara, bater em você, cravar minhas unhas... argh, eu ainda quero!

Adrian sorriu.

- Obrigado.

- Por não te bater?

- Por confiar em mim.

Capítulo Quatorze – Obsessão

O café estava com um gosto suspeito.

Danielle mostrou a língua para a tela do computador, entediada. Era um daqueles dias raros e estranhos no escritório, quando finalmente ela não tinha porra nenhuma para fazer a não ser tomar café e fingir que estava trabalhando. Resultado: ela estava no quinto café depois do almoço e só eram 4h30 passada. Parecia que faltava uma eternidade para as seis. Argh!

Tudo isso somado ao que tinha acontecido no sábado só estava deixando Danielle ainda mais inquieta. Ela sentia que estava ficando paranoica. Observava cada rosto masculino com uma obsessão doentia e saltava de susto sempre que ouvia alguma voz grossa falando com ela. Já criara mil suposições, milhares de cenários onde homens que ela conhecia colocavam uma máscara e a faziam gemer de prazer.

Algumas cenas eram bizarras. Como quando ela estava na copa apanhando mais um café e observou o estagiário narigudo que ela sempre trocava o nome – Fábio ou Flávio? – e ficou imaginando se seria *ele*. Então o rapaz reparou em seu olhar, corou até a raiz dos cabelos e deixou cair café, sujando toda a bancada.

Definitivamente não.

Algumas cenas eram constrangedoras. Logo depois do almoço, quando Danielle estava babando de sono em frente ao computador, seu maldito chefe chegou de mansinho (o idiota sempre fazia isso!) e perguntou pela milésima vez se ela tinha enviado a matéria sobre comida de boteco para o seu e-mail (ela tinha enviado na semana passada!). Só que dessa vez Danielle não conseguira ficar irritada; seu chefe falou com uma voz rouca (devia estar resfriado, ela pensou mais tarde) que fez seu corpo tremer e o estômago cair até os sapatos. Droga!

Não, não poderia ser ele. Não, não, não!

Ela tinha que parar com aquela obsessão! Não, Adrian não era o cara da manutenção. Ok, ele bem que poderia ser o bonitinho da TI, que às vezes Danielle chamava para ajudá-la no computador, inventando os problemas mais estúpidos, só para sentir seu cheiro loção pós-barba; o problema era que essa tática só parecia estar deixando-o mais rabugento, o carinha era um fofinho, mas super estressado, especialmente com os “usuários”, como o

pessoal da info chamava. Será que ele era o Adrian?

Não, não, não.

Ok, ela estava ficando oficialmente maluca.

Mas como ela poderia descobrir quem era Adrian desse jeito? Era muito difícil. Ele deu tão poucas pistas. Ela precisava ficar de olho nele no próximo sábado. Isso se fosse lá, quem sabe fosse bom dar um tempo, quem sabe fosse bom sair com outro cara no clube, ela podia fazer isso, por que caraminholas ainda não tinha feito? Porque Adrian era gostoso e ela ficava pensando nele a semana inteira. Droga, não era isso! Não, ela tinha que vê-lo no sábado, estava decidido. Para estudá-lo. Mas como ela poderia prestar atenção na sua voz e nos seus traços quando ele metia aquelas mãos nos lugares mais impróprios e a distraía daquele jeito delicioso?

Merda. Merda, merda, merda, merda, mil vezes!

O celular vibrou. Droga, o chefe estava passando perto das baías, fiscalizando. Maldição. Vibrou de novo. E de novo. E de novo. Aquilo estava distraído Danielle, ela tinha que olhar, argh, malditos *smartphones* que nos deixam vibrando de curiosidade! Sai, sai daí, chefe! Ele não saía, por mais que Danielle enviasse todas as pragas mentais que se lembrava.

Banheiro! O banheiro sempre salva nesses momentos. Santa falsa caganeira!

Danielle se levantou, esgueirando-se por baías até alcançar, finalmente, o maravilhoso banheiro. Estava ocupado, claro, e como todo mundo conseguia vê-la dali ao lado da porta, Danielle não podia simplesmente pegar o celular e olhar. A porcaria continuava vibrando no bolso traseiro do jeans. Droga, quem estaria demorando tanto? Só podia ser outra enroladora, como ela. Ela bem que desconfiava que não era a única desocupada naquela segunda-feira.

Quando a antipática Rosana do RH finalmente saiu do banheiro, Danielle praticamente se jogou porta adentro. Sentou-se no vaso sanitário com a tampa abaixada e desbloqueou o celular.

Duas mensagens do WhatsApp. Uma era de Samuel e a outra... de Guilherme.

Danielle hesitou com o dedo em cima das fotos dos dois até que, depois de instantes tortuosos, escolheu Samuel. Não era nada de mais, só um convite para tomar um café na Starbucks da Paulista. Ótimo, ótimo, ela precisava de mais cafeína. Teclou rapidamente que o encontraria lá às seis e quinze e então mudou para a janela de Guilherme. O que aquele canalha poderia estar dizendo para ela depois do fora que ela lhe deu outro dia? Porque da última vez que Danielle checara, aquilo tinha sido um ótimo fora.

Ela poderia ganhar um prêmio por aquilo. Fora fantástico.

Dani? Dani, preciso falar com você.

Dani a gente não pode ficar desse jeito.

Você saiu daquele jeito outro dia, me deixou falando sozinho!

Dani, a gente precisa se encontrar.

Só consigo pensar em você, sinto sua falta.

Sinto falta de te jogar na cama e te chupar todinha.

Danielle quase deixou o celular cair ao ler essa última. Merda, merda, merda! O que aquele cara estava *fazendo*? Poutz. Como ele podia... como tinha coragem... depois de tudo... ele achava que ela era o quê? Danielle começou a digitar uma mensagem, começando com “vá se fod-”, até que parou.

E se?

Não, ela não queria pensar nisso. Mas... mas uma vez que aquele pensamento infiltrou seu cérebro, ela não conseguia parar de pensar.

E se Guilherme fosse Adrian?

Não, não, NÃO!

Mas Adrian tinha mentido. Quando tinha descoberto isso, Danielle chegou até a compará-lo com Guilherme, ele tinha sido...

...mas Adrian também foi extremamente delicado no final. Ele tinha dito aquelas coisas todas e feito Danielle se sentir incrível. Disse que estava fazendo aquilo para ela se sentir especial. Guilherme a tinha feito se sentir um lixo.

Mas e se ele estivesse arrependido?

Não! Droga, não, ela não queria que eles fossem a mesma pessoa. Tinha que ser outra pessoa, tinha que ser!

Danielle decidiu ignorá-lo. Guardou o celular no bolso, deu a descarga para nada, lembrou-se da falta de água e se sentiu péssima pelo desperdício. Encarou-se no espelho e não pôde deixar de se lembrar daquela sala cheia de espelhos. Ela se viu ali, refletida, por completo e tivera um dos melhores orgasmos da sua vida, para depois ficar completamente irada com a mentira de Adrian. Tinha que descobrir quem ele era! Tinha!

Talvez valesse encontrar Guilherme mais uma vez, qualquer hora dessas, só para fazer o tira-teima. Mas não hoje. Pelo menos uma coisa no meio de toda essa confusão Danielle tinha aprendido.

- Deixa ele me procurar – ela sorriu para o espelho.

Danielle sugou seu *mocha* gelado, fazendo barulho, enquanto observava as mesas no café. Tinha que parar com isso, mas não conseguia evitar. Ela conhecia tanta gente. Até os carinhas que serviam o café, ela ia lá quase todos os dias, e se fosse um deles? Ela nem sabia seus nomes, a menos que olhasse o crachá, mas isso não era saber coisa alguma. Como poderia ser algum deles? Isso não era *conhecer*, era?

- Terra chamando Dani, alguém na escuta? Câmbio.

- Ah, droga, Samuca, você tá aí.

- Poxa, que beleza ouvir isso. Eu te chamo pra um café e você fica puta porque eu estou dividindo a mesma mesa? Tranquilo, nem tô magoado.

Ele virou mais um gole do expresso, com cara de cachorro abandonado.

- Ah, Samuel, eu não quis dizer isso. Você sabe.

- Só vou aceitar as desculpas se me comprar um rolinho de canela.

- Filho da mãe.

- É isso ou divórcio?

Danielle riu pra dentro do canudinho.

- Eu nem consigo imaginar a gente casados, que coisa doida, Sam.

Samuel tomou um longo gole do café, escondendo-se atrás do copo e observando a avenida pela janela com cara de peixe morto. Demorou tanto tempo para responder que Danielle ficou com medo de ter dito algo errado, mas quando ele voltou a olhar para ela estava sorrindo como sempre.

- Então, fala aí, já tem alguém em vista?

Danielle engasgou.

- Oras, não faz essa cara não. Faz um tempão que você e o zé ruela terminaram, tá demorando para aparecer com a nova-paixão-amor-da-tua-vida-para-sempre-até-semana-quem-vem.

Foi a vez de Danielle dar um longo gole na bebida.

- Nem vem, eu não sou assim.

- Tá, mas a pergunta se mantém.

A primeira imagem que veio à cabeça foi de uma cama, seda preta, vendas e gritos de prazer. Danielle sentiu que o rosto ficou mais quente e tratou de desviar aquele pensamento. Ela nem conseguia sonhar em contar aqueles detalhes sórdidos para Samuel. Havia um limite para a amizade entre um homem e uma mulher, heterossexuais. Se Samuel fosse gay seria outro departamento, mas Daniele sabia que ele não era. Fazia um tempo que ele não comentava sobre alguém (aparecer com alguém era outra

história; Danielle nunca o vira com alguém), mas ela sabia de umas histórias de garotas que o decepcionaram. Samuel era bem cuidadoso com esses assuntos e parecia ser ainda mais ferrado no amor do que Danielle, se é que isso era possível.

Mas sim, o limite continuava lá. Ela não conseguia sequer se imaginar contando para o amigo que entrara num clube secreto para transar loucamente com caras desconhecidos. E praticar BDSM, ou pelo menos era isso que ela achava que andava fazendo.

- Conheci um cara – ela disse, tentando soar indiferente. – Mas...

- Mas...?

- Não sei. Não consigo decidir se gosto dele ou não. Talvez seja só pra passar o tempo. Às vezes parece que jamais vou conhecê-lo de verdade.

- Mas será que não vale a pena tentar? E se ele for legal?

- Pois é, aí que tá, eu não sei dizer se ele é legal.

- Hum – Samuel resmungou e virou todo o café de uma vez. Depois ficou brincando o copo, parecendo não saber o que fazer com as mãos. – Acho que vou lá pegar mais um café e o rolinho de canela.

- Deixa que eu vou, Samuca.

- Nha, tava brincando. Relaxa.

De repente ele parecia meio sério e se levantou com tudo, esbarrando na propaganda e derrubando-a da mesa, mas nem notou. Danielle o observou se dirigir à fila, confusa.

Não. Não e não.

Era até engraçado pensar nisso. Danielle espantou a ideia como a uma mosca quando sentiu o celular vibrando de novo.

Se você não me responder vou aí na sua casa.

Mas que merda, Guilherme estava passando dos limites. Bufando, Danielle digitou contrariada:

“Não, não vai. Pare de ser ridículo.”

Então agora você me responde? Pare você de ficar dando uma de difícil.

Ela ficou olhando para a mensagem por alguns segundos, irada. Ela não estava dando uma de difícil (ou estava?). Não, não estava! Ela só queria descobrir quem era Adrian, mas se ele fosse Guilherme... não, ela nem queria pensar nisso, porque se fosse...

Ela só queria descobrir aquilo e pronto. Nada mais. Definitivamente não queria Guilherme de novo.

Danielle silenciou o telefone e a vibração. Que Guilherme ficasse no vácuo, ele merecia por ser folgado e presunçoso do jeito que era. Quando

Samuel voltou já tinha estava normal de novo (talvez fosse o efeito do açúcar do rolinho de canela) e os dois bateram papo e riram como sempre. Danielle só foi checar o celular de novo quando estava no metrô, duas horas depois, voltando para casa.

Tinha só mais uma mensagem de Guilherme.

Estou te esperando.

Capítulo Quinze – Vermelho

O celular tremia na mão de Danielle.

Não.

Era ela que estava tremendo.

Danielle olhou para a tela por vários minutos, absorvendo a mensagem que estava ali. Ela ouvia as nomes das estações da linha azul no alto falante, sempre uma menos, sempre uma mais perto da sua, como numa contagem regressiva sinistra.

Ela tentou responder à mensagem. *“Como assim tá me esperando? Onde você tá?”*, mas Guilherme não respondeu. O que ele queria dizer com isso? Será que estava esperando na estação, como fazia às vezes quando namoravam? Ou será que estava na portaria do seu prédio, esperando sua chegada? O porteiro o conhecia, eles até batiam papo às vezes. Mas ela não queria que ele subisse. Não queria vê-lo. Uma coisa era encontrá-lo no café ou em qualquer outro lugar, outra muito diferente era ele na sua casa. Ela não estava preparada para isso. *Ela não o queria lá.*

Queria?

Não. Ela já tinha passado dessa fase. Não queria Guilherme. Naquele momento ela soube: se ele fosse Adrian, tudo estaria terminado. Ela não era capaz de perdoá-lo, não quando ele a tinha feito se sentir tão mal. Ela imaginara mil vezes perdoá-lo, imaginara como seria viver com ele novamente, mas em todos os cenários ela sentia o medo. O medo de ficar sozinha novamente. O medo de perdê-lo. O medo de se machucar.

O medo de ser traída.

Ela não aguentaria essa situação duas vezes. E exatamente por isso, não poderia ficar com Guilherme novamente.

Mesmo que ele fosse Adrian.

Quem sabe ela descobrisse isso essa noite. Quem sabe aquela noite dos espelhos tivesse sido sua última com ele.

Ao menos uma coisa ela tinha aprendido com Adrian, ou seja lá qual fosse seu nome: ela podia ser desejada. Ela era bonita, podia sentir e dar prazer.

Mas se Guilherme fosse Adrian, ela estaria tão certa disso? Se Adrian e Guilherme fossem a mesma pessoa, todas aquelas palavras, todas aquelas sensações... fariam parte de um jogo?

Não, ela não queria que essa possibilidade fosse verdadeira. Se eles fossem a mesma pessoa... isso a destruiria.

É só o Guilherme, ela pensou, deixando o trem e subindo as escadas da estação já meio vazia. Era mais de onze da noite, e as coisas ali não eram exatamente movimentadíssimas após aquela hora. Danielle ajeitou a jaqueta, protegendo-se do ventinho frio que fazia quando deixou a estação e alcançou a rua. *Só o Guilherme. Vou chegar lá na portaria, dizer oi, dizer que estou cansada e mandá-lo embora. Não haverá nada em seus olhos que sequer lembrem Adrian. Ele irá embora e eu vou dormir. Pronto.*

Mas quando abriu empurrou o portão, não havia ninguém conversando com o Seu Raul da portaria. Quer dizer, havia sim, ele estava no interfone, parecendo envolvido em uma conversa com um dos moradores que deveria estar reclamando de alguma bobagem. Danielle pensou em perguntar se alguém viera vê-la e fora embora, mas acabou desistindo, a conversa no interfone não parecia acabar nunca.

No hall tampouco havia alguém esperando. Algo pesado deixou seu. Ela não queria *mesmo* ver Guilherme. Estava cansada e não queria mais pensar, nele, em Adrian, em quem poderia ser Adrian, em ninguém. O café com Samuel tinha sido ótimo e ela estava de bom humor, não queria estragá-lo. Depois do café eles acabaram pegando um cinema juntos e lanchando no McDonalds, tinha sido uma noite ótima e tranquila. Era isso que ela queria naquele momento: tranquilidade e a sua cama quentinha, só.

Ela sorriu para o espelho no elevador, aliviada. Apanhou as chaves na bolsa, saltou no seu andar, girou-as na tranca da porta. O apartamento estava escuro e silencioso; Danielle gostava dele assim, nem acendeu as luzes. Tirou os sapatos, jogou a bolsa no sofá, arrancou o jeans e jogou-o em algum lugar, sem se importar, depois arrumaria a bagunça. Quem sabe um bom banho a faria bem, a faria esquecer aquela obsessão com Adrian. Quem sabe ela devesse descobrir aquilo aos poucos, sem pressa, sem forçar a barra.

Apanhou uma toalha no varal, abriu os botões da blusa branca que vestia, caminhou até o quarto para escolher uma lingerie confortável na gaveta.

E congelou.

Mãos tocavam sua barriga nua, abraçando-a pela cintura. Havia gelo ao invés de sangue em suas veias.

Ela conhecia aquele toque.

- Dani.

Danielle gritou.

- ME SOLTA! ME SOLTA, GUILHERME!

- Não, Dani! Me ouve!

- Eu não quero ouvir você! – Ela gritou de volta, arranhando a garganta, de repente se sentindo muito vulnerável daquele jeito, quase nua, os braços de Guilherme ao seu redor, aquele toque. Não, não, ela não queria, ele não podia estar ali. – O que você tá fazendo aqui? Vá embora!

Ela se debateu tanto que em algum momento seu cotovelo bateu em algo duro e, finalmente, Danielle se viu livre do aperto. Ela apanhou a toalha caída no chão, atravessou a cama num pulo e se viu do outro lado, enrolada na toalha, assustada, encarando um Guilherme que apalpava o queixo dolorido do outro lado do seu quarto.

- O que você tá fazendo aqui?! – Ela perguntou e odiou a voz esganiçada e assustada que ecoou pelo quarto escuro.

Guilherme ainda apalpava o queixo, mas sorria. Parecia tão diferente daquele cara que era seu namorado, *daquele cara que ela um dia amou*. Ele apanhou algo no bolso e balançou o objeto no ar.

- Você esqueceu que me deu chaves do seu apartamento, Dani? Por onde anda com a cabeça, afinal?

As chaves balançaram para cá e para lá, como um pêndulo hipnótico. Danielle sentiu a garganta se fechar. Ela tinha esquecido de pedir as chaves de volta e nem pensou em trocar o segredo da fechadura. Jamais imaginaria que Guilherme usaria aquelas chaves. *Mas ele não devolveu... estava com elas o tempo inteiro*. Danielle ajeitou a toalha, segurando-a com toda a força como se fosse um escudo. Aquilo pareceu divertir Guilherme.

- Desde quando você tem vergonha de ficar pelada na minha frente, Dani? – Ele perguntou, rindo, enquanto guardava as chaves de volta no bolso. – A gente já fez tanta coisa que isso é bem ridículo, sabe?

- Você estava na minha casa desde a hora que me mandou a mensagem? – A voz de Danielle estava rouca. A garganta ardia.

- Estava, você queria que eu te esperasse onde?

- Que tal lá fora, como uma pessoa decente faria?

As últimas palavras fizeram Guilherme estreitar os olhos, irritado. Ela sabia que ele estava irritado, porque ele sempre juntava as sobrancelhas daquele jeito que estava fazendo, mas dessa vez aquela expressão a assustou. Ele deu um passo à frente e Danielle automaticamente recuou um passo, sentindo a madeira do criado mudo encostar atrás da pele do seu joelho.

- Dani, pra que isso? Para de ser ridícula, eu só quero conversar!

- A gente pode conversar em outro lugar, outro dia. Não precisa ser

aqui na minha casa. Não precisa ser agora, não precisa ser comigo desse jeito!

- Você é que não quis conversar comigo, lembra? Você me deixou falando sozinho no café aquele dia, Dani, porra! Não se faz isso com um cara! Você acha que eu sou o quê?

- Eu acho que você é o cara que me traiu. – Danielle retrucou com a voz fria. – Eu acho que você é o cara que disse que eu era ruim de cama, que a *Bibi* ou sei lá qual é o nome dela é bem melhor.

Guilherme riu.

- Então é isso. Você está ressentida, com ciúmes. Dani, a Bibi é história.

Danielle não respondeu. Não sabia como. Ele achava que ela deveria ficar feliz ao saber daquilo? Que ela deveria voltar correndo para ele? Ela achava que faria isso, *antes*, mas agora... agora ela só sentia um vazio amargo no peito. Guilherme só estava ali porque “Bibi era história”, como se ela fosse uma maldita segunda opção.

- Dani, vamos, pare com isso – ele se aproximou mais um pouco, contornando a cama, devagar. Danielle tentou recuar mais um passo e acabou batendo com a perna no criado mudo, encostando no copo d’água que sempre deixava ali. O copo tombou, derramando água na madeira e no piso. Danielle sentiu o líquido frio nos seus calcanhares. – Vem cá, vamos conversar...

- Guilherme... – ela conseguiu encontrar a própria voz, mesmo que ela estivesse baixa e rouca, mesmo que estivesse trêmula e assustada. – Guilherme, vá embora... eu não quero...

Ele estava tão perto, tão perto. Ela conseguia sentir o cheiro do seu perfume misturado ao hálito de cerveja. Tinha bebido, era isso. – Guilherme, você bebeu... a gente conversa outro dia, agora vá embora... por favor.

- Dani, eu quero você.

Tão perto.

Tão rápido.

Aconteceu tudo tão, tão rápido.

De repente Guilherme estava sobre ela, seu corpo pesado, seu hálito forte, a toalha tinha ido embora, ele estava segurando seus pulsos e apertando sua boca, ela queria gritar, ele estava mordendo seus seios, arrancando o sutiã com os dentes, e machucava, machucava, e ela estava se contorcendo e chutando, e havia lágrimas em seus olhos...

Até que ele soltou sua mão para arrancar de uma vez o sutiã,

irritado, e apertar seus seios, e ela queria gritar, mas a mão dele ainda estava na sua boca, e ela sentiu o vidro gelado em seus dedos e de repente...

De repente...

Havia vermelho.

Vermelho em suas mãos. Vermelho no rosto de Guilherme. Vermelho em seus seios. Vermelho no edredom. Vermelho.

Guilherme se levantou, recuando até bater de costas na parede, as mãos no rosto, no olho direito, e saía muito, muito sangue, sangue que pingava no piso, sangue que sujava a cortina, sangue que estava na mão direita de Danielle, cheia de cacos de vidro.

- SAI DAQUI! – Ela se ouviu gritando, não parecia sua voz, parecia a voz de outra pessoa. – EU NÃO QUERO TE VER NUNCA MAIS!

- SUA LOUCA, VADIA! O QUE VOCÊ FEZ? O QUE VOCÊ FEZ?

- SOME DAQUI! EU VOU CHAMAR A POLÍCIA!

- EU É QUE VOU SUA LOUCA! LOUCA!

Danielle se inclinou na cama para pegar o celular jogado do outro lado e se arrastou para o outro lado, usando a cama como uma barreira precária. Levantou o celular e ameaçou mais uma vez:

- SAI! EU VOU CHAMAR A POLÍCIA! VAI EMBORA, GUILHERME!

- PUTA! – Ele cuspiu, deixando o quarto e um rastro de sangue atrás de si. Ela ouviu a porta sendo batida com força e o barulho dos passos dele se perdendo na escadaria.

O celular tremia na mão de Danielle.

Não.

Era ela que estava tremendo.

Danielle escorregou pela cama até o chão frio. Suas mãos estavam machucadas; havia vidro grudado nelas e sangue, o seu sangue, o sangue de Guilherme, eles se confundia, se trançavam, e tudo estava vermelho.

Ela abraçou os joelhos, cobrindo os seios. O sutiã estava arrebitado, um dos seus mamilos aparecia, havia um roxo feio no seio direito. Onde ele tinha mordido. Onde ele tinha batido.

Danielle limpou o celular com as costas da mão esquerda, mas ficou um traço de sangue. Ela discou o número. Chamava, chamava sem parar. *Atende, atende.*

- Oi Dani – finalmente disse a voz reconfortante do outro lado. – Tudo certo? Chegou bem em casa?

- Não... Samuel... você pode vir aqui... agora?

Capítulo Dezesseis – Feridas

Tudo estava borrado.

Parecia um quadro mal pintado, uma imagem mal sintonizada. Danielle não se lembrava de quando Samuel tinha chegado nem o que ele tinha dito quando entrou pela porta aberta. Ela não saberia repetir as palavras que disse a ele ao telefone, tampouco. Ela não lembrava se o porteiro tinha interfonado ou se ele tinha entrado direito. Não sabia dizer nada disso, nada. Tudo o que ela via estava borrado e manchado de vermelho. E quando ela sentiu os braços de Samuel ao seu redor, parecia que eles estavam lá desde sempre.

Ela conhecia aquele toque.

Danielle achava que tinha chorado, porque em algum momento Samuel tocou seu rosto e molhou as mãos em suas lágrimas. Ele a embalou e ela se sentiu segura por alguns preciosos instantes.

Nunca tinha notado como o cheiro de Samuel era bom.

- Você tá machucada, a gente tem que sair, ir para um hospital, uma delegacia...

Danielle negou. Virar a cabeça doía, então ela fez isso bem devagar e sentiu uma ou duas lágrimas escorrerem por seu rosto já marcado.

- Dani, não tem não querer, a gente tem que ir.

- Não, Samuel! – Sua voz finalmente saiu e parecia quebrada, sem sentido. Ela sabia que ele não ia entender, mas ela precisava falar. – Não quero que ninguém saiba disso.

- Dani, você não tem que ter vergonha! Quem tem que ter vergonha é aquele filho da puta! Como ele pôde fazer isso com você? Ele precisa ser preso-

- Samuel, eu quebrei um copo no olho dele! – Danielle o interrompeu e novamente sentiu a garganta arranhada, trancada. Ela via mais uma vez todo aquele vermelho, o que tinha acontecido, o que Guilherme tinha feito, o que ela tinha feito. – Saía tanto sangue, Samuel... tanto, tanto sangue... Não sei o que eu fiz com ele, mas acho que foi grave. O que ele pode dizer de mim se eu denunciá-lo? Será que vão acreditar em mim? Olha pra mim, Samuel, as minhas mãos estão cheias de vidro e sangue *dele*!

- Dani...

- Eu não sei, eu não sei o que vão dizer, o que ele vai dizer de mim. E

se me culparem? – Ela baixou os olhos e viu o seio machucado e exposto, e só então se deu conta de que Samuel estava ali e ela estava daquele jeito; cobriu-se com o braço esquerdo, cuja mão não estava machucada. Samuel olhava para ela, não com desejo, mas sim como alguém que se preocupava, e ela ficou grata por aquele olhar naquele momento. – Eu estou horrível...

Samuel segurou seu pulso delicadamente e observou o ferimento na mão direita de Danielle.

- Eu ainda acho que isso não é certo, mas é sua decisão, Dani. Vamos, vamos lá no banheiro limpar isso.

Ele a ajudou a se levantar e conduziu-a até o banheiro, onde abriu a torneira e deixou a água fria limpar o ferimento na mão de Danielle. Ela ainda cobria o seio machucado com o outro braço, não sabia se porque ele doía ou se porque não queria que Samuel o visse, mas ele não estava olhando, na verdade; estava concentrado na mão dela e em cuidar do problema.

- Droga, eu gostaria que a Sofia estivesse aqui. O marido dela é médico, né, ela deve ter aprendido a cuidar dessas coisas.

- Não quero que mais ninguém saiba disso, Samuel – Danielle disse de repente, e ela mesma se surpreendeu com o tom firme de sua voz. – Só você, por favor...

O amigo não respondeu, apenas bufou pelo nariz e fez o melhor que pôde para tirar o caco de vidro que estava preso na mão de Danielle. Ele lavou de novo sua mão na água corrente e depois se aproximou para olhá-la.

- Não parece um corte tão feio assim, Dani... acho que a maioria do sangue na sua mão era daquele cretino mesmo. – Samuel se virou para ela e, surpreendentemente, sorria. – Acho que você ferrou legal mesmo com o cara, ele merecia. Olha, Dani, não fica se culpando, não. Tomara que ele fique bem zoadado por uns tempos, é o que eu quero, pelo menos.

Danielle conseguiu sorrir de leve, mas o peso em seu peito não diminuiu.

- Eu não queria tê-lo machucado, Samuel... não foi certo. Mas ele... ele...

- Shhh – o amigo sussurrou no seu ouvido, abraçando-a e acariciando seus cabelos. – Já passou, Dani. Já passou. Eu estou aqui, ele não vai mais te machucar agora. Ninguém tem o direito de tratá-la assim, você só se defendeu. Eu espero fazer bem pior do que você fez se algum dia cruzar com esse filho da puta na rua.

Danielle não respondeu, apenas aspirou o cheiro bom que vinha

dele. Era bom ficar ali, abraçada a ele, sentindo seu carinho nos seus cabelos, aconchegada ao seu peito. Ela quase deixou escapar um “não” quando ele se afastou, mas se deteve bem a tempo.

- Vou ver o que eu posso fazer pela sua mão, você tem aquelas coisas de passar em volta?

Danielle sorriu.

- Gaze. Eu tenho sim, seu tonto. Que belo enfermeiro eu fui arrumar.

- Falei que era melhor você ir pra um hospital.

Samuel desinfetou e enfaixou sua mão com cuidado, e depois Danielle ficou vários minutos apenas debaixo do chuveiro quente, chorando. Samuel estava lá fora, limpando seu quarto; ela ouvia os pequenos sons que o denunciavam. Ele não fez perguntas idiotas ou comentários, apenas a respeitou e deixou que chorasse, sozinha, e ela se sentiu agradecida por isso também. Seu seio doía quando encostava nele sem querer. Ela passou pomada depois do banho e colocou um pijama largo de algodão, sem sutiã, para ficar confortável. Quando saiu do banheiro, Samuel estava debruçado na pia da cozinha, preparando um chocolate quente.

- Ei, você tá aí – ele disse com um meio sorriso, um tanto tímido, como se não soubesse direito o que dizer ou fazer. Danielle queria dizer que ele estava sendo ótimo, mas só de pensar sua garganta travava de novo, então ela apenas sorriu também, levemente. – Eu sei que você não gosta de ninguém mexendo na sua cozinha, mas é só um chocolate quente, ok? Vai ser bom pra você, chocolate sempre é bom.

Danielle desencostou do batente da porta e o abraçou pelas costas, sentindo novamente as lágrimas arderem em seus olhos, mas prometeu a si mesma que não choraria mais. Estava acabado, tinha passado. Mas ela precisava agradecer a Samuel de alguma maneira e essa era a única que ela não precisava falar.

Samuel pousou as mãos sobre as suas em sua barriga e se virou devagar para olhá-la. Havia muitas coisas naquele olhar, e Danielle queria estar mais atenta para descobrir o que tudo aquilo significava, mas só conseguia olhar de volta para ele. Ela se aproximou dele, do seu rosto, e sentiu o hálito de chocolate que emanava dali. As mãos de Samuel estavam em suas costas, apenas segurando-a gentilmente, sem apertá-la. Danielle se colocou na ponta dos pés, seus rostos muito próximos, e abraçou seu pescoço; era estranho, o corpo de Samuel parecia paralisado, travado, como se ele não soubesse bem o que fazer ou estivesse surpreso demais para agir.

Havia algo ali. Nos seus olhos. Nos seus lábios.
Mas aquele era Samuel. Seu amigo. Seu melhor amigo!
O que ela estava fazendo?

No último instante, Danielle se desviou e beijou-o no rosto longamente. Ela sentiu o corpo de Samuel relaxar e, por um instante, se sentiu estranhamente desapontada, mas mesmo assim encostou a cabeça no peito dele e fechou os olhos, aspirando o aroma doce de chocolate quente.

*

Danielle não foi trabalhar nos dias seguintes; tinha horas extras, na verdade, dias para compensar, e ligou para o trabalho avisando. Seu chefe não ficaria nada feliz, mas ela não tinha condições de aparecer no escritório daquele jeito, muito menos de fazer qualquer coisa naqueles dias.

À medida que o sábado se aproximava, Danielle se sentia mais confusa e ansiosa. Ela pensava nas coisas que vivera naquele prédio, naquele Clube, e fora tudo ótimo, mas toda vez que pensava em tudo aquilo também se lembrava do que tinha acontecido com Guilherme, e seus pelos se arrepiavam de medo, então ela afastava todas as lembranças e se concentrava em xícaras de café e *reality shows* de culinária e música na tevê.

Samuel ligou várias vezes depois daquela noite, quando ele dormira no chão, em um colchonete meio puído, ao lado de Danielle, que virara a noite, insone, no sofá. Ela não conseguia – de novo – dormir em sua própria cama, e novamente o culpado era Guilherme, mas era muito, muito pior do que da outra vez. Fora reconfortante ter Samuel em casa naquela noite, como se ele pudesse, apenas com sua presença tranquila, afastar todas as coisas ruins, exceto aquelas que se aninhavam no fundo da mente de Danielle. Essas não iam embora de jeito nenhum.

No entanto, nos dias seguintes, Danielle negou que ele dormisse lá novamente e não quis que ele viesse vê-la. Ela sabia que arriscava magoá-lo dessa maneira, e ele era um amigo maravilhoso, mas sua cabeça estava a milhão naqueles dias e ela não conseguia pensar ou fazer mais nada além de se afogar numa letargia escura e silenciosa.

Checava o celular de vez em quando, mas não havia mais mensagens de Guilherme. Ela só podia imaginar como ele estava agora, o que será que tinha acontecido com seu olho? Ela não queria se preocupar, ele fora um canalha – duas vezes –, mas se preocupava; um dia ela o tinha amado,

afinal.

Mas mais ainda, ela se preocupava com a raiva que tinha emanado dos seus olhos aquela noite, e o que ele poderia fazer. Ela não imaginava que ele fosse capaz de invadir seu apartamento (ela trocara todos os segredos no dia seguinte ao acontecido) e tentar forçá-la daquela maneira...

Ela pensou em Adrian e se arrepiou. Ele gostava de jogos de dominação, era o que tudo aquilo era no final, certo? *Mas ele nunca a tinha forçado a nada. Ele tinha dito que ela era especial.* Mas e se eles fossem a mesma pessoa, como ela tinha suposto em algum momento?

O sábado chegou antes do que ela esperava, e lá estava Danielle, com as pernas encolhidas no sofá debaixo de um edredom, espiando bobagens na tevê por cima de sua caneca sem realmente prestar atenção. Todos os dias, Samuel ligara e mandara mensagens, mas naquele sábado o telefone emudecera. Ela pensou em ligar para ele, será que o tinha magoado de verdade? Mas ele era seu amigo, entenderia que ela precisava de um tempo depois daquilo, certo?

Ela ficou acompanhando os minutos, as horas passarem no visor do celular. Cinco horas, normalmente ela já estaria escolhendo o que vestir. Seis horas, ela estaria pronta, observando-se no espelho do quarto. Sete horas, a caminho, talvez já entrando naquele lugar... e depois? Depois uma noite de inteira de sexo e prazer, mas Danielle não conseguia pensar nisso agora, não depois do que tinha acontecido, ela precisava de um tempo. Mais que tudo, ela precisava confiar em Adrian; ele mentia para ela, afinal, escondendo o jogo, sabendo o tempo todo quem ela era. Ele poderia ser qualquer um, e aquilo a atormentava.

Finalmente, Danielle apanhou o celular e discou para Samuel. Quem sabe, se ele estivesse à toa, ele pudesse passar lá, os dois poderiam comer uma pizza. Certamente, depois de todos aqueles dias, Danielle não ia ter mais pensamentos estranhos com o amigo. Só se sentira daquela forma porque estava fragilizada e ele estava sendo tão atencioso...

Mas a ligação caiu na caixa postal, deixando Danielle sozinha.

Capítulo Dezessete – Especial

Danielle vestiu uma calça preta e colada ao corpo e se encarou no espelho. Parecia boa: a roupa ficou justa, sensual, mas ainda a deixava segura, como ela queria se sentir. Aquele sábado ela não conseguiu nem pensar em usar uma saia ou vestido; eles a faziam se sentir vulnerável, e isso era o exato oposto de como ela queria se sentir aquela noite.

A semana passara num piscar de olhos. Os machucados sararam, mas as feridas internas permaneciam. Guilherme ainda estava em silêncio, um alívio por um lado, mas uma preocupação do outro. Ela não conseguia arrancar aquele sentimento amargo de dentro de si, de que ele poderia aparecer a qualquer minuto e machuca-la e, por isso mesmo, precisava consertar as coisas, ao menos uma parte delas, *aquela noite*.

Samuel ligou no dia seguinte, domingo, e os dois foram dar uma volta de bicicleta no Ibirapuera. Ele disse que no dia anterior tivera um problema de família e precisara pegar um ônibus para sua cidade natal, no interior do estado, onde os pais moravam. Claro que só era algo assim simples, era o Samuel, afinal.

Entretanto, no fundo, quem realmente povoara os pensamentos de Danielle aquela semana tinha sido Adrian. Uma semana sem ir ao Clube, duas semanas sem vê-lo. O que ele estaria pensando? O que teria passado por sua cabeça ao não vê-la no sábado anterior? Mas, mais importante, quem era ele? Danielle decidira que estava cheia de todo esse mistério e dos jogos: dessa vez ela descobriria quem ele era de qualquer jeito. Se Adrian fosse Guilherme... bem, ela simplesmente o removeria de sua vida, estava decidida.

Mas... e se ele fosse outra pessoa?

Não importava. Ela só precisava resolver aquele assunto, acabar com aquela dúvida, sentir-se novamente no controle. A época dos jogos tinha acabado.

Danielle colocou uma blusa decotada por cima, mas não tão justa, que caía bem em seu corpo. Emagrecera naqueles dias, mas não fora de um jeito bom. Não depois do que acontecera naquele apartamento. Danielle ainda não conseguia dormir na própria cama e isso a deixava ainda mais enfurecida. Era só uma das coisas que gostaria de retomar o controle em sua vida.

E ela resolveria uma boa parte desses problemas aquela noite.

*

- O que aconteceu com você?

M. arregalou os olhos quando a viu. Danielle, no entanto, manteve a pose firme. Ela tinha uma missão aquela noite. Talvez, dependendo do que acontecesse, seria sua última noite naquele lugar.

- Não importa, faz parte da minha vida lá fora – Danielle respondeu, um tanto mais seca do que talvez fosse necessário, mas era como se sentia. – M., você precisa me dizer... O que você sabe sobre o Adrian?

M. caminhou por entre as araras de roupas, passando os dedos pelas peças, pensativa. Aquele dia haveria um baile chique, mas Danielle não estava com humor para fantasias e se recusou a trocar de roupa. Ela só queria encontrar Adrian e resolver tudo aquilo.

- Você não deveria estar me fazendo essas perguntas, Fênix – ela disse, soando um pouco dura. – Você sabe quais são as regras do Clube.

Danielle sabia e sentia que estava quebrando pelo menos uma delas. Mas Adrian tinha quebrado todas, ele sabia exatamente quem era ela, e Danielle não podia deixar por isso mesmo.

- Aconteceu algo entre vocês, não foi? Sinceramente, eu não gosto quando dois membros se envolvem assim... O Clube é para que as pessoas tenham prazer, e sempre acho que funciona bem melhor com várias pessoas, não com uma só. Isso... não está certo. Quando a vi, desolada, naquele metrô, Fênix, eu sabia que não estava certo. Você precisava se sentir especial, mas por você mesma, não por alguém...

Especial.

A palavra fez um sino soar dentro da cabeça de Danielle.

- Você não me encontrou por acaso, M.?

M. ergueu os olhos, e mesmo atrás da máscara, Danielle percebeu o que eles confessavam: desconforto, arrependimento, mentiras.

- Responda, M.!

- Não, não foi por acaso. Adrian me pediu para encontrá-la...

Danielle soltou um palavrão. Ela empurrou uma arara de roupas, derrubando vestidos no chão, enfurecida. M. apenas mordeu os lábios, tensa.

- Eu não sei quem ele é, antes que seja isso que esteja pensando. Conheço Adrian aqui do Clube, há alguns anos... foi ele que... Bem, ele foi meu padrinho.

Milhões de perguntas pipocaram na cabeça de Danielle, todas disputando para serem mais relevantes que a anterior, mas uma delas a incomodava mais que as outras: M. e Adrian teriam transado? Mesmo mordida, Danielle se forçou a permanecer em silêncio, esperando que M. contasse mais.

- Eu não sei quem ele é fora daqui, ok? – M. fez questão de frisar. – É claro, como ele foi meu padrinho conheço seu rosto sem a máscara, como conheço o seu, Fênix. Mas nada além disso. Ele sempre foi muito reservado, com... gostos picantes, alguns que passei a apreciar também. – Danielle sentiu uma pontada no estômago. Então eles tinham mesmo transado. Mas por que ela estava se importando? *Porque quebrara a segunda regra.* – Tenho curiosidade para saber quem ele é, claro, mas sei que às vezes isso só tira a magia da coisa. Por isso o Clube tem regras, por isso você não deveria estar me perguntando essas coisas, Fênix.

- Eu preciso saber, M. Preciso saber tudo o que puder a respeito desse homem. Ele sabe quem eu sou, você mesma acabou de dizer que ele pediu que me procurasse, que me convidasse para o Clube!

M. deixou os ombros caírem, desanimada, e então suspirou, impaciente.

- Eu fiz um favor a ele, como um amigo que ele é. Sim, ele é meu amigo, não meu amante, porque aqui, no Clube, nós supostamente deveríamos ter vários amantes, não apenas um, Fênix. E, como amiga, aconselho você a fazer a mesma coisa: esqueça o Adrian, esqueça toda essa história, vá se divertir. Se está com raiva, essa é a melhor resposta que pode dar a ele, e a melhor coisa para si mesma. O Clube é para as pessoas se divertirem e se sentirem desejadas, não para criar relacionamentos. Por isso temos regras e, aparentemente, Adrian esqueceu isso... e você nem sequer aprendeu.

- Ei, não é culpa minha o que Adrian fez. Na verdade, M., isso também é culpa sua, que foi fazer o que ele pediu. Você ao menos pensou o que poderia estar fazendo à vida de outra pessoa?

Depois daquilo, M. realmente se irritou. Com os olhos flamejantes, ela segurou os ombros de Danielle e empurrou-a até o espelho mais próximo.

- Acorda pra vida, garota! – ela disse, a voz feito pedra. – Você está muito melhor do que quando a encontrei. Olha pra você!

Danielle olhou, tentando enxergar aquilo que M. dizia. A primeira coisa que viu foi uma mulher desolada, ferida pelos recentes acontecimentos. Mas então ela se lembrou da sala dos espelhos, de Adrian

dizendo que ela era bonita e especial, e lembrou também que havia outra Danielle lá dentro, viva, uma que Guilherme não conseguira destruir, nem antes, nem agora. Uma Danielle que estava escondida, mas que Adrian tinha despertado.

E nesse momento ela percebeu: Adrian não podia ser Guilherme, nem em um milhão de anos. Apesar dos jogos, apesar das coisas que Adrian gostava de fazer, ele a tratava com carinho, às vezes até com reverência, como se Danielle fosse alguém realmente importante. Para ele.

- Eu não sei por que Adrian me pediu para que fosse procurá-la, meu bem – disse M., agora com um pouco mais de suavidade, talvez até com ternura na voz. – Mas sei que você estava arrasada, aquela garota que vi no metrô... ela estava acabada. E olha você agora, Fênix. Nem sempre as coisas são como gostaríamos que fossem, mas nós fazemos uma diferença no universo. Eu acredito nisso. Sempre existe uma pessoa que nos deseja, mas, especialmente, sempre existe alguém que gosta da gente, e do jeito que a gente é. Eu ainda não encontrei essa pessoa, mas, e se você tiver encontrado? E se tudo o que eu falei estiver errado e o certo for só uma pessoa para gente? Eu não sei se Adrian é esse alguém, eu nem sei quem ele é, mas uma coisa eu sei: ele gosta de você, de um jeito ou de outro, mas o suficiente para desejar que você perceba como é especial.

Capítulo Dezoito – Atrás da máscara

Aquele quarto tinha um cheiro diferente.

Não era só sexo. Era outra coisa. Um significado. Danielle observou-o em cada detalhe, memorizando-o, guardando cada pedacinho de lembranças que aquelas paredes encerravam. Talvez não voltasse ali nunca mais. Ela não sabia se era isso que queria, mas talvez fosse o que precisasse. Tudo dependeria de quem entrasse por aquela porta.

Ela continuou esperando.

Sentou-se na cama, alisando os lençóis, pensando nas palavras de M. Tinha pedido a ela para que avisasse Adrian que o esperava naquele quarto, não queria bailes nem encenações aquela noite, apenas a realidade. Toda aquela aventura tinha sido ótima, mas havia aquele pedaço de Danielle que ansiava pela vida *real*. Pelas mãos dadas, pelos abraços de conforto, pelos sorrisos sem outros significados além da felicidade. Por algo além do sexo maravilhoso entre aquelas paredes de ilusão.

M. tinha dito que, de um jeito ou de outro, Adrian só podia gostar muito dela para fazer tudo aquilo para fazê-la se sentir importante, especial. Mas quem era ele? Ela se deitou na cama, de costas, observando o teto de dossel, digno de um castelo de contos de fadas. Mas não queria mais uma história de mentirinha. Queria a verdade.

Fechou os olhos por alguns instantes, tentando imaginar o rosto de Adrian, o rosto de alguém que ela conhecia e que a amava.

- Você me ama? – ela sussurrou para o quarto vazio.

- Sim.

Danielle se sentou imediatamente, abrindo os olhos, o coração batendo depressa dentro do peito, e lá estava ele. Adrian. Encostado à porta, as mãos atrás das costas, parecendo, talvez pelo que fosse a primeira vez, vulnerável, *de verdade*. Havia algo triste ali também, naqueles olhos, atrás da máscara. Danielle podia sentir.

- Isso não é o suficiente, Danielle? – ele continuou, ainda parado no mesmo lugar, observando-a com aqueles olhos penetrantes que não estavam mais frios. Pelo contrário. Havia, sim, muito sentimento neles.

Os dedos de Danielle se fecharam em torno do lençol. Ela sentiu várias coisas ao mesmo tempo. Ansiedade, medo, fúria, curiosidade, ternura. Ela queria saltar sobre Adrian e remover aquela máscara estúpida,

mas também havia algo abaixo do seu ventre, *selvagem*, que queria apenas pular sobre ele, tocá-lo e beijá-lo e tantas coisas... Ela não sabia que tinha sentido tanto sua falta até revê-lo. Era uma saudade louca, que se dividia, doía fisicamente, assim como machucava por dentro.

- Isso – ela disse, apontando para a cama – é que não é o suficiente para mim.

Adrian se afastou da porta, aproximando-se devagar. Danielle se levantou, tensa, ainda com os dedos flexionados, observando-o. Aquela vez, aquela vez... ela estaria no controle.

- Eu *preciso* saber quem você é, Adrian. Mesmo que isso acabe com o que quer que exista entre nós.

- Danielle, isso pode acabar não apenas com isso – ele disse, apontando para a cama, para o quarto. – Pode acabar com coisas muito, muito maiores. Muito mais especiais.

O jeito... o jeito com que ele pronunciara as últimas palavras. Aquela voz. *Muito maiores. Muito mais especiais.* Era como se ele tivesse, enfim, removido a máscara e se revelado para ela. A sua voz... também era uma máscara.

Algo se comprimiu dentro de Danielle e ela se sentiu ligeiramente tonta. *Mais especiais.* Ela compreendia. Ah, sim, agora ela compreendia. Como não tinha percebido antes? Ou não quisera perceber?

Ela fechou os olhos, tentando disfarçar as lágrimas que se formaram no canto deles. Sentiu, com um tremor que misturava alívio e medo, ternura e perplexidade, as mãos dele. Em sua pele, em seu rosto, acariciando-a. Sorriu, sem pensar, sem se refrear. Não abriu os olhos. Não precisava, não agora.

- Talvez... talvez isso seja apenas o começo – e disse o nome dele, o seu nome de verdade.

Ele a beijou.

E era diferente e inesperado e incrível, assim como era sensual e ousado e provocante, mas também seguro e terno.

Muito mais especiais.

Danielle passou os braços ao redor do seu pescoço, aproximando-o, desejando-o. Dessa vez, fora ela quem rasgara sua camisa, fora ela quem tocara sua pele, fora ela que removera suas roupas, acariciando o tórax, os cabelos, beijando sua nuca, mordiscando sua orelha, sussurrando seu nome ao pé do ouvido, apertando sua bunda, segurando entre os dedos seu membro rígido.

Ele arfou e então gemeu quando ela o empurrou, sorrindo, para a

cama, e então ficou acima dele.

Dessa vez ela estava no controle.

Ela empurrou os braços dele para o alto, apoiando-se neles, sem parar de beijá-lo, sentindo a rigidez de seu prazer contido abaixo do ventre, mas não tirou a roupa, não ainda, não agora, seria apenas quando ela quisesse. Dessa vez ele teria que esperar. Ele teria que desejá-la e aguardar pelo momento certo, o momento que Danielle lhe permitiria amá-la.

Danielle acariciou-o, arranhou-o. Ele gemia por entre os dentes, ansioso, quando ela fez uma descida lenta por seu tórax, beijando-o, lambendo-o, até alcançar a fonte de seu prazer. Ela deixou escapar uma risadinha, apenas para provocá-lo. Era a sua vez agora.

Era tão bom dar prazer quanto recebê-lo. Danielle se sentia saciada ao sentir a tensão nos músculos dele, a respiração arfante, a subida e descida de seu peito nu, os gritos de prazer. Ele tremeu sob ela, todo o corpo, e então ela se sentiu inteira.

Ele a olhou, e ela o reconheceu.

Ele tirou a máscara.

Danielle sorriu.

Ele também, mas seu sorriso estava novamente cheio de desejo, sensualidade e sim, uma boa dose picante de perversidade.

Talvez ela gostasse daquilo nele, afinal.

Talvez aquilo, agora, todas aquelas coisas somadas... talvez fosse isso que ela sempre tivesse precisado. E também o que sempre tivesse desejado, bem lá no fundo, onde nem ela saberia desvendar seu próprio segredo.

Mas ele sabia.

Ele removeu sua blusa com certo cuidado, com uma delicadeza que era ao mesmo tempo estranha e familiar, para depois desabotoar o sutiã com destreza, revelando seus seios nus e excitados. Ele colocou as mãos neles, acariciando-os de maneira sutil, mas firme, e Danielle inclinou a cabeça para trás, sentindo aquela conhecida torrente de sensações que chegavam quando ele a tocava.

- Você é linda.

Ela o beijou e os dois caíram sobre a cama, entrelaçados, confundindo-se, mãos e pernas e lábios e memórias, e ele a puxou para si, removendo o restante das roupas, acariciando todo seu corpo com a determinação de quem sabia que, ali, naquele instante eterno, ela era sua e ele era dela.

O instante seguinte era mistério.

Muito maiores. Muito mais especiais.

Mas talvez eles pudessem construí-lo, juntos.

Quando se amassem, pelo que parecia a primeira vez, agora *real*.

Quando se abraçassem, pela milésima vez, mas agora com outro significado.

Quando se dessem as mãos, entrelaçando os dedos.

Quando se beijassem.

Jamais revele seu nome.

Jamais se apaixone.

Jamais remova a máscara.

Ela sentiu a felicidade jorrando de si quando ele a enchera com seu prazer.

Jamais se apaixone.

- Eu te amo, Samuel.

Danielle tinha quebrado a segunda regra, tinha certeza disso. Não precisava mais esperar para dizer aquilo em voz alta. Ela entendia muito bem, mesmo antes, mas não poderia dizer aquelas palavras sem ter a certeza de seu nome.

Samuel.

Agora era verdadeiro.

E o que importava o depois? Ela queria o agora.

Quebrara todas as regras.

Estava ansiosa por quebrar muitas outras.

Depois

Os saltos dos sapatos de Danielle ecoavam no apartamento vazio. Para onde quer que olhasse, não havia móveis ou adereços. Vazio de lembranças, boas ou ruins. Papel em branco, ávido para receber novas histórias.

Ela abriu e fechou janelas, observou a vista, inspecionou cômodos, portas, paredes, piso. Seus saltos faziam barulho no piso de madeira. Clec, clec, clec.

- Você deveria parar com isso, sabia?

Ela olhou para ele. Samuel estava encostado no batente da porta do que poderia ser o quarto de Danielle, os braços cruzados, aquele seu sorriso perverso brincando nos lábios. Que conveniente. Às vezes ela ainda achava difícil se acostumar com aquele sorriso naquele rosto tão conhecido seu, aquele sorriso que refletia ideias ousadas, coisas que ele gostaria de fazer *com ela*. Mas isso não queria dizer que ela não gostasse.

Era o terceiro apartamento que ela visitava. Estava decidida a se morar do seu antigo apartamento. Havia lembranças demais naquele lugar. Queria começar do zero.

Com Samuel.

- Parar com o quê? – ela perguntou, também com um sorriso nos lábios. Sabia muito bem ao quê ele se referia.

- De andar por aí com essa bundinha, fazendo barulho com esses sapatos. Acho que você sabe muito bem o que isso provoca em mim, Danielle.

Ela riu. Ela sabia sim. Tinha certeza.

Samuel tentou puxá-la para si, mas ela se esquivou, caminhando pelo quarto, fazendo mais barulho. Clec. Clec. Clec.

- É bem mais espaçoso que o quarto antigo. Dá para colocar uma cama *queen*, não acha? Quem sabe até uma *king*. – Trocar a cama também era uma de suas prioridades, além de se mudar.

- Eu já te disse, Dani, você não precisava alugar outro apê. Podia ficar lá em casa – ele sorriu novamente. – A minha cama dá muito bem para as tudo o que queremos fazer.

Danielle meneou a cabeça, revirando os olhos. Já tiveram aquela conversa milhares de vezes, Samuel sempre dizia que entendia, mas não

perdia a oportunidade de jogar a ideia de novo e de novo.

- Já falei, Sam, quero a *minha* casa. Fica melhor desse jeito.

Ele deu de ombros.

- Um homem pode arriscar, certo?

- Sim, pode – ela concordou, ronronando. – Você, especialmente, pode fazer várias coisas. Comigo.

Ele ergueu as sobrancelhas, momentaneamente surpreso. Havia muito Adrian em Samuel, mas havia também Samuel em Adrian, aquele mesmo cara que Danielle conhecera antes, simples e incrivelmente ingênuo para uma ou duas coisas, apesar de gostar de várias brincadeiras ousadas.

- O quê? – ele perguntou, finalmente sacando a ideia. – Aqui? Agora?

- Por que não? Eu tranquei a porta. – Danielle mostrou as chaves. – Você só sai daqui se eu quiser.

Samuel olhou para os lados, como se procurasse câmeras ou alguém vigiando.

- Não que eu esteja recusando, mas... Dani, esse ainda não é o seu apartamento! Isso não é...

- Errado? Errado é o tempo que estamos perdendo – ela retrucou, aproximando-se dele, pousando o indicador em seus lábios para fazê-lo se calar. – E meu nome aqui é Fênix, Adrian.

Ela o beijou, puxando sua nuca para si, sôfrega, apertando sua bunda com força. Adrian correspondeu, voraz, como sempre se transformava naqueles momentos, enlaçando-a com os braços, segurando seu pulso com determinação, empurrando-a até a parede. Ele ergueu seu braço acima dos ombros, sem nunca parar de beijá-la, e Danielle já estava sem fôlego, gemendo, mas sem se importar. Adrian espalmou a mão esquerda em sua coxa, brincando com a meia-calça três quartos, subindo os dedos debaixo da saia preta que ela usava, roçando a renda da calcinha.

- Adrian... – ela sussurrou em busca de ar, inclinando o pescoço, o convite perfeito para ele beijá-la naquele lugar, enterrando o rosto em seu colo, no decote dos seus seios, fazendo Danielle gemer de prazer e antecipação. – Eu... eu... espera... eu trouxe umas coisas.

Isso o fez parar por um pequeno instante, trocando um olhar curioso e safado com ela. Danielle sorriu, a confirmação que ele esperava. – O que está esperando? Vamos usá-las.

Sentindo o coração aos pulos, rapidamente ela correu para a bolsa e tirou de lá alguns apetrechos que apanhara na gaveta apressadamente antes de sair. Ela se divertia com o pensamento de que guardava aquelas coisas na gaveta de casa agora, em meio às calcinhas e sutiãs.

Adrian sorriu, alisando a barba por fazer lentamente, como se já estivesse formulando maneiras de utilizar os objetos nas mãos de Danielle. Ele observou as paredes nuas, insatisfeito, até que deixou o quarto, decidido.

- Ei, o que está fazendo?

Danielle o encontrou na cozinha. Era uma cozinha ampla, do tipo americana, com uma mesa de mármore que a separava da sala, um dos motivos pelos quais ela estava tentada a alugar aquele apartamento. Havia ganchos acima da bancada, para pendurar taças. Samuel estava olhando para eles.

Foi Adrian quem sorriu para ela e bateu os dedos no mármore duas vezes, e não foi preciso que repetisse para que Danielle entendesse o convite. Ela colocou os apetrechos na bancada e se aproximou, os corpos separados por centímetros de tensão. Adrian a segurou pela cintura e a fez subir na bancada, sentando-a ali de frente para ele. De uma vez só, ele tirou sua blusa, revelando os seios ainda cobertos pelo sutiã.

- Você confia em mim? – ele fez aquela pergunta, aquela que arrepiava todos os pelos de Danielle, dos pés à cabeça.

- Sim.

- Erga os braços – ele usou o tom de ordem, era Adrian falando. – Agora.

Ela obedeceu, sentindo algo pulsar abaixo do ventre. O que ele iria fazer dessa vez?

Adrian escolheu, dentre as coisas que Danielle tinha trazido, uma corda fina e negra, que usou para amarrar primeiro o pulso esquerdo de Danielle, fazendo um nó em um dos ganchos, e depois amarrou separadamente o direito da mesma maneira, forçando-a a manter os braços abertos e no alto. Ele sorriu e observou seus seios, que estavam empinados devido à posição.

O próximo item que ele escolheu foi uma tira de renda negra, que usou para vendá-la. Ainda era possível ver a silhueta de Adrian através, mas as coisas pareciam embaçadas como em um sonho, um muito bom.

Ele a beijou, não na boca agora, mas em todas as partes de seu corpo. Ela inclinou a cabeça para trás quando ele alcançou seu pescoço e então empinou os seios, ao que Adrian retribuiu, desabotoando o botão frontal do sutiã com habilidade. Eles se revelaram, livres, e Danielle sentiu quando os lábios precisos de Adrian começaram a chupá-los, em uma dança extasiante com a língua, enquanto ele acariciava os mamilos do outro com uma das mãos e afastava sua coxa esquerda com a outra, abrindo suas

pernas.

Danielle gemeu alto, sentindo o corpo inteiro tremer.

- Não... você não pode falar... o que estamos fazendo é proibido, esqueceu?

- Eu... eu...

- Shhh... vou ter que fazê-la se calar?

- Adrian...

Ele a soltou, e ela ouviu o barulho dele vasculhando novamente suas coisas. Quando voltou, amordaçou-a com uma fita de seda – *aquela, a primeira*, mas não muito forte, apenas o suficiente para abafar seus gemidos, o que só a fez suspirar ainda mais. Era louco, até mesmo angustiante, mas também incrivelmente excitante estar em suas mãos daquela maneira, completamente entregue.

Adrian se dedicou por mais alguns a seus seios, levando-a à loucura de ansiedade e antecipação. Não fosse ele tê-la silenciado, ela sabia que já estaria gritando para que ele a satisfizesse naquele instante. Ela abriu mais as pernas, em um convite silencioso, e finalmente, abençoadamente, foi quando ela o sentiu puxando sua calcinha e acariciando-a com os dedos, enquanto não deixava de mexer em seus seios.

Uma, duas, três vezes, e ela se inclinou ainda mais para trás, agarrando-se às cordas, sentindo-os na pele sem se importar, o mármore frio sob a pele incrivelmente quente, o corpo se retorcendo de prazer.

Quando ela estava quase no ápice, ele puxou a fita de sua boca, deixando-a cair em seu colo, para então calá-la com um beijo no mesmo instante em que Fênix urrava de prazer e jorrava um doce deleite em seus dedos.

Todo seu corpo tremeu por alguns milagrosos instantes, envolvidos nos braços e boca de Adrian, até que Danielle relaxou, repousando a testa no ombro dele.

- Vou fazê-lo pagar por isso, Adrian.

Ela sentiu Samuel sorrir.

- Estou esperando ansioso por esse momento, Fênix.

Fênix e Adrian.

Danielle e Samuel.

Todos nós temos duas personalidades, afinal. Elas apenas ficam escondidas, bem no fundo, ansiosas por se libertarem.

Atrás da máscara, você é livre.